

**UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE**

**MEDIAÇÃO CULTURAL PARA A PEQUENA INFÂNCIA: UM PROJETO
EDUCATIVO NO MUSEU GUIDO VIARO**

SOLANGE DE FÁTIMA GABRE

**JOINVILLE
2011**

**UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE**

**MEDIAÇÃO CULTURAL PARA A PEQUENA INFÂNCIA: UM PROJETO
EDUCATIVO NO MUSEU GUIDO VIARO**

SOLANGE DE FÁTIMA GABRE

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade do curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Linha de pesquisa: Patrimônio e Memória Social – Identidade.

Orientadora: Silvia Sell Duarte Pillotto.

JOINVILLE

2011

Termo de Aprovação

“Mediação Cultural para a pequena Infância: um projeto educativo no Museu Guido Viaro”,

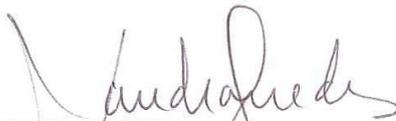
por

Solange Gabre

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.

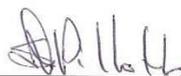


Prof. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)

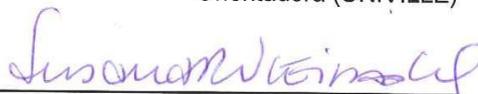


Prof. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

Banca Examinadora:



Prof. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Susana Rangel Vieira da Cunha
(UFRS)



Prof. Dra. Sueli de Souza Cagnetti
(UNIVILLE)

Joinville, 16 de maio de 2011.

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Gabre, Solange de Fátima

G117m Mediação cultural para a pequena infância: um projeto educativo no museu
Guido Viaro / Solange de Fátima Gabre ; orientadora Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto ;
– Joinville: UNIVILLE, 2011.

163 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade –
Universidade da Região de Joinville)

1. Museu Guido Viaro. 2. Pequena infância. 3. Ensino de artes - Criança.
4. Museu de artes – Mediação cultural - Crianças. I. Pillotto, Silvia Sell Duarte
(orient.). II. Título.

CDD 708

À pequena infância

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai José (in memoriam) e a minha mãe Anacir, pela educação que me proporcionaram, que me fez ser quem sou.

Ao meu amor Jorginho, que me apoiou sempre.

À Prefeitura Municipal de Curitiba, pela dispensa concedida para a realização dessa pesquisa.

À Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, principalmente a diretora do Departamento de Educação Infantil, Ida Moro Milléo de Mendonça, pelo apoio e incentivo.

A minha orientadora, Silvia Sell Duarte Pillotto, pela autonomia e confiança.

Às professoras Sueli de Souza Cagnetti e Mariluci Neis Carelli, pelas sugestões e orientações dadas durante o exame de qualificação.

À professora Suzana Rangel Vieira da Cunha, pela participação na banca da defesa e valiosa contribuição.

Aos meus professores e colegas de Mestrado.

À Guido Viaro, diretor do Museu Guido Viaro, por autorizar a realização da pesquisa e apoio em todos os momentos dessa.

A Daiani Fagundes, mediadora do Museu, pela contribuição e disponibilidade.

Aos profissionais que participaram do grupo focal, Andréa, Carla, Débora, Geisyara, Joselita, Júlio, Hamilca pela disponibilidade e contribuições.

Ao Sr. Constantino Viaro, pela disponibilidade e atenção.

Aos funcionários da Casa da Memória, do Centro de Pesquisas Guido Viaro e do Centro Juvenil de artes Plásticas pela disponibilidade no atendimento.

Às amigas Elisângela, Lorena e Silmara, pelo carinho em muitos momentos.

Enfim, a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

*Caminhando saberá.
Andando o indivíduo configura o seu caminhar.
Cria formas dentro de si e em redor de si.
E assim como na arte,
o artista se procura nas formas da imagem criada,
cada indivíduo se procura, nas formas do seu fazer,
nas formas do seu viver.
Chegará ao seu destino. Encontrando,
saberá o que buscou.
Ostrower*

RESUMO

GABRE, Solange de Fátima. Mediação Cultural para a Pequena Infância – um Projeto Educativo no Museu Guido Viaro. Curitiba, UNIVILLE, 2011. (Dissertação de Mestrado).

Esta pesquisa investigou a relação estabelecida entre os museus de artes e o público da pequena infância no que se refere à mediação cultural. Teve como objetivo elaborar um projeto educativo de mediação cultural no contexto do Museu Guido Viaro, de forma compartilhada entre profissionais do Museu e profissionais dos Centros Municipais de Educação de Curitiba – CMEIs. Os conhecimentos foram gerados a partir da metodologia de pesquisa qualitativa, com ênfase na intervenção e na técnica de grupo focal. Foi realizada em três etapas: **Pesquisa bibliográfica**, com base em autores como Besset, Coutinho e Cohen (2008), Moreira (2008) e Sato (2008) sobre metodologia de pesquisa intervenção, Sarmento e Serisara (2004) sobre as culturas da infância, Cunha (2004) e Pillotto (2007, 2008, 2010) sobre arte/educação na pequena infância, Darras (2009), Martins (2005, 2008), Mir (2009) e Leite (2004, 2005, 2009), sobre mediação cultural, Hernández (2000) sobre escolha de imagens, Barriga (2007) sobre a elaboração de projetos educativos, entre outros; **Pesquisa intervenção** a partir da técnica de grupo focal, ocorreu no espaço do Museu Guido Viaro, em três encontros com os profissionais do Museu e da pequena infância; **Elaboração do projeto e do material educativo**, a partir da fundamentação teórica e das discussões no grupo focal. Esse estudo evidenciou: a ausência de práticas de mediação cultural para/com a pequena infância nos museus de artes; reforçou a necessidade de pesquisas na área, a necessidade de investimento na formação do educador do museu quanto as especificidades do público infantil e a possibilidade de realizar um trabalho compartilhado entre educação formal e não formal. Com as aprendizagens construídas a partir dessa pesquisa, espera-se contribuir para sanar algumas lacunas sobre a temática: mediação cultural para e com a pequena infância nos Museus de Artes.

Palavras-chave: mediação cultural, pequena infância, museu de artes

ABSTRACT

Gabre, Solange de Fátima. Cultural Mediation for Small Children - an educational project at the Museum Guido Viaro. Curitiba, UNIVILLE, 2011. (Thesis).

This research investigated the relation between art museums and the public of the early childhood in relation to cultural mediation. Had as objective to develop an educational project of cultural mediation in the context of the Museum Guido Viaro, so shared between professionals from the Education Centers Municipal de Curitiba - CMEI's and professionals from the Museum. The knowledge has been generated from the qualitative research methodology, with emphasis on intervention and the focus group technique. Was performed in three steps: Literature search based on authors such as Besset, Coutinho and Cohen (2008), Moreira (2008), Sato (2008) research methodology intervention, Seris and Sarmento (2004) on the cultures of childhood, Cunha (2004) and Pillotto (2007, 2008, 2010) on art / education in early childhood, Darras (2009), Martins (2005, 2008), Mir (2009) and Milk (2004, 2005, 2009) on cultural mediation Hernandez (2000) on choice of images, Belly (2007) on the development of educational projects, between others. The research intervention from the focus group technique, occurred within the Museum Guido Viaro in three meetings with professionals from the Museum and professionals from the Early Childhood with development of a project and educational material, from theoretical discussions and in focus group. This study showed a lack of cultural mediation practices for / with the small children in art museums, reinforced the need for research in the area and the need for investments in the formation of the museum educator and the about the specifics of the child audience and the possibility of performing a work shared between formals and non formals rooms. With the built learning from this research hopes to contribute to address some gaps on the subject: cultural mediation with and for small children in the Museum of Art.

Abstract: cultural mediation, early childhood, arts museum

LISTA DE DE APÊNDICES

| | | |
|--------------|--|-----|
| APÊNDICE A - | PARTICIPAÇÃO DE GUIDO VIARO NA REVISTA JOAQUIM..... | 116 |
| APÊNDICE B - | ESPAÇO DO MUSEU GUIDO VIARO | 117 |
| APÊNDICE C - | ENCONTRO NACIONAL DE CRITICOS DE ARTES..... | 118 |
| APÊNDICE D - | ATIVIDADES CULTURAIS DESENVOLVIDAS PELO MUSEU GUIDO VIARO..... | 120 |
| APÊNDICE E - | MODELO DE CONSENTIMENTO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA..... | 122 |
| APÊNDICE F | MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 122 |
| APÊNDICE G | MODELO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM..... | 123 |
| APÊNDICE H - | CRACHÁ..... | 125 |
| APÊNDICE I - | MATERIAL EDUCATIVO..... | 126 |

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE APÊNDICES

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO - UM CAMINHO QUE SE INICIA..... | 12 |
| 2 PEQUENA INFÂNCIA: ENTRE COMPASSOS E DESCOMPASSOS..... | 18 |
| 2.1 CRIANÇA E INFÂNCIAS..... | 18 |
| 2.1.1 A pequena infância..... | 20 |
| 2.1.2 A arte/educação na pequena infância..... | 22 |
| 2.2 MEDIAÇÃO CULTURAL NOS MUSEUS DE ARTES..... | 29 |
| 2.2.1 Mediação Cultural para a pequena infância: o desafio contemporâneo.. | 34 |
| 2.2.2 Mediação cultural para a pequena infância: construindo memória e identidades..... | 39 |
| 3 MUSEU GUIDO VIARO: O PASSADO SE FAZ PRESENTE..... | 43 |
| 3.1 GUIDO VIARO E SUA OBRA: UM PRESENTE PARA CURITIBA..... | 43 |
| 3.1.1 O artista e sua relação com o ensino da Arte para crianças..... | 48 |
| 3.2 O MUSEU DE ONTEM: UMA HOMENAGEM A GUIDO..... | 53 |
| 3.2.1 Ações educativas: a criança no Museu..... | 57 |
| 3.3 O MUSEU HOJE: NOVAS PERSPECTIVAS..... | 63 |
| 4 PERCURSOS DESENVOLVIDOS NA PESQUISA..... | 68 |
| 4.1 ESCOLHENDO CAMINHOS..... | 68 |
| 4.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA..... | 71 |
| 4.3 DESENVOLVENDO O PERCURSO INVESTIGATIVO..... | 72 |
| 4.3.1 Grupo Focal: Diálogos compartilhados..... | 73 |
| 4.3.2 Grupo Focal: Contribuições para a elaboração do projeto educativo..... | 89 |
| 5 A PEQUENA INFÂNCIA NO MUSEU GUIDO VIARO: CONSTRUINDO UM PROJETO EDUCATIVO..... | 91 |
| 5.1 REFLEXÃO E ELABORAÇÃO DE UM PROJETO EDUCATIVO..... | 91 |
| 5.2 MATERIAL EDUCATIVO – CONSTRUINDO UM CAMINHO..... | 100 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS – E O CAMINHO CONTINUA..... | 107 |
| REFERÊNCIAS..... | 111 |
| APÊNDICES..... | 116 |
| ANEXOS..... | 161 |

1 INTRODUÇÃO – UM CAMINHO QUE SE INICIA

*"Caminhante, não há caminho,
o caminho se faz ao caminhar."*

Antonio Machado

O caminho que me trouxe a essa pesquisa teve seu início algum tempo atrás, para ser mais específica, foi quando me tornei professora no ano de 1995.

O gosto pela área de artes me possibilitou atuar como professora da disciplina numa escola Rural no Município de Campo Largo. Recém formada no Magistério, a mais nova de profissão dentre as professoras daquela instituição, fui a última a escolher a turma para a qual lecionaria e, como era muito comum na época, as aulas de artes ficarem sem professora, foi esta a disciplina que me restou. Porém, o que parecia ser uma péssima opção, foi o contrário, adorei a idéia, pois havia tido no magistério a oportunidade de ter aulas de metodologia do ensino da arte com a professora Adriana Pellizari, minha inspiradora.

Foi nesse contexto que me dei conta de que apenas gostar de artes não me habilitava a ser uma professora de artes, era necessário e fundamental estudo e formação.

No ano de 1999 iniciei o curso Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas na Faculdade de Artes do Paraná - FAP e em 2003 me graduei como professora de artes. Foi nesse período que surgiu o interesse pela relação entre museu de artes e escola. Na pesquisa de conclusão do curso, sob a orientação da professora Denise Bandeira, investiguei a relação Museu/escola a partir da experiência do Museu Metropolitano de Arte de Curitiba – MUMA na mediação da exposição “O Discurso Moderno”.

Quando ainda estava cursando a Faculdade, passei a atuar como professora de artes nas séries iniciais do ensino fundamental, em escolas da Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba, e sempre procurei possibilitar o acesso das crianças aos Museus de Artes, extrapolando os muros escolares.

Como professora da RME de Curitiba, tive a oportunidade de participar do grupo de estudos do projeto Arte na Escola, intitulado “Arte eu Ensino” coordenado pelo professor Luciano Buchmann, na Faculdade de Artes do Paraná - FAP, o que

me possibilitou refletir sobre a minha prática com a arte na escola e também reforçou meu interesse sobre a relação dos museus e escolas.

Esse interesse me levou a trilhar os caminhos da pós graduação em Museologia no ano de 2005, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP. O aprendizado desse período resultou na pesquisa “Museu Alfredo Andersen – o setor educativo e sua relação com a escola”¹, sob a orientação da professora Marília Diaz.

Nessa mesma época, surge uma novidade, houve a abertura de duas turmas da educação infantil, crianças entre quatro e cinco anos na escola onde atuava. Com isso, deparei-me com um desafio: como desenvolver um trabalho de artes para/com crianças tão pequenas? Essa disciplina não foi ofertada na faculdade e muito menos na especialização. Mas, como diz Machado, o caminho se faz ao caminhar, foi assim, na prática do dia a dia que me fiz professora de artes também da educação infantil.

No decorrer desse período fui convidada a atuar junto ao Departamento de educação infantil da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, na coordenação da área de Artes. Nessa função, atuando principalmente na formação continuada dos profissionais que atendem as crianças entre zero a cinco anos de idade, nos Centros Municipais de Educação Infantil – CMEIs, Escolas que possuem turmas de educação infantil e Centros de Educação Infantis Conveniados – CEIs, sempre procurei aproximar os museus do universo pedagógico e também particular dos profissionais, rompendo barreiras.

Em decorrência das formações e também do interesse das profissionais, no ano de 2008 iniciei um projeto de formação continuada intitulado “Ampliando Horizontes”², com o objetivo de ampliar o repertório de educadores, professores e pedagogos na articulação entre teoria e prática sobre as questões que envolvem o patrimônio cultural no trabalho de visitação a museus.

A partir dessa formação o número de visitas das profissionais da educação infantil nos museus de Curitiba aumentou e conseqüentemente a visita com as crianças também. No entanto, as questões trazidas pelas professoras após as

¹ O artigo completo sobre essa pesquisa esta disponivel em: <http://www.ufsm.br/lav/>.

² GABRE, S. . Educação Patrimonial no Contexto da Educação Infantil: uma proposta de formação. In: EDUCERE IX Congresso Nacional de Educação - III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogias Políticas e Práticas Educacionais, desafios de aprendizagem. 2009, Curitiba: Champagnat, 2009. p. 7514-7522.

visitas eram sempre as mesmas na grande maioria das vezes, a falta de preparo dos mediadores de museus para o atendimento do público da pequena infância e outras vezes a negação de atendimento a esse público. Isso evidenciou que alguns Museus de Artes não possuem um projeto educativo e profissionais qualificados para a efetivação da mediação cultural que atenda as particularidades da pequena infância.

Essas questões se tornaram inquietantes no meu percurso e é nesse momento que me deparo com outro desafio: educação infantil e mediação cultural nos museus de artes, como articular essa prática? Essa temática me fez, mais uma vez, procurar caminhos para esse novo desafio.

Minhas buscas me levaram ao curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE no ano de 2009 e a partir de então a pesquisa “Mediação Cultural para a pequena Infância – um projeto educativo no Museu Guido Viaro” teve início.

Porém, houve um percurso longo e de muitos obstáculos até a definição do espaço – Museu Guido Viaro.

O primeiro contato, com um importante museu da cidade, para a participação na pesquisa, não foi animador. Pediram-me para enviar um email e que posteriormente retornariam. Após a terceira tentativa de contato sem nenhum retorno, desisti. O contato com o segundo espaço museológico foi desmotivador, logo de início, não acreditavam que o trabalho com a educação infantil poderia acontecer. O terceiro espaço museológico aceitou no ato participar da pesquisa. Então, iniciei o estudo acerca do espaço como um todo e sobre o artista homenageado pelo museu; negocie com a equipe educativa e, quando tudo parecia caminhar bem, quando o primeiro encontro, no museu, iria se realizar recebi um telefonema dizendo que o museu não poderia mais participar da pesquisa, pois passava por problemas internos e portanto não poderia se comprometer com a pesquisa. Essa notícia veio, simplesmente, na semana da minha qualificação, ou seja, metade do caminho já havia sido percorrido. Logo procurei outro espaço que pudesse contribuir com a pesquisa e foi então que o Museu Guido Viaro se inseriu no contexto da pesquisa. Conversei diretamente com o diretor da Casa que gostou muito da idéia de participar da pesquisa por acreditar nesse trabalho.

Na qualificação foi levantada toda a problemática vivenciada até aquele momento; sugestões para a continuidade da pesquisa foram apontadas e, a partir de então, a “nova pesquisa” se iniciou.

Diante desses fatos, o tempo de desenvolvimento ficou restrito, porém, o interesse do Museu e o comprometimento do grupo que se propôs a participar da pesquisa foram fundamentais para que o estudo se efetivasse com qualidade e dentro dos prazos legais.

Desse modo, a questão que norteou os caminhos dessa investigação foi:

- Como desenvolver um projeto de mediação cultural para a pequena infância de forma compartilhada entre profissionais do museu Guido Viaro e dos CMEIs de Curitiba?

A partir dessa problematização, o objetivo da pesquisa foi o de elaborar um projeto educativo de mediação cultural no contexto do Museu Guido Viaro, de forma compartilhada entre profissionais do Museu e profissionais dos CMEIs, tendo como foco o público da pequena infância. Público que até então fora pouco estudado e conseqüentemente pouco atendido nos museus, haja vista a dificuldade de encontrar um espaço que aceitasse participar dessa pesquisa. E tendo em vista que o acesso, a prática e o gosto de visitar museus são desenvolvidos por poucos, é fundamental que essa experiência aconteça desde a pequena infância.

Para tanto, optei por uma pesquisa de cunho qualitativo, pois nesse tipo de pesquisa, é necessário o levantamento de todos os elementos que possam contribuir para a compreensão e explicação do que se está investigando e, neste processo, “as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa” (FLICK, 2004, p. 22).

Neste sentido, a metodologia da pesquisa-intervenção foi o caminho escolhido para a geração dos conhecimentos sobre a mediação cultural para a pequena infância e, através da técnica do grupo focal, foi possível trilhar esse caminho, pois a finalidade do mesmo é “extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo, sentimentos, opiniões e reações que resultariam em um novo conhecimento.” (GOMES, 2005, p. 179).

Com a participação dos profissionais do Museu e dos profissionais que atuam na pequena Infância foi possível ampliar os saberes sobre a prática de visitas a museus com as crianças pequenas, o que contribuiu na elaboração de um projeto educativo e de um material educativo para subsidiar o professor visitante.

A fundamentação teórica que dá sustentação a essa pesquisa foi elaborada a partir de um diálogo que se deu num cruzamento entre as minhas idéias e as teorias de diferentes autores que escolhi para me acompanharem ao longo desse caminho. Entre eles: Manoel Jacinto Sarmiento, Paulo Freire, Ivor Goodson, Mirian Celeste Martins, Maria Isabel Leite, Denise Grispum, Silvia Pillotto, Suzana R. V. da Cunha, Lev Vygotsky, entre outros. E, também, os profissionais do Museu Guido Viaro, alguns professores e pedagogos da pequena infância dos Centros Municipais de Educação Infantil de Curitiba – CMEIs e dois profissionais que atuam na ação educativa do Solar do Barão.

Esse diálogo foi delineado em quatro capítulos. No primeiro capítulo trago a base teórica que deu sustentação à pesquisa. Explicito sobre a concepção de criança e infâncias no Brasil e sua evolução para o seu entendimento, a partir da visão de Sarmiento (2004), com a idéia de infância como categoria social de estatuto próprio e como construção social. Na sequência abordo as questões que envolvem a arte/educação para a pequena infância, desvelando os avanços que até o momento foram conquistados para a compreensão do que se espera, hoje, desse ensino e aprendizagem, tanto nos espaços formais como nos espaços não formais.

Aponto ainda as questões sobre a mediação cultural nos museus de artes, e qual o entendimento que há hoje sobre essa ação para a pequena infância e a sua contribuição na construção de memória e identidades.

No segundo capítulo explico brevemente sobre a vida e obra de Guido Viaro. Há uma ênfase nas questões que tratam da criança no Museu, entre elas as ações educativas desenvolvidas.

Os percursos realizados durante a pesquisa são abordados no terceiro capítulo, no qual esclareço sobre a escolha metodológica – pesquisa intervenção, e descortino todos os passos desenvolvidos a partir da técnica do grupo focal.

Desta forma, são evidenciados os diálogos estabelecidos, no grupo focal, sobre as ações que envolvem a mediação cultural para a pequena infância no espaço do Museu Guido Viaro, em três encontros distintos.

No primeiro encontro a proposta da pesquisa foi apresentada, o contexto do museu foi apresentado e os participantes explanaram sobre as suas experiências quanto à visita das crianças ao Museu.

No segundo encontro a discussão partiu da questão: O que você considera importante para o desenvolvimento da mediação cultural das crianças da educação

infantil no contexto do Museu Guido Viaro? Cada participante apontou suas considerações.

O terceiro e último encontro foi realizado para que o grupo analisasse o projeto e o material educativo elaborado para o atendimento das crianças da educação infantil no Museu Guido Viaro. A partir desse encontro foram feitas algumas sugestões de ajustes e complementações.

O quarto capítulo traz uma reflexão sobre a elaboração do projeto educativo, a proposta de mediação cultural, propriamente desenvolvida para a pequena infância no espaço do Museu Guido Viaro e aborda sobre a elaboração do material educativo para o professor visitante.

Os diálogos que se desenrolaram no percurso de toda a pesquisa, entre as diferentes vozes mediadas e organizadas por mim, numa teia de pensamentos, ações e escrita, ganharam um corpo, o qual compartilho agora neste texto de dissertação.

2 PEQUENA INFÂNCIA: ENTRE COMPASSOS E DESCOMPASSOS

*Crianças são sujeitos sociais e históricos,
marcados pelas contradições
das sociedades em que estão inseridas.
A criança não se resume
a ser alguém que não é, mas que se tornará
(adulto, no dia em que deixar de ser criança).
Kramer*

Compreender o que é a infância e que lugar ocupa nos discursos educacionais atuais é o primeiro passo para se buscar ações educacionais consistentes em todas as áreas de formação humana e em diferentes espaços, sejam eles formais ou não.

Por esse caminho, busco nesse capítulo refletir sobre as questões que envolvem o conceito de criança e infâncias e a sua relação com a arte e a arte/educação nos museus, no que se refere principalmente à mediação cultural.

2.1 CRIANÇA E INFÂNCIAS

Para compreender os discursos atuais sobre a infância é necessário um breve retorno no tempo, buscando alguns conceitos que foram sendo desenvolvidos sobre a pequena infância.

Sarmiento (2004) tem contribuído muito nas reflexões sobre essa temática e enfatiza que crianças são seres biológicos de geração jovem e que sempre existiram. Porém, a idéia de infância como categoria social de estatuto próprio, como construção social, começou a existir a partir dos séculos XVII e XVIII.

A visão e o entendimento da infância acompanham a construção das sociedades e vão se modificando a partir das mudanças ocorridas nas classes sociais. “O conjunto de idéias ou imagens que determinadas sociedades constituem sobre a infância podem ser consideradas, enquanto produções humanas, instituindo-se como fenômenos simbólicos, sociais e culturais.” (SCHMIDT, 1997 p.10).

Nesse sentido, no período que corresponde à idade média, as crianças eram consideradas seres biológicos, frutos do pecado. Permaneciam com suas mães até

terem condições de se tornarem guerreiros ou trabalhadores. De acordo com Schmidt (1997, p. 17), “Santo Agostinho elaborou uma imagem dramática da infância porque, logo que ela nascia, tornava-se o símbolo da força do mal, um ser imperfeito, esmagado pelo peso do pecado original”. Segundo a autora, esse pensamento reinou na história da pedagogia até o fim do século XII. Essa pedagogia

[...] denunciava, com severidade, a ternura e a educação tolerante que as mulheres tendiam a dar aos seus filhos. Carícias e ternuras eram consideradas frouxidão e pecado, porque estragavam a criança e a tornavam viciosa. (SCHMIDT, 1997, p.17)

A idéia de criança como um adulto em miniatura corresponde ao período moderno. Esse período é fortemente marcado por mudanças sociais, políticas e culturais causadas pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa no final do século XVIII. A mulher é obrigada a deixar o lar e assumir um espaço no campo do trabalho. Entretanto, deixa também os cuidados com os filhos, que passam a ser assumidos pelas escolas.

É nesse momento que surge a educação escolar. Darhlberg, Moss e Pence (2003, p. 75) afirmam que “as construções da infância e das crianças são produtos da prática, ou seja, o trabalho pedagógico é o produto de quem pensamos que a criança pequena seja.”

No Brasil, a preocupação com a infância evidencia-se na década de 20, tanto nos discursos médicos, jurídicos e políticos, quanto nos discursos pedagógicos. O foco naquele momento era a construção de uma identidade nacional e a criança, nesse contexto, era vista como o futuro do país moderno, portanto deveria ser cuidada e preservada.

Houve no país, a partir desse momento, um crescimento no atendimento às crianças pequenas, destacando-se primeiramente uma concepção assistencialista e recreacionista, posteriormente escolarizada e antecipatória. Mais recentemente, há uma concepção pedagógica na qual a criança não só exige cuidados, mas também constrói e se apropria de conhecimentos; assim, o cuidar e o educar tornam-se indissociáveis.

Na década de 80 acontece a institucionalização oficial da educação pré escolar, através da constituição de 1988, que garante o atendimento em creche e pré escola às crianças de 0 a 6 anos de idade. E é com a Lei de Diretrizes e Bases

da Educação de 1996 que surge o termo educação infantil.

Na atualidade, percebemos que houve um avanço crescente nos estudos e pesquisas sobre a educação na pequena infância, porém há uma significativa mudança no que se refere à etapa que corresponde o atendimento dessas crianças nas instituições formais. A partir da Lei nº 11.174/2006, o ensino fundamental passa a ter nove anos de duração e as crianças de 6 anos de idade passam a fazer parte da escola no primeiro ano do ensino fundamental. Assim, a criança da educação infantil é aquela que se encontra na idade que vai de 0 a 5 anos de idade.

Hoje o conceito sobre infância foi ampliado; não se fala mais em infância, mas sim em infâncias, pois:

A partir da nossa perspectiva pós moderna, não existe algo como “a criança” ou “a infância”, um ser e um estado essencial esperando para ser descoberto, definido e entendido, de forma que possamos dizer a nós mesmos e aos outros “o que as crianças são e o que a infância é”. Em vez disso há muitas crianças e muitas infâncias, cada uma construída por nossos “entendimentos da infância e do que as crianças são e devem ser. (DAHLBERG, *et al.* 2003, p63).

Nesse sentido, não há um conceito definitivo sobre o que é a infância, ou melhor, o que são as infâncias hoje. O que existe é uma construção e reconstrução constante de conceitos. As crianças são participantes ativas nos processos culturais, consideradas como seres sociais. Portanto, dizer o que são as infâncias hoje depende da postura e visão de cada sujeito, dos significados que atribuem a elas.

2.1.1 A pequena infância

A pequena infância, segundo Plaisance (2004), compreende as crianças em idade que precedem a escolarização obrigatória, ou seja, hoje está entre a faixa etária que vai dos 0 aos 5 anos de idade.

As crianças dessa idade ganham hoje um olhar de destaque, o que contribui para o entendimento das culturas de infância que, de acordo com Sarmiento (2004, p. 18),

[...] exprimem a cultura societal em que se inserem, mas fazem-no de

modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo.

Desse modo é necessária uma reflexão sobre as particularidades da pequena infância que a distinguem dos adultos. Sarmiento (2004), mais uma vez nos auxilia nesse processo quando aborda os quatro eixos estruturantes da infância: interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração.

A interatividade da criança é vivida nas relações que estabelece com seus pares, na escola, na família, nas suas atividades sociais. Sarmiento (2004, p.23) afirma que

[...] O mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai aprendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social.

Nas interações da criança com seus pares e com os adultos é que ela entra em contato com os saberes do mundo e, num processo constante de vivências, vai construindo identidades.

O eixo principal das culturas da infância é a ludicidade, “[...] sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério [...] é a condição da aprendizagem e desde logo, da aprendizagem da sociabilidade. (SARMENTO, 2004, p. 25 e 26). É na brincadeira que a criança vive suas experiências de construção e desconstrução de mundos.

A fantasia do real é outro eixo importante das culturas infantis, no faz-de-conta, o imaginário e o real estão muito próximos e é o que constitui a base do mundo infantil; é por essa via que a criança atribui significado às coisas.

Por fim, na reiteração a criança inventa novas possibilidades de construção do seu mundo incorporando e reincorporando situações num processo contínuo, pois, sempre que necessário, inventa e recria tudo outra vez.

Aos profissionais que trabalham com as crianças da pequena infância, é preciso o entendimento de que toda e qualquer ação permeia a via do lúdico. É por esse caminho que tanto as práticas nas instituições formais de atendimento a infância, quanto as práticas desenvolvidas nos museus, precisam ser pensadas. Dessa forma, é possível dizer que há o entendimento da criança como um ser em desenvolvimento, social e cultural, pois como afirma Dowbor (2007, p. 61):

Nossa forma de aprender está marcada pela maneira como fomos iniciados nos nossos primeiros contatos com o mundo das pessoas; pela maneira como fomos ensinados a olhar, a falar, a tocar e a perceber as cores e odores do mundo que nos cerca.

Partindo desse pressuposto, não se pode negar a grande responsabilidade daqueles que lidam diretamente na educação das crianças. Portanto, é importante perceber como é que os profissionais que atuam na educação formal e também nos espaços não formais pensam esses processos.

2.1.2 A arte/educação na pequena infância

Falar de arte/educação hoje é assumir uma postura fundamentada na busca do caminho da não linearidade:

[...] os olhares daquele que ensina e daquele que aprende não estão condenados a uma linearidade estanque. [...]. Nesse movimento não há lugar para verdades absolutas, nem para a separação entre as questões relacionadas à arte e ao contexto histórico-cultural. (PILLOTTO, 2008, p.36)

Ressalta-se aí uma relação que põe em igualdade os sujeitos envolvidos nesse processo. O contexto cultural é considerado, o diálogo e a aprendizagem narrativa³, são os fios condutores. Nesse caminhar Pillotto (2008, p. 38) enfatiza a importância de compreender como as crianças aprendem e como nós “professores ensinamos arte no contexto dos espaços formais e não formais da educação, de forma interativa, ou seja, não só ensinamos, mas aprendemos com o outro e no outro.”

Assim, é preciso uma concepção de arte que possa:

[...] recuperar a função da arte como meio de expressão pessoal, a partir de uma perspectiva cognitiva integradora dos paradigmas empírico, teórico e interpretativo, capaz de superar os limites de espaço e de tempo que nos são impostos e que tem como centro

³ Aprendizagem Narrativa é aqui entendida pela abordagem de Goodson (2007, p. 248) “um tipo de aprendizagem que se desenvolve na elaboração e na manutenção continuada de uma narrativa de vida ou de identidade.”

diretriz a pessoa – suas necessidades, sua realidade social e seu contexto. (MIR, 2009, p.100)

Nessa perspectiva de arte/educação a pequena infância ganha espaço. Porém houve uma trajetória de desafios e conquistas que perduram até os dias atuais nos diferentes contextos educacionais.

As concepções de arte/educação para a pequena infância estão diretamente relacionadas com a concepção de criança e a sua aprendizagem e hoje se configuram num dos desafios educativos da contemporaneidade. Ao adentrar nesse mundo de compassos e descompassos percebemos como esse processo se dá desde o início de sua história até os dias atuais. É possível perceber os avanços até aqui conquistados e, por outro lado, compreender as marcas deixadas que, repassadas de geração a geração de educadores, permanecem ainda hoje no âmbito educativo. No entanto, a busca por um ensino e aprendizagem significativos e de qualidade se intensifica, hajam vistos os diversos e variados eventos, seminários, congressos, entre outros, que abordam essa temática.

No decorrer da história da arte/educação e, particularmente, a arte no contexto da educação na pequena infância, há um percurso em que podemos rever e repensar algumas situações, mas, por outro lado, dar mérito a algumas conquistas.

Na década de 80, a arte/educação era muitas vezes entendida como um mero passatempo, como recreação. Realizavam-se atividades desprovidas de significados, centradas nas datas comemorativas, para decorar a escola ou, ainda, como subsídios para as demais disciplinas, sem levar em consideração a criança. Até hoje a arte/educação sofre as influências desse período.

Segundo Pillotto⁴, nas décadas de 80 e 90, os referenciais que fundamentavam a prática do profissional da Educação Infantil eram os Cadernos de atendimento ao pré-escolar, lançados pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC. Entretanto, os conteúdos desses cadernos para a arte/educação eram mais voltados para a recreação do que para articulações entre a arte, a cultura e a estética.

Na década de 90, os cadernos trazem uma abordagem mais contextualista, porém, a arte/educação continua com o foco em abordagens psicológicas e

⁴ Fundamentos elaborados a partir do texto: Propostas para a arte na educação infantil. De Silvia Pillotto. Disponível em www.artenaescola.org.br. Acesso em 10/05/2008.

temáticas, influência da livre expressão, difundida principalmente por Viktor Lowenfeld⁵. Esse entendimento permanece em muitas práticas contemporâneas e é assim explicitada por Cunha (2004, p. 15)

[...] encaminhar o processo de criação de atividades livres, onde o educador disponibilizará materiais e deixará as crianças criarem livremente suas produções, sem nenhuma interferência pedagógica ou fazê-la no sentido de elogiá-la sem critérios. [...]. O processo é importante, o produto realizado é um resultado que não é questionado.

Essa concepção desconsidera a criança como um ser que cria e constrói conhecimento na relação com o outro, mas esses saberes são inatos e, portanto, deve-se deixá-la livre para se expressar. Nesse sentido, pouco contribui para que as crianças avancem em seus percursos cognitivos e sensíveis.

Outra concepção ainda presente é a pragmática, na qual o educador desenvolve as atividades no intuito de treino da coordenação motora, como uma preparação para a escrita. Além disso, a criança deve aprender a realizar as formas o mais próximo possível do real. Cunha (2004, p. 15) destaca que nessa visão o produto é mais importante do que o processo. “De um modo geral, as produções servem para ser mostradas aos pais, a fim de que eles percebam que seus filhos têm controle motor e estão preparados para a escrita.”

Essas concepções sobre arte/educação permanecem ainda hoje, em muitas instituições destinadas à educação da pequena infância. Os vestígios mais frequentes e evidentes são, sem dúvida, os desenhos prontos para colorir. O exemplo a seguir evidencia os desenhos feitos pela mesma criança, no qual o primeiro foi realizado em casa, a partir do seu contexto, o segundo na escola – um desenho para pintar, o terceiro, também na escola feito em um momento de desenho livre.

⁵ Foi professor de artes na Universidade Estadual da Pensilvânia. Estudioso do grafismo infantil, difundiu o movimento da Escola Nova, no qual defendia a pedagogia da livre expressão.



Desenhos de uma criança de 3 anos. Curitiba. 2010 Fonte: Própria

O contexto mostrado no exemplo vem sofrendo mudanças, porém, essas marcas persistem, pois se cristalizaram nos ambientes e práticas escolares e como afirma Cunha:

Assim vão sendo construídos estereótipos formais, espaciais, colorísticos, temáticos e também conceituais, tendo em vista que as crianças deixam de ler e representar o mundo a partir de seus referenciais reais e imaginários. (CUNHA, 2004, p.16).

Tomando como pressuposto que “as crianças se apropriam da linguagem visual pela brincadeira, pelo lúdico, pelo prazer, realizam descobertas (...). (GABRE, 2009, p.120), questionamos: o que essa criança poderá aprender - internalizar da experiência com o desenho na escola? Quais foram/são as aprendizagens deixadas pela escola e/ou pelo museu nessa e em muitas crianças? Cunha (2004, p, 16) acrescenta:

Desde muito cedo as crianças aprendem que seu limite para imaginar está confinado a retângulos e recortes do mundo feito pelos adultos. [...]. Aprendem que precisam de modelos para seguirem as linhas predeterminadas de seus vidas. Aprendem a serem silenciosas e submissas ao amassarem bolinhas de papel crepom. [...]. Aprender a ser consumidoras de imagens ao colorirem os desenhos mimeografados dos educadores. Aprendem a não ser sujeitos que sentem, pensam e transformam.

Essa visão de ensino e aprendizagem passou por mudanças e, em 1996, quando a arte é legitimada, pela obrigatoriedade, como disciplina curricular, por meio da Lei de diretrizes e bases da Educação – LDB/9394 e a educação infantil passa a ser considerada como a primeira etapa da educação básica, inicia-se um novo caminho para arte/educação na pequena infância. É em 1998, com o surgimento do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI, documento que

norteia a arte/educação na pequena infância, é que esta passa a ter um entendimento que se aproxima do pensamento contemporâneo.

Os RCNEI contribuem para uma visão de arte/educação que rompe de alguma forma com a livre expressão:

[...] o desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas de aprendizagem e, portanto, não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce. [...] Embora seja possível identificar espontaneidade e autonomia na exploração e no fazer artístico das crianças, seus trabalhos revelam: o local e época histórica em que vivem; suas oportunidades de aprendizagem; suas idéias ou representações sobre o trabalho artístico que realiza e sobre a produção de arte à qual tem acesso, assim como seu potencial para refletir sobre ela. (RCNEI, 1998, p.88)

Nesse sentido a arte é vista como conhecimento e expressão com características próprias, e a criança se apropria desses saberes num processo gradativo de avanços em seu percurso por meio de ações planejadas pelo adulto, tendo a criança e seu contexto cultural como referências indispensáveis.

O documento aborda ainda os objetivos para cada faixa etária, os conteúdos, algumas orientações didáticas para o professor e a avaliação.

Hoje presenciamos um momento muito significativo de discussões para a elaboração das orientações para a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Nelas, as questões que envolvem tanto a arte/educação quanto as aprendizagens da criança serão abordadas. Em função disso, também, é preciso que as secretarias de educação e instituições não formais construam seus próprios documentos, tendo-os como referências para as práticas docentes. Além disso, é necessário o entendimento de que esses documentos devem ser revistos constantemente, pois estamos sempre em transformação.

Nesse viés, outra questão provocativa na arte/educação hoje é sobre as escolhas do que abordar com as crianças, pois o desejo é investir na busca por ir,

[...] além de destaques e preferências de estilos ou tendências consideradas “mais importantes” por aqueles que “detêm” o conhecimento. Nesse jogo, é fundamental que se oportunize aos alunos o estudo de imagens, obras e objetos das tradições populares, pois caso contrário, estaremos fadados a olhar num único sentido: o olhar ocidental, branco, erudito e masculino. (PILLOTTO, 2008, p.36)

Pillotto (2008) enfatiza a necessidade de possibilitar diferentes experiências estéticas que rompam com as escolhas pré-determinadas e que tendam à exclusão

de determinados assuntos/temáticas, para que seja possível efetivar uma arte/educação para a compreensão da cultura visual.

Portanto, “não há lugar para um o ensino da arte que elege uma fatia muito pequena da história da arte e das imagens de obras de arte.” (PILLOTTO, 2008, p. 37).

Nesse sentido, Hernandez (2000, p.50) enfatiza a importância da cultura visual e afirma que é imprescindível:

[...]. expor os estudantes não só ao conhecimento formal, conceitual e prático em relação às Artes, mas também à sua consideração como parte da cultura visual de diferentes povos e sociedades. Esse enfoque compreensivo trata de favorecer neles e nelas uma atitude reconstrutiva, ou seja, de autoconsciência de sua própria experiência em relação às obras, aos artefatos, aos temas e aos problemas que trabalham na sala de aula (e fora dela).

Para escolher, selecionar as representações que merecem ser trabalhadas na perspectiva da cultura visual, Hernández (2000) propõe que sejam consideradas as seguintes características:

1. Ser inquietante.
2. Estar relacionada com valores compartilhados em diferentes culturas.
3. Refletir as vozes da comunidade.
4. Estar aberta a múltiplas interpretações.
5. Referir-se às vidas das pessoas.
6. Expressar valores estéticos.
7. Fazer com que o expectador pense.
8. Não ser hermética.
9. Não ser apenas a expressão do narcisismo do artista.
10. Olhar para o futuro.
11. Não estar obcecada pela idéia de novidade. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 140)

A partir dessas características, ao se pensar na pequena infância, é possível incluir outras características, como por exemplo, a imaginação e fantasia, pois são fatores que integram a cultura infantil.

Por esses caminhos se pensa numa arte/educação que contribua para a construção de sujeitos e essa construção pode começar na pequena infância, portanto:

[...] Pensar em infância é, sobretudo, reconhecer a importância da experiência criadora para seu desenvolvimento biopsicossocial. O brinquedo e o jogo encontram continuidade nas artes para redefinir criadoramente o sentido da experiência de ser humano. Manifestar-se por meio da expressão artística significa para a criança o prazer e o aprender sobre as suas capacidades de criar, de produzir e de materializar suas vontades. Ajuda a compreender a si mesma, aos outros, às obras sociais e a própria pedagogia como parte de um ritmo constante em suas construções cognitivas e sensíveis. (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 16, 17)

Meira e Pillotto (2010) trazem a questão do lúdico no contexto da educação infantil como algo fundamental para tratar da imaginação, da fantasia, elementos que são estruturantes da cultura da infância. Nas palavras de Pillotto (2008, p. 44)

[...] compreendemos a atividade pedagógica nas linguagens da arte articuladas ao lúdico, ao jogo e ao brincar, pois possibilitam às crianças a construção do conhecimento no aspecto cognitivo e sensível, essencial ao desenvolvimento humano.

Nessa direção, pensar a arte para a pequena infância é compreendê-la como uma linguagem e como tal é “expressão, comunicação e produção de sentidos trata da percepção, da emoção, da imaginação, da intuição, da criação, elementos fundamentais para a construção humana.” (PILLOTTO, 2007, p.19). E que muito contribui para a construção de memória e identidades de sujeitos na busca por um mundo melhor.

Dentre as conquistas da arte/educação na pequena infância encontramos, ainda, o espaço dos Museus, que também contribui na construção de conhecimentos sensíveis ao “potencializar a construção de múltiplas leituras que permitam o alargamento dos conhecimentos iniciais de cada sujeito, criando desafios cognitivos [...]” (SILVA, 2009, p. 125).

Ao falar de arte/educação no museu é importante ressaltar que “[...] não se esvazie nas visitas guiadas, um dos papéis sociais do museu, que seria o de apresentar objetos de cultura de forma crítica, estimulando o diálogo destes com o público.” (LEITE, 2005, p. 44). E, ao se tratar de crianças no museu, é muito importante destacar que nós profissionais, “[...] deveríamos estar mais atentos ao não fechamento em torno de sentimentos e evocações imagéticas, [...] não deveríamos nos supor no direito de conduzir seu olhar de forma tão diretiva e monóloga.” (LEITE, 2005, p.44)

Uma vez que a arte/educação hoje enfatiza as múltiplas leituras a partir do diálogo, não cabe nesse processo a condução reducionista do professor induzindo o olhar infantil.

Desse modo, há que se investir na formação de formadores de público no sentido de compreender os processos que envolvem a mediação cultural com a pequena infância.

2.2 MEDIAÇÃO CULTURAL NOS MUSEUS DE ARTES

Ao abordar a questão da mediação cultural nos museus de artes, evidencio primeiramente o conceito chave que alicerça essa prática – o diálogo - caminho encontrado para a construção de aprendizagens sensíveis. Dois autores que têm contribuído nas minhas reflexões sobre essa questão, Paulo Freire e Ivor Goodson. Para Freire (2001, p.123)

[...] o diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e re-conhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto.

O autor afirma que é pela ação de respeito e igualdade a partir do diálogo, que se constrói conhecimento. Não há como haver conhecimento por uma única via, mas sim numa relação de construção e desconstrução de ideias compartilhadas. Assim por meio do diálogo existe

[...] a possibilidade do “encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91)

Desse modo, Goodson (2007), em suas pesquisas, enfatiza a urgência em se repensar as formas de aprender. O autor esclarece que não é mais possível pensar hoje numa educação que ainda se prende a velhos padrões de aprendizagens prescritivas, dizendo “[...] precisamos mudar de um currículo prescritivo para um

currículo como identidade narrativa; de uma aprendizagem cognitiva prescritiva para uma aprendizagem narrativa de gerenciamento da vida.” (GOODSON, 2007, p. 242).

A forma de aprendizagem na qual o currículo prescritivo se sustenta vai ao encontro da abordagem de uma educação bancária tão debatida por Paulo Freire. Já a aprendizagem numa visão narrativa se complementa na educação pelo diálogo enfatizada pelos dois autores.

Pensar hoje em aprendizagens narrativas é dar voz a todos os sujeitos envolvidos na ação educativa, considerando os contextos, as histórias de vida e as relações que estabelecem com seu meio na construção de saberes. Neste sentido os museus, como espaços também de educação, passam a ser vistos, na contemporaneidade, não apenas como depositários de um patrimônio ou de uma memória que coletam, preservam, estudam e divulgam. O museu é um espaço também de construção de uma ideia de estar no mundo. É, então, um espaço relacional entre os homens e as coisas, um espaço de experiências, pesquisas e conhecimento.

Segundo Bruno (2004, p. 3)

Apesar de alguns descompassos, há uma consciência crescente, mesmo no Brasil, de que as instituições museológicas têm um papel relevante na sociedade contemporânea e que, para o desempenho de suas funções básicas, necessitam de suportes teóricos e procedimentos metodológicos adequados aos desafios que lhe são impostos.

Nesta direção, Primo (1999) faz uma análise sobre os principais documentos produzidos por profissionais da área, cujas propostas são a base para o “pensar museológico” na contemporaneidade. Neste viés se faz aflorar uma nova discussão das práticas museológicas, pois abordam questões pertinentes sobre a ação educativa nos museus, dentre elas evidenciamos aqueles que enfatizam essa questão:

- a) o documento produzido no Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa nos Museus (1958, Rio de Janeiro - Brasil), dá ênfase à função educativa e reconhece o museu como uma extensão da escola.
- b) o documento produzido na Mesa Redonda de Santiago (1972, Chile) define um novo conceito de ação nos museus: O Museu Integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. A instituição

passa a ser entendida como instrumento de mudança social, instrumento para o desenvolvimento e ação. Passando assim a trabalhar com a perspectiva de patrimônio global.

Damos um salto para junho de 2007 quando a declaração de Salvador/Bahia foi assinada por 22 países da Ibero-américa e se estabeleceu a necessidade de potencializar a capacidade educativa dos museus, do patrimônio cultural. Surge então a proposta de lançamento do prêmio *Ibero Americano Educação e Museu* de 2010. Através do programa de cooperação intergovernamental para a área de museus e da museologia da Ibero-américa, apresentou-se a I edição de prêmios de práticas de ação educativa no intuito de evidenciar as experiências em ação educativa no âmbito dos museus da Ibero-américa, como valorizar e promover essas iniciativas com o objetivo de fortalecer os museus como agentes essenciais para o desenvolvimento.

Mas onde/quando surge a educação nos museus como uma prática constante? Tamanini (2003) afirma que os pioneiros em desenvolver ações pedagógicas foram os museus americanos, firmando assim a função educativa como uma das principais funções dos museus.

No Brasil, o surgimento dos primeiros serviços educativos nos museus, segundo Barbosa (2009), aparecem na década de 50, no Rio de Janeiro, e a prática mais frequente era a criação de ateliês livres, oficinas ou atividades de animação cultural. Na década de 80, alguns museus investiram na formação de professores de artes, como é o caso do Museu Lasar Segall e do Museu de Arte Contemporânea – USP de São Paulo, onde tem início o trabalho com a leitura de imagens, a partir da “Abordagem Triangular⁶”, salientando a importância de analisar as obras ao vivo. Barbosa enfatiza que, no final da década de 90, a procura por cursos e visitas a museus foi intensificada. E é nessa época que muitos setores educativos foram criados nesses espaços museus, assim como, a descoberta do público das escolas.

Uma questão relevante apontada por Barbosa (2009, p.17) se refere ao processo de mediação durante as visitas por instituições, “[...] algumas ainda se apegam a roteiros, direcionando o olhar do visitante somente para as obras sobre as quais os mediadores se prepararam para falar.” Mas há outra forma de mediação

⁶ A Abordagem triangular compõe-se da história da arte, do fazer artístico e a leitura da obra de arte, sistematização realizada por Ana Mae Barbosa no livro ‘A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos’. São Paulo: Perspectiva, 1991.

que é a animação cultural como instrumento de sedução e ainda os jogos para o entretenimento.

Hoje as ações de mediação destacam-se como um dos vários desafios que os museus enfrentam, pois:

Já não bastam informações e orientações, é preciso construir novos paradigmas de ação que todo o tempo nos diz e nos pede “mediações”. É esse estado que gera desafios. E eles se amplificam se considerarmos os diferentes ambientes de apreensão e compreensão no qual estão inseridos os setores educativos dos museus. (LIMA, 2009, p.148)

Portanto, busco em Darras (2009, p. 37) alguns conceitos importantes para entender essa prática. Para o autor a mediação existe a partir do cruzamento de quatro entidades exemplificadas no diagrama:

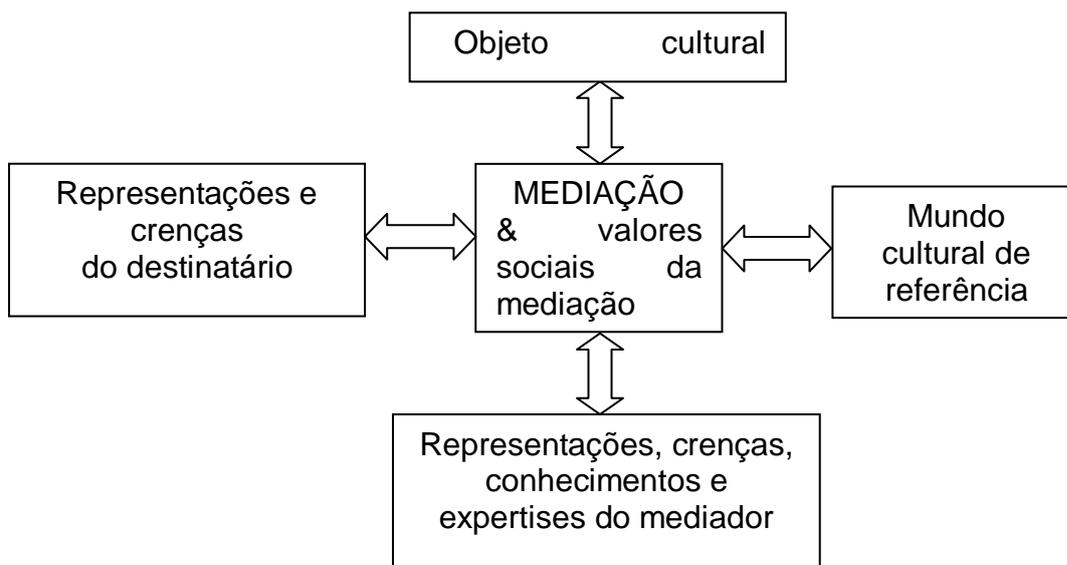


Diagrama 4. Fonte: DARRAS, p.37, 2009.

É interessante verificar, a partir do diagrama elaborado por Darras (2009), que a mediação precisa considerar todos os envolvidos no processo. Ele ressalta que a mediação, no domínio cultural e artístico, distingue-se em duas abordagens, a diretiva,

[...] em sua forma mais pobre, fornece só um sistema interpretativo, impondo um único tipo de compreensão do objeto cultural. Em sua forma mais rica, produz sistemas interpretativos que tentam se articular, ou não, e trabalhar conjuntamente. (DARRAS, 2009, p. 37)

E a construtivista que, “por diversos meios interrogativos, problemáticos, práticos, interativos, ela contribui para o surgimento da construção de um ou vários processos interpretativos pelo “destinatário” da mediação.” (DARRAS, 2009, p. 38).

A partir dessas duas abordagens, diretivas e construtivistas, Darras (2009, p.39) classifica três diferentes modos de mediação:

- Imersão (o processo de mediação se faz de maneira não-formal no meio cultural);
- Diretivo (a mediação é um dispositivo formal de transmissão de conhecimentos “eruditos”, portanto que descendem “daqueles que sabem” para “aqueles que não sabem”); e
- Construtivistas (as mediações são negociações que implicam interativamente os parceiros de troca).

Os diferentes tipos de mediação estão diretamente relacionados às práticas vigentes nos museus e espaços culturais e, por meio dessa classificação, é possível analisá-las e avaliá-las.

Assim, entendemos que o modo de mediação que mais se aproxima do que se espera na contemporaneidade é a construtivista, no sentido de que,

[...] tem como projeto a democratização do domínio da arte e da cultura. Seus adeptos consideram que as “obras-primas” pertencem a todos os humanos e não devem se manter restritas à elite que as produziu e possui, nem àqueles que sabem apreciá-las. (DARRAS, 2009, p. 44).

Nesse sentido a relação dialógica necessita de espaço nas ações de mediação por “compreender que os visitantes têm lugar nessa posicionalidade, e também contribuem para criá-las com suas perguntas, suas histórias de vida, suas culturas, suas experiências, entre outras.” (PUIG, 2009, p. 55).

Outra contribuição importante no campo da mediação é a abordagem de Lima (2009, p. 145), quando fala da mediação como passagem:

[...] um lugar constituído que permite então criar, nesse intervalo espaço-temporal, uma relação entre pessoas, obras e objetos da cultura. A mediação como passagem inaugura um espaço-tempo privilegiado para uma experiência vivencial, fenomenológica (do corpo todo) do espectador com os objetos da arte e da cultura.

Mediação como passagem pressupõe um momento singular para quem o

experiencia. Essa postura considera que o momento de visitação deve ser vivenciado na sua totalidade de corpo inteiro,

[...] a idéia   a de um público que atue diante do que v , mas que seja tocado para viver uma experiência de deslocamento, deixando de ser apenas espectador para “assumir-se” um sujeito que reconstrói, por seus saberes e suas referências, o próprio trabalho do artista, como co-autor. (LIMA, 2009, p.147)

Essas questões são bastante relevantes para se pensar a rela o de media o cultural com seu público. Na medida em que as institui es educativas que atendem a pequena infância começam a ocupar os museus, há a necessidade de refletir sobre essas a es mediadoras.

2.2.1 Media o Cultural para a pequena infância: o desafio contemporâneo

O fato de o público infantil estar aumentando nos museus de artes e espaços culturais evidencia a necessidade de estudos e reflexões consistentes para que essa a o ocorra de modo a contemplar as especificidades desse público.

As dificuldades encontradas por alguns museus muitas vezes se revelam pela nega o ao atendimento a criança pequena. Por outro lado, vivemos o início de iniciativas por algumas institui es no sentido de acolher as crianças da pequena infância. Tomamos como exemplo a experiência do Museu de Arte Moderna do Recife – MAMAM, pioneira no Brasil, iniciada no ano de 2006, o projeto *Arte para Pequenos*, por acreditar que as crianças da pequena infância:

Mediante a convivência com museus e com a produ o dos artistas, elas podem se reconhecer e construir novas rela es de pertencimento [...]. Nesse projeto, a capacidade de relacionar-se com o espaço do museu e com as produ es expostas   potencializada por meio de experiências lúdicas pensadas e refletidas especialmente para esse público. (LIMA, 2009, p.144).

Esse projeto foi apontado por Lima (2009) como o maior desafio do museu no sentido de as crianças na idade entre dois e seis anos fossem escolhidas, pelos mediadores, nas visitas agendadas.

Outro exemplo acontece em Curitiba através do projeto de formação continuada, *Ampliando Horizontes*, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação para os profissionais que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil, desde o ano de 2008. O projeto é

[...] uma proposta de formação continuada que busca desenvolver um processo de familiarização cultural, por meio de vivências e experiências estéticas significativas, inserindo o patrimônio cultural curitibano no universo particular e pedagógico dos profissionais da educação infantil, chegando às crianças e, conseqüentemente, à comunidade. (GABRE, 2009, p. 7513.)

Essa proposta atinge inicialmente o grupo de profissionais que atuam com as crianças e, através da formação, os professores entram em contato com a arte local, discutem, elaboram e aplicam propostas de visitas a diferentes museus e espaços culturais da cidade com as crianças da pequena infância. No entanto, a dificuldade encontrada é muitas vezes a falta de experiência e abertura a esse público por parte dos Museus.

Esses dois exemplos reforçam e fomentam a necessidade de estudos e práticas que fortaleçam a visitação do público da pequena infância nos museus e demais espaços de arte e cultura.

Para entender um pouco mais a mediação cultural para o desdobramento dessas idéias em ações para/com a pequena infância encontro fundamentação nos estudos de Mirian Celeste Martins e seu grupo de pesquisa “Mediação: arte/ cultura/ público”, do Instituto de Artes da UNESP, que se complementam às idéias de Darras (2009). Para esse grupo, a mediação agregada ao conceito de cultura,

[...] gera novas conexões, tanto na relação com o contexto cultural da obra, como no contexto cultural de quem é afetado por ela. E ainda não podemos falar apenas de estar no meio entre dois, mas um “estar entre muitos”, de modo ativo, flexível, propositivo, atento ao outro. Um “estar entre” que não é entre dois, como uma ponte entre a obra e o leitor, entre aquele que produz e aquele que lê, entre o que sabe e o que não sabe, mas em meio a um complexo de pensamentos, sensações, histórias ritualizadas. (MARTINS, 2008, p. 50)

A mediação cultural, vista sob este ângulo, pressupõe uma postura diferenciada no encontro entre arte e fruidor, no qual são muitos os mediadores envolvidos nesse processo. No museu: os educadores, as obras, o guarda, os catálogos, os folders, os textos de parede. Nas escolas: os educadores/professores

e as práticas desenvolvidas. Portanto, a mediação cultural é entendida como uma postura assumida pelos diferentes profissionais envolvidos nesses processos.

Esse processo de mediação há de ser provocativo, instigante ao pensar e ao sentir, à percepção e a imaginação. Um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor. (MARTINS, 2008, p. 33)

Nesse sentido, o desenvolvimento das ações mediadoras que um Museu proporciona necessita desse olhar cuidadoso no planejamento das práticas.

Costa (2005) corrobora Martins (2008) quanto à necessidade de abrir diálogos, ao afirmar que o mais importante no contato com os objetos dentro do museu:

[...] é despertar reflexões sobre o que está sendo visto/lido. Ao questionar uma criança, ou ao permitir que ela questione, o desafio cognitivo está lançado e ela se mobiliza para responder a questão, com as ferramentas e os conhecimentos prévios disponíveis naquele momento. As suas hipóteses são muito importantes, pois são rastros evidenciados do seu processo cognitivo. (COSTA, 2005, p.38)

Por esse mesmo pensar, Cabral (2006, p.16) propõe que a ação educativa no museu:

[...] não tenha como foco o objeto em si, mas o que o objeto pode oferecer para uma discussão a respeito das relações do visitante com a sua realidade. Adotar uma postura no sentido de tratar os objetos propondo hipóteses sobre o que eles significam para o visitante, buscando um movimento de (re)criação e (re)interpretação das informações, conceitos, significados e sentidos neles contidos e na exposição que os apresenta. Tal postura significa, evidentemente, na ação educativa, dar voz ao visitante, estabelecendo diálogos que permitam ao visitante expressar seus sentimentos, idéias, sua percepção do momento que estão vivendo em contato com os objetos.

Nessa perspectiva é que se pensa numa abordagem narrativa, também no espaço do museu, abrindo assim diálogos entre objetos e público.

A partir dessas reflexões é preciso pensar os caminhos da mediação cultural, não caminhos que se apresentam como uma metodologia cristalizada. Mas questionar: onde começa a mediação? Existe uma linha norteadora? Essas questões instigantes sinalizam também algumas possibilidades que podem se transformar em percursos muito significativos para profissionais envolvidos nesses processos.

Luciano Buchmann⁷, em um momento de formação⁸, com professores da educação infantil da Secretaria Municipal de Curitiba, questiona: onde começa a visita a um museu com as crianças? Como essa provocação iniciou um trabalho de reflexão sobre a importância da preparação da visita ao museu, na própria unidade educativa. Buchmann (2008) discute sobre o papel do professor em desenvolver propostas sensíveis que antecedam as visitas, bem como uma atuação ativa dos professores em parceria com os mediadores do museu. Salienta também a necessidade de efetivar um trabalho posterior à visita, que ocorrerá na unidade educativa, tornando o momento vivido em algo que de alguma forma deixe marcas e provoque nas crianças, o desejo de retorno ou de conhecer outros espaços.

Martins (2005, p. 12) fala da visitação a museus como uma viagem: “Visitar um museu ou espaço cultural pode ter o mesmo sabor de uma viagem a um novo território. Mesmo para quem já o conhece, penetrar em suas obras e histórias cria a oportunidade de novos encontros estéticos [...]” Também enfatiza a importância da preparação a essa viagem:

Buscar informações do que vai ser visto pode parecer para alguns que tira o gosto da descoberta. Mas, por mais que tenhamos refletido, lido, visto, ouvido informações, estar em frente ao original é muito diferente. [...]. Uma reprodução, por mais que acompanhada de informações sobre as dimensões (mesmo com aqueles esquemas que indicam o tamanho de uma figura humana em comparação com a obra), não supera a sensação de estar realmente frente a obra. (MARTINS, 2005, p. 12 e 13)

A partir dessas constatações é relevante salientar a importância do planejamento e preparação da visita ao museu, tanto dos professores como das crianças.

No trabalho inicial com as crianças Martins (2008, p. 58 e 59) destaca:

As perguntas iniciais lançadas em relação as nossas próprias coleções e aos modos de expô-las nos convocam a olhar a instituição cultural por outro ângulo. Esse já é um modo de preparar a visita. [...] o relato sobre como iniciaram as coleções, sobre os critérios e desejos que fizeram surgir, sobre como expõem e as guardam, abre espaço para novas problematizações em relação à museologia, à curadoria, à preservação do patrimônio cultural.

⁷ Luciano é professor da Faculdade de Artes do Paraná - FAP e Coordenador do grupo de estudos Arte na Escola. Autor da coleção Preparação.

⁸ Curso “Ampliando Horizontes”, 2009. Encontro realizado em 23/06/2009.

Nesta perspectiva, Martins (2008) ressalta também a importância do momento anterior à visita. O momento em que as crianças serão instigadas a pensar sobre os objetos, a partir do seu próprio contexto, para depois projetar esse pensamento, sentimento para com o patrimônio cultural.

Ainda sobre a preparação da visitação ao museu e seus objetivos a autora afirma:

Certamente, muitos são os fatores que justificam a visita a um museu/espço cultural, mas o objetivo maior direcionará os focos de observação que teremos que fortalecer, pois é muito diferente visitar qualquer exposição com um olhar atento a questões delimitadas. (MARTINS, 2005, p. 15)

Novamente surge a questão do planejamento e nele algo que é fundamental - a elaboração dos objetivos. Se estiverem coerentes a partir de um entendimento contemporâneo de criança, arte e museu, certamente a visita ao museu será significativa.

Além desses aspectos, há que também se considerar o momento de acolhimento das crianças ao chegarem ao Museu. Segundo Martins (2005, p.124)

O cuidado maior no acolhimento é estabelecer conexões e vínculos entre o repertório pessoal e cultural de cada visitante, a linguagem da arte, as obras que serão vistas, as instituições culturais e a vida cotidiana, entre outros, para que seja realmente um desafio estético planejado e para que seja possível a experiência se tornar estética.

Se a visita foi planejada e ainda compartilhada entre professores das escolas e mediadores do museu, o momento da acolhida será efetivado de modo que as crianças sejam de fato desafiadas à experiência estética.

Durante a visita, são muitas as formas de mediação cultural que envolvem os processos de leitura em artes, como já destaquei anteriormente, mas o importante é permitir à criança um momento significativo que desperte sua curiosidade, sua fantasia, sua interação com os espaços, as obras e as outras crianças.

Ao final da visita, é importante que o trabalho continue, tanto Buchmann (2009), quanto Martins (2008) discutem a necessidade da efetivação desse trabalho nas instituições educativas. E em todos esses processos a presença do adulto assume um importante e significativo papel e Leite (2006, p.81) entende que:

[...] enquanto adultos considerarem museu espaço de coisa morta,

mais remota será a possibilidade de a criança ressignificar esta visão e poder, então, experimentar a relação com o museu como espaço de troca, descoberta, produção de sentido, criação, sobretudo como espaço de memória, de história, de vida.

Ao salientar a importância dos elos e as associações que as crianças podem fazer a partir das suas experiências estéticas com representações culturais de outros tempos-espacos e com pessoas de outras gerações, enfatizando a responsabilidade do adulto como mediador da criança frente aos espacos de memória, Leite nos põe a questionar: O que pensam sobre o museu, os educadores que se propõem a visitá-lo com suas turmas? Que experiências tiveram esses profissionais, enquanto crianças e na sua formação, nos espacos museológicos?

Por outro lado, Leite (2006) chama a atenção para um aspecto bastante relevante. Qual é a concepção de infância que alicerça as práticas dos museus? O que sabem sobre a pequena infância os mediadores do museu? A autora destaca a necessidade de repensar a musealização de modo a favorecer a apropriação do público infantil.

Essa apropriação só se dará a partir do momento em que houver a compreensão das particularidades da pequena infância, então, será compreensível o fato de que a experiência da criança no museu só poderá se efetivar de forma integral, só terá sentido, se contemplar a ludicidade, a brincadeira, ou seja, a cultura infantil. É por esse caminho que as crianças constroem significados e saberes sobre o mundo que as cerca. A mediação, nesse sentido, é o momento planejado, entre educadores do museu e educadores da pequena infância, para que a experiência da criança, no museu, desperte prazer, curiosidade, promova desafios cognitivos, proporcione diferentes experiências em torno da arte e gere o desejo de retorno.

2.2.2 Mediação cultural para a pequena infância: construindo memória e identidades

A identidade de um povo depende em grande parte da forma como ele se relaciona com sua memória e é a partir desse entendimento que inicio esse diálogo

no qual o museu e suas ações mediadoras constituem um instrumento privilegiado para a efetivação dos processos de construção de memória e identidades.

É nesse sentido que os museus de arte podem ser grande ativadores desses processos, pois nos momentos de visita que se configuram em momentos singulares, quando bem desenvolvidos, afetarão os seus visitantes de forma a contribuir na construção de suas memórias e identidades de forma sensível, ativando todos os sentidos.

Não se pode esquecer que, apesar de os objetos expostos no museu guardarem em si memórias, histórias de um determinado tempo-espço, há a necessidade de contextualizá-los, pois “sempre que se contextualiza os objetos eles são, ao mesmo tempo, materiais (em sua visibilidade) e imateriais (sua história, seu uso, seu contexto)” (LEITE, 2006, p.76).

Ainda há que se considerar nessa relação o contexto atual. Essa contextualização ocorre pela mediação num diálogo constante e por meio das experiências estéticas. Assim, “a memória do passado permite a consciência do presente e projeta o futuro de uma determinada sociedade.” (MAGALHÃES, 2005, p.22). Nesse sentido, ao tratar da memória, Cunha (2005, p. 2) revela

Minha memória serve como um fluxo de idéias entre as minhas experiências pessoais do passado e as possibilidades de repensar o presente, tendo como ponto de partida as inúmeras interações com outras imagens e artefatos culturais das mais variadas ordens.

Por esse viés, os momentos vividos pelas crianças nos momentos de mediação deveriam ativar esses processos, para que as crianças possam ser afetadas para além do sentido da visão. Num movimento de relações estabelecidas na ativação da memória das crianças e a possibilidade de relação com os objetos.

Sobre a relação sujeito-objeto, concordo com Leite (2006, p. 78)

[...] essa relação se dá num entrecruzamento de tempos não lineares. Há a temporalidade do autor, do contemplador, da obra em sua materialidade e do que ela representa. O processo de significação das imagens não está no presente, está no que vai vir – está nas ondas de sentido que se propagam. Há a necessidade de soterrar imagens no esquecimento para que sejam, depois, lembradas, evocadas. Mais interpenetração de tempos[...]

Nesse movimento é que as imagens mentais, ou acervo imagético dos sujeitos vão compondo a sua memória. Portanto, como é que o museu, nas suas

ações mediadoras, trabalha no sentido de provocar nos seus visitantes - as crianças, ondas que se propagarão?

Quando nos relacionamos com os objetos, num momento de visita a um museu:

Aquilo que chega aciona acervos e, num processo de familiarização de códigos não pré convencionados, possibilita a interpretação. Portanto entendo o acervo imagético do sujeito como toda a memória do que foi visto/ouvido/sentido por ele, percebe-se que é esta memória que possibilita a incorporação de novas imagens. Tudo o que experimentamos esteticamente é guardado em locais, como índices e sinais, para que possam ser acionados em outros tempos, outros espaços. (ALMEIDA, 1999, apud. LEITE, 2006, p. 79)

Nesse contexto, não podemos esquecer que a relação que aqui se estabelece é sempre pensando na infância e assim Vygotsky (2003, p.17) salienta que uma das principais leis a que a função imaginativa se subordina, seria a “relação direta com a variedade da experiência acumulada pelo homem [...]”

Quanto mais rica for a experiência humana, tanto mais abundante será o material de que a imaginação dispõe, pois como afirma Leite (2006, p.80), toda e qualquer relação com objetos de qualquer natureza, de alguma maneira, “soma-se ao repertório imagético das crianças e tornam-se partes integrantes de seu acervo cultural.” Esses acervos guardados na memória, constituídos pelas experiências dos sujeitos, vão construindo-o na sua singularidade, transformando-se em suas identidades, num processo constante de apropriação/ construção/desconstrução. Assim, “as exposições são os espaços que favorecem o aprendizado, percepções, conscientizações e diálogos a respeito de valores passados, presentes e futuros.” (WILDER, 2009 p. 59)

Nesse sentido, as ações mediadoras no museu precisam pautar-se num movimento de alteridade, pois hoje, assim como não podemos falar de infância, mas sim de infâncias, também não podemos falar de uma identidade, mas de muitas identidades, segundo Magalhães (2005, p. 29):

A identidade é, antes de mais nada, uma construção cultural, um processo, não existe fora, nem sem os sujeitos que a reclamam, perante situações de adversidade ou alteridade. Assim não se pode falar em uma identidade pessoal ou cultural, mas em várias identidades, em que as sociedades actuais reconhecem as múltiplas identidades fragmentadas e mutáveis dentro de si mesma.

Por esse caminho é que surgem as novas possibilidades de escolhas e de pertencimento dos sujeitos na contemporaneidade. É na diferença e na relação com o outro que me construo:

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta... (HALL, 2000 p.110)

Os objetos expostos no museu revelam um mundo de possibilidades, pois carregam em si mensagens, idéias, cultura, enfim comunicam. Portanto, proporcionar o contato das crianças com os objetos musealizados é uma maneira de motivá-las a criarem vínculos afetivos com o patrimônio que lhes pertence e assim:

Concomitantemente ao potencial de conhecimento que os objetos carregam em si, "a estética das obras de arte, representações desse conhecimento, os materiais, muitas vezes preciosos com que são feitas, e todo o ambiente do museu, irão contribuir para a renovação da identidade do indivíduo, numa reflexão acerca de si e dos outros, que o leva ao reencontro consigo mesmo e com o mundo. (MAGALHÃES, 2005, p.58)

É nesse construir e desconstruir, nas vivências e experiências no contexto cultural que os sujeitos vão se fortalecendo como cidadãos e no que se refere às experiências no museu de arte, as relações nele possibilitadas contribuem para a construção de cidadãos mais sensíveis.

3 MUSEU GUIDO VIARO: O PASSADO SE FAZ PRESENTE

[...] o museu de arte hoje é, simultaneamente, uma tradição,
 um espetáculo, um lugar político,
 uma promoção social,
 uma arena para processos de ação sócio-cultural,
 uma especulação, uma corporação,
 uma experiência, bem como alegoria ou metáfora
 para a explanação, criação e
 manutenção de outras dimensões
 de conhecimento.
 O museu se configura assim
 como complexidade,
 grandeza modelada
 por múltiplas dimensões.
 Grosmann

Nesse capítulo, apresento brevemente a vida do artista Guido Viaro, sua obra e, principalmente, sua atuação como educador de artes para crianças. Abordo sobre a criação do Museu em sua homenagem - Museu Guido Viaro - e explico algumas ações desenvolvidas nos seus vinte anos de funcionamento, principalmente no que se refere à relação do museu com a educação.

Por fim aponto o ressurgimento do Museu Guido Viaro, sua proposição no cenário da arte curitibana e as ações desenvolvidas até o momento atual.

3.1 GUIDO VIARO E SUA OBRA: UM PRESENTE PARA CURITIBA

Italiano nascido na pequena cidade de Badia Polesina, no ano de 1897, Guido Pelegrino Viaro foi uma criança apaixonada por banhos de rio, passeios de bicicleta e principalmente pelo desenho.

A paixão pelo desenho o fez contrariar a vontade dos pais quanto ao seu futuro e o levou a galgar diferentes caminhos para a realização do desejo de se tornar um artista. Para isso muito se dedicou e com apenas dez anos de idade frequentava aulas de desenho, no período da noite, tendo seu tio Antônio, pintor e professor de desenho, como orientador e incentivador.

A sua busca o tornou um autodidata:

Sobre a antiga ponte de ferro no rio Ádige passa tardes inteiras desenhando ou apenas observando a paisagem, fixando atentamente as tonalidades cromáticas no horizonte ou os “arabescos” na superfície das águas. Inicia aí o longo percurso de pesquisador autodidata, tentando decifrar o mistério das cores e das formas. (Catálogo da exposição: Guido Viaro uma lição de arte, 1997 MAP)

Sua dedicação é reconhecida pelos amigos que passam a procurá-lo para a realização de trabalhos artísticos. Mas Viaro é movido por uma ânsia de sair da pequena cidade, onde residia com a sua família, para descobrir novos horizontes, o que se tornou mais forte ao voltar da experiência da Primeira Guerra Mundial, pois percebeu que ali de fato não era mais o seu lugar:

A província com sua vida pacata é boa aos cinqüenta, mas para os moços representa a renúncia. Aborrecia-me aquela vida tranqüila. Andava para cá e para lá como um condenado. Os ensaios de desenho já não satisfaziam meus arroubos. O ambiente nada mais oferecia de interessante. (VIARO, In: DASILVA, 1992, p.10.)

A procura pelo novo, pelo desconhecido, o levou ainda muito jovem a realizar viagens pela Itália onde conheceu vários artistas, frequentou ateliês e participou de exposições. Passou um período em Paris, o qual foi de muita dificuldade e decidiu então seguir viagem rumo ao Brasil.



Guido Viaro. Fonte: www.museuguidoviaro.org

Desembarcou do navio em 1927 na cidade do Rio de Janeiro e seus olhos se encheram de encantamento com as cores, com o povo, com a luminosidade, porém, logo se transferiu para a cidade de São Paulo, onde atuou como ilustrador e também em outras tarefas como pintura de paredes, murais e serviços gráficos. Realizou ali sua primeira exposição no Brasil.

Após dois anos de estada em São Paulo, um desentendimento com decoradores o fez embarcar no primeiro trem que encontrou na Estação da Luz com destino ao Sul e veio parar em Curitiba. Por obra do destino, Curitiba ainda não sabia, mas acabara de ganhar um presente.

A primeira impressão sobre a cidade não fora a das melhores, mas o tempo de adaptação foi passando e, mesmo com a intenção de apenas conhecer e representar a cidade em suas pinturas e seguir viagem, Guido foi ficando. Aos poucos foi interagindo, relacionando-se com as pessoas e conquistando um lugar no cenário artístico e cultural curitibano.

Sua aparição pública na cidade se deu em 1930, através do Jornal Gazeta do Povo. Ali,

[...] se apresentou como professor e pintor diplomado pela academia de Belas Artes de Veneza, Itália. (...) se identificou como participante do movimento de arte moderna italiana, citando Mondigliani, Morano, e Satineli como seus expoentes máximos. Procurando dar publicidade aos seus projetos, comentou que a viagem fazia parte de um roteiro que contemplava o Brasil de norte a sul, e que tinha como objetivo a busca de motivos para sua arte. (OSINSKI, 2008, p.27)

Essas suas intenções não se concretizaram, pois ao conhecer a jovem Yolanda em 1932, desistiu da idéia de seguir viagem, fixou residência em Curitiba, aliás uma residência ateliê, onde realizava suas pinturas. Casou-se com Yolanda em 1935 com quem teve um único filho, Constantino Viaro, após dois anos de união.



Guido Viaro, Iolanda e Constantino. Fonte: Viaro Catálogo de exposição, 1977.

Guido Viaro teve uma vida artística intensa, dedicou-se principalmente à pintura, participou de várias exposições e foi bastante premiado.

Sobre Guido, pintor, Brandão (1992) relata:

Vi, Guido Viaro, como pintor, usando os mais variados recursos, as mais variadas técnicas, principalmente a óleo, a aquarela e a têmpera. Ele mesmo fazia a preparação de suas telas. (...) Aplicava o

gesso e a cola. Misturava ingredientes para preparar uma tela rústica, como ele gostava. Com seu temperamento forte, ele queria as telas ásperas. Pintava com gestos nervosos. Usava água-raz para dissolver as tintas de óleo. Não gostava de misturá-las com linhaça para que não levassem muito tempo para secar, já que não gostava de ficar retocando os quadros por muito tempo. Trabalhava com as tintas com certa rapidez. Isso era fruto do seu próprio temperamento irrequieto.

Nas suas pinturas, representou paisagens, cenas do cotidiano, retratos, natureza morta e em todas elas sua principal temática era a vida. Buchmann (2000, p.10), em uma passagem do livro 'Guido Vendo Longe', conceitua de maneira poética a pintura do artista:

Ele gostava muito de retratar a simplicidade da vida das pessoas. Mostrava pela pintura, as injustiças, as dificuldades e os momentos felizes. Pessoas aguardando uma chance na vida, gente triste, gente feliz e tanto mais. Parece que ele via beleza em coisa que tem a beleza escondida. Parece que suas pinturas nos fazem pensar e ver as coisas com outros olhos.

Em entrevista para o Jornal Estado do Paraná (1982), Constantino Viaro, filho do artista, fala sobre a pintura do pai:

Ele curtiu muito a figura humana. Todo o trabalho dele está em torno da figura humana. Meu pai retratou 40 anos de gente. Registrou os tipos da cidade, os tipos humanos, bem caracterizados psicologicamente como uma preferência para ao trabalhador, para o homem comum, para os humildes. Onde ele ia, levava sempre um papelzinho. Quando via um tipo interessante, registrava-o na hora, ali, de improviso, ali espontaneamente. Gente que freqüentava o passeio público, o vendedor ambulante, a empregada doméstica, o povo. Esta era a matéria-primeira que depois trabalhada, aperfeiçoada, assim num empenho posterior, resultava a sua pintura.

Além dos tipos humanos, registrou, em muitas das suas pinturas, a sua própria família, esposa, filho, sogra, assim como realizou vários auto-retratos em diferentes fases da vida.



Mildret, 1947. Óleo sobre tela. Fonte: www.museuguidoviaro.org

Como um ser de perfil inquieto e ávido pela busca constante do novo, Dasilva (1992, p.21) comenta: “Viaro era um artista para abrir estradas e não para seguir pelas já sinalizadas. Quando obtinha domínio e conquista absoluta sobre uma técnica, havia a necessidade de enfrentar novas lutas, novos desafios.”

Com esse jeito de ser e de fazer sua pintura, Guido também se dedicou ao desenho, à escultura e à gravura. Quanto à gravura, deixou um acervo riquíssimo de obras com as mais variadas temáticas, entre elas: feira, circo, festas, transportes, família, maternidade, religião, animais entre outras.

Muitas delas puderam ser apreciadas na revista Joaquim (Apêndice A), na qual Guido atuou como colaborador não só com gravuras, mas com textos críticos sobre a arte, o que o revelou também como escritor.

Viver de arte naquela época, talvez não diferente dos dias atuais, não era possível, portanto Guido se dedicou também ao ofício de professor, atuou principalmente no ensino de desenho e da pintura.

3.1.1 O artista e sua relação com o ensino da Arte para crianças

Guido iniciou suas atividades docentes ministrando aulas de desenho em escolas particulares da cidade. Entre elas destacam-se o Colégio Iguazu, onde lecionou de 1931 a 1944, o Colégio Belmiro César, onde permaneceu por mais de vinte anos. Foi nessa instituição que, no ano de 1937, deu início a sua escolinha de arte, “ [...] onde se cerca de crianças e começa a descobrir e a ensinar aos educadores que arte era o grande caminho da criatividade para as crianças.” (BRANDÃO, 1981)

Como professor, foi o responsável pelo início de uma metodologia de ensino que valorizava a expressão pessoal, fugindo das regras da academia, o que o levou a criar sua própria escola de desenho e pintura no ano de 1939.

A escola era frequentada por alunos das mais variadas idades e mesmo aqueles que não tinham condições financeiras podiam frequentá-la desde que demonstrassem real interesse e talento.

Conciliando as aulas na sua escola, Guido atuou ainda na Escola Profissional República Argentina como docente em pintura e desenho, contratado do Governo, permanecendo ali até 1948, ano em que participou da fundação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP.



Fachada da EMBAP. Fonte: Catalogo de Exposição Viaro – o talento do Mestre.

Na EMBAP foi professor de Composição Decorativa e também ministrou aulas no Curso Livre de Pintura, quando transferiu sua escola particular para lá, assim:

A condução de um ateliê livre dentro da EMBAP dava a Viaro a possibilidade de realizar atividades docentes fora das prescrições das disciplinas do curso, o qual, espelhado na tradicionalista Academia de Belas Artes, guardava resquícios das metodologias de ensino de arte das academias de arte francesas do período neoclássico, como o desenho a partir de modelos de gesso, a ênfase no desenho geométrico e decorativo e na geometria descritiva. (OSINSKI, 2008, p.144 145)

Nas aulas do Curso livre de pintura que eram ministradas numa sala situada no sótão da EMBAP, Guido proporcionava um ambiente que fugia totalmente ao modelo pedagógico estabelecido pela academia, era “uma espécie de *ilha da liberdade*, na qual suas idéias pudessem prevalecer e se desenvolver.” (OSINSKI, 2008, p. 145)

Em meios às aulas e orientações aos alunos, Guido algumas vezes servia de modelo e, em muitas outras, produzia sua arte. Desse modo,

[...] ao mesmo tempo em que estimulava a produção discente do desvelamento dos processos do mestre e da vivência de suas pesquisas, acabava, ainda que sutilmente, impondo alguns parâmetros do que seria a tal *arte honesta*⁹ tão comentada pelos modernos daqueles dias. (OSINSKI, 2008, p. 162)

Essa forma de ensinar permitia ao aluno um contato com saberes para além da matriz curricular estabelecida pela academia, bem como um forte incentivo à expressão pessoal e à constante pesquisa. (OSINSKI, 2008, p. 162)

Ao final do ano letivo era possível apreciar, numa mesma exposição, tanto os trabalhos realizados pelos alunos na academia quanto os trabalhos realizados no Curso Livre de Pintura.

Osinski, (2008, p. 163) esclarece que, nesse momento, Viaro age de forma mais consciente sobre a educação, resultado das suas relações com intelectuais¹⁰ da época que o despertaram para as possibilidades transformadoras que a educação poderia alcançar.

⁹ [...] termo bastante utilizado pela crítica da arte nos anos 1940 e 1950, identificava o artista refratário a influências externas e comprometido com uma pesquisa pessoal, que procurava expressar sua visão de mundo, seus sentimentos e emoções, a respeito da aceitação mercadológica. (OSINSKI, 2008, p.56)

¹⁰ Eny Caldeira, Erasmo Pilotto e Adriano Robie.

Envolvido por um projeto educativo no qual pudesse atender as crianças de escolas públicas e particulares e também professores, Viaro sonhava com a criação de uma escola.

Nesse contexto, no ano de 1953, em decorrência dos preparativos para as comemorações do centenário de Emancipação Política do Paraná¹¹, ao ser consultada, pelo então governador sobre o que poderia fazer para tais comemorações, a professora Eny Caldeira¹² sugeriu uma grande exposição de desenhos de crianças. A proposta foi aceita e Guido Viaro foi convidado a coordenar o trabalho.

Numa parceria entre a EMBAP e a Secretaria de Educação e Cultura, organizou-se um concurso nas escolas primárias e secundárias do Paraná, o qual consistiu em um teste de desenho para as crianças, aplicado por Guido Viaro e professores auxiliares.

Foram selecionados aproximadamente 1000 trabalhos que atendiam aos critérios de “[...] liberdade nos temas e certa espontaneidade expressionista no tratamento das imagens.” (OSINSKI, 2008, p.194).

Como premiação, as crianças receberam bolsas de estudo para o curso ministrado por Viaro no sótão da EMBAP, onde já realizava atividades com crianças.

A exposição ocorreu “[...] num barracão construído especificamente para aquele fim. A inauguração configurou-se numa grande festa, congregando convidados em geral, as crianças e seus pais.” (OSINSKI, 2008, p.194).

Nesse momento estabeleceu-se uma forte parceria entre Guido Viaro e Eny Caldeira e com a concretização da exposição da arte infantil tornou-se visível o trabalho realizado com as crianças, o que possibilitou a concretização do sonho do artista, a criação do Centro Juvenil de Artes Plásticas – CJAP, ligado ao departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Paraná.

A iniciativa de Guido Viaro e Eny Caldeira,

¹¹ O Centenário de emancipação política do Paraná envolveu uma série de ações para a modernização do Estado do Paraná pelo então governador Bento Munhoz da Rocha Neto. Entre elas destacou-se a Construção do Centro Cívico, construção do Teatro Guaíra, da Biblioteca Pública, Praça e Monumento do Centenário entre outras.

¹² Professora, então diretora do Instituto de Educação do Paraná, com forte interesse nas artes plásticas, vislumbrava um projeto pelo qual pudesse contemplar a arte com a formação docente.

[...] se concretizou graças ao apoio da esfera governamental, se deu num período de efervescência no que se refere à expressão da criança por meio da arte, e ao surgimento de instituições fomentadoras da produção artística infantil *espontânea*, preservada da orientação dos adultos. (OSINKI, 2008, p.195)

O CJAP funcionou no sótão da EMBAP, “em caráter experimental (...), por meio do decreto nº 9.628”, e no subsolo da biblioteca pública do Paraná, onde inicialmente eram ministradas aulas de pintura e cerâmica e mais tarde foram incorporadas na programação aulas de xilogravura, desenho, gravura, tecelagem entre outras.

Somente dois anos mais tarde, em 1956, é que ocorreu a sua oficialização, através do decreto nº 6.177, passando a funcionar em uma sede própria na Rua Mateus Leme, nº 56, até os dias atuais.



Centro Juvenil de Artes Plásticas na atualidade. Fonte: www.cjap.seec.pr.gov.br.

O CJAP atendia crianças de diferentes idades e a maioria delas eram das escolas públicas. O ingresso na escola se dava através de bolsas de estudos concedidas por meio de um teste de aptidão, porém, há:

A hipótese de os testes terem mais função de divulgadora que de seleção é reforçada pelo fato de que a palavra *teste* vir sempre grafada entre aspas, em todos os documentos do centro. Conceder *bolsas de estudos* era uma forma de valorizar, com os pais e responsáveis, a oportunidade de participação nessa experiência artística. Por outro lado, a aplicação dos testes conferia serenidade diante dos dirigentes das escolas que muitas vezes viam a arte como uma espécie de recreação sem maior importância, ou então conduziam sua participação a exercícios de desenho geométrico e motivos para faixas decorativas, conforme programas vigentes. (OSINKI, 2008, p. 204)

A aplicação dos testes foi uma maneira encontrada, e muito comum na época, para possibilitar a participação das crianças. A intenção era poder atender muitas crianças, porém as dificuldades com os recursos humanos e a questão do espaço físico limitado eram empecilhos.

Guido contava com uma equipe de professoras, capacitadas ali mesmo no CJAP, para atuarem como disseminadoras do trabalho com a arte nas escolas.

Tomando como princípio o desenvolvimento do gosto estético e do senso artístico desde as crianças bem pequenas, o trabalho realizado no CJAP valorizava o fazer artístico e a expressão individual como uma atividade desenvolvida fora do período escolar.



Guido ministrando aula no CJAP. Fonte: www.museuguidoviario.org

A criança era inserida no mundo da arte, a começar pelo ambiente físico decorado com reproduções de obras de arte contemporânea misturadas aos próprios trabalhos das crianças e ainda o fato importante de que o próprio Guido Viaro produzia no espaço, oportunizando às crianças observá-lo em seu processo artístico.

Guido acreditava que:

[...] não seriam necessários estímulos especiais para a criação artística, mas um ambiente de entusiasmo, de bondade, de compreensão, possibilitando, mesmo ao aluno mais tímido, uma manifestação com mais liberdade e sem acanhamento. (OSINKI, 2008, p.210)

Enquanto esteve à frente da direção do CJAP, sua participação na instituição,

[...] misturava aspectos didáticos e administrativos. Sua figura pessoal, como artista e educador, confundia-se, muitas vezes, no imaginário social, com a imagem da própria instituição. Mesmo desfrutando do prestígio que o cargo de diretor lhe conferia, Viaro não

abria mão da imagem de orientador das crianças. (OSINSKI, 2008, p.213)

A partir dos seus ideais sobre o ensino da arte, Guido Viaro teve uma contribuição fundamental no campo da educação no Estado do Paraná. Para Brandão (1981) ele:

Foi um desbravador no setor de ensino do Estado. O Paraná deve a Guido Viaro tudo o que fez no sentido de mostrar a arte pictórica como um efetivo instrumento de educação, de estímulo à criatividade, de fortalecimento da convicção das pessoas, de que elas podem realizar algo de criativo, de desenvolver a criança desde cedo.

Ao deixar a direção do CJAP, Guido dedicou-se ao ensino da arte em seu ateliê. Durante todo o período de atuação como professor, foi responsável pela formação de vários artistas, como, por exemplo, Carlos Eduardo Zimmermann, Domício Pedrozo, Eliane Prolik, Francisco Faria, Jair Mendes, Lina Lara Oto, Pedro Inocente, Suzana Lobo, entre outros.

Guido faleceu no ano de 1971, no seu ateliê, enquanto lia e esperava seus alunos para mais uma aula de pintura.

3.2 O MUSEU DE ONTEM: UMA HOMENAGEM A GUIDO

A necessidade de preservar e expor a obra de Guido Viaro desencadeou uma parceria entre as autoridades curitibanas da época e a família do artista, representada por Constantino Batista Viaro, possibilitando a criação do Museu Guido Viaro.

A iniciativa surgiu em 1973,

[...] por ocasião de uma retrospectiva do pintor nas salas de exposição do Banco de Desenvolvimento do Paraná – Badesp. Foi a maior e mais bem organizada mostra realizada após a morte do artista. Fez ver o valor do acervo deixado pelo mestre e sensibilizou o então prefeito Jaime Lerner, o qual tratou de providenciar um local para reunir e preservar esse importante patrimônio artístico. (GAZETA DO POVO, 1983)

A prefeitura cedeu o espaço (Apendice 2), um antigo prédio da Força Aérea Brasileira, situado na Rua São Francisco, nº 319, próximo ao Largo da Ordem. A família cedeu aproximadamente 120 obras em regime de comodato, entre elas gravuras, esboços, óleos, esculturas e aquarelas.

Assim, em 19 de março de 1975 o Museu foi inaugurado em meio às comemorações do “Arte na Cidade”, evento que contou com palestras, exposições e lançamentos.



Fachada do Museu Guido Viaro. Fonte: Casa da Memória

Instalado num prédio de três andares, sob a responsabilidade da Fundação Cultural de Curitiba – FCC, o Museu tinha como objetivo reunir, conservar e divulgar a obra artística de Guido Viaro e para tanto constavam no seu estatuto, além da promoção, “a adequada conservação das obras dentro das normas técnicas vigentes em Museus de Artes Plásticas, velando pela sua segurança.”¹³

Inicialmente o Museu expôs somente a obra do artista, mostrando as suas diferentes fases. Dentre as iniciativas desenvolvidas na gestão de Jair Mendes, primeiro diretor da casa, destacam-se as importantes exposições temporárias e entre elas evidenciamos aquelas que se relacionam de alguma forma com a criança:

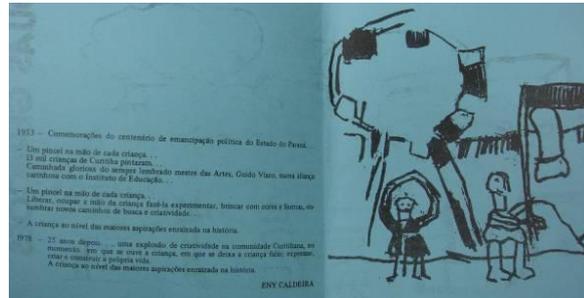
- Duas Gerações (1978), uma exposição de desenhos de crianças,

[...] desenvolvidos num extenso programa comunitário em parques, praças, ruas e centros de criatividade curitibanos nos últimos 10 anos. (...) As pinturas que estão à disposição dos visitantes vêm sendo colecionadas desde 1953, ano da Emancipação política do Paraná,

¹³ Estatuto do Museu Guido Viaro. Fonte: Arquivo da Casa da Memória.

no centenário. Meio século depois se procedeu uma análise do que evoluiu, registrando-se... (GAZETA DO POVO, 18/09/1978)

Essa exposição reforçou ao público a importância do desenvolvimento da arte para/com as crianças.



Convite da Exposição Fonte: Centro de Pesquisa e documentação Guido Viaro



Abertura da Exposição Fonte: Centro de Pesquisa e Documentação Guido Viaro

- Augusto Rodrigues (1980)¹⁴ expôs no Museu Guido Viaro cinquenta trabalhos entre óleos, aquarelas, desenhos e gravuras. Na ocasião realizou duas palestras sobre o ensino de arte à criança e sobre as escolinhas de arte, e ainda lançou o livro *Dez Desenhos* e um Poema.

Outro destaque das atividades desenvolvidas no Museu Guido Viaro se refere aos Cursos para professores de Educação Artística. O primeiro deles, um ciclo de

¹⁴ Augusto Rodrigues foi o Criador das Escolinhas de Artes e falou sobre o tema ao Jornal Correio de Notícias (1980): A importância da escolinha está em institucionalizar a arte a serviço da criança. Ela não faz distinção da arte, nem vê tudo por uma ordem de hierarquia. Para a criança a arte é um meio de expressão integral. (...) Escola de arte significa um trabalho integrado no processo da educação, uma atividade normal. É peso no processo de desenvolvimento para a capacidade criativa. Não se transforma as pessoas em artísticas. Mas pode-se torná-las sensíveis e abertas, capazes de exercitar sua criatividade. Deve-se exigir que o homem, a mulher, a criança desenvolva seu potencial criador. Se conseguir isso nas artes, conseguirá em qualquer outra atividade. Ainda como homenagem ao artista, foi exibido o curta metragem "O mundo mágico de Augusto Rodrigues", de Araken Távora.

palestras, ocorreu no período de 13 a 17 de fevereiro de 1978 e contou com a participação de nomes importantes na área. Fernando Veloso falou sobre *Os museus e a sua importância como fonte de cultura e pesquisa escolar*. Rafael Dely falou sobre *A cidade e a escola*. Jair Mendes tratou sobre *O Museu Guido Viaro – um exemplo para a integração Museu e Escola*.

O segundo curso desenvolvido para o público de professores ocorreu no mesmo ano, no período de 11 de maio a 07 de junho e, para essa ocasião, no corpo de palestrantes estavam: Oldemar Blari, Cyro Corrêa de Oliveira Lyra, Newton Carneiro, Aracy Amaral, Fernando Calderari, João Osório Brezennski, Theodoro de Bona, Adalice Araújo.

Houve, no ano de 1980, o “Encontro Nacional de críticos de Arte” (Apêndice C), evento importantíssimo para o contexto da época.

Em 1990, Suzana Lobo assume a direção do Museu e, como continuidade ao trabalho de Jair, segue realizando o trabalho de trazer importantes exposições para o Museu e dentre elas podemos destacar: Joan Miró, Frida Kahlo, Miguel Bakun, Bienal de Veneza, Hélio Leites, Ligia Clark entre outras.

Houve também o projeto Van Gogh, em comemoração ao centenário de sua morte. A equipe do Museu realizou uma extensa pesquisa sobre o artista como preparação do evento. Foram realizadas palestras, análise de obras e ainda atividades práticas.



Convite para o evento. Fonte: Centro de Pesquisa e Documentação Guido Viaro

Os trabalhos desenvolvidos pelos participantes puderam ser apreciados pelo público, através de uma exposição que foi organizada no museu.



Análise de obra e atividades práticas. Fonte: Centro de Pesquisa e Documentação Guido Viaro

As ações desenvolvidas no Museu foram muitas, sempre com o intuito de aproximar o público, sem esquecer-se das crianças.

3.2.1 Ações educativas: a criança no Museu

A intenção de aproximar o público infantil do Museu foi uma das principais metas do Museu Guido Viaro. Jair Mendes, como diretor da Casa, declarou ao Jornal Correio de Notícias de 1978:

Estamos tentando quebrar aquela idéia antiga de que museu é um lugar onde se deve falar baixo, de que museu é uma casa fechada, um lugar sombrio. (...) Vamos atender uma faixa etária que não recebe a assistência de museu nenhum do mundo, a faixa infantil de 5 a 10 anos. Nossa filosofia é fazer a criança sentir que o museu é uma coisa boa.

Nessa perspectiva e com a idéia de um Museu dinâmico e didático foi criado o Programa Museu Escola¹⁵, e um dos principais projetos desenvolvidos foi o Dr. Eureka, com o intuito de atingir as crianças e fazê-las perceber que o museu é delas e que ali podem se divertir e aprender ao mesmo tempo.

Na realidade o projeto surgiu de uma experiência anterior sem êxito:

¹⁵ O programa Museu-escola desenvolvia três atividades: visitas dirigidas para estudantes de 1º e 2º graus das escolas municipais, estaduais e particulares; Concursos sobre a vida e obra do artista, para estudantes do 1º e 2º grau e sobre a importância do artista na arte do Paraná, para estudantes universitários e Dr. Eureka, para as crianças menores entre 5 e 12 anos de idade. Segundo o diretor: “Num país pobre como o nosso a função da casa de cultura é despertar a curiosidade geral acerca das obras de arte. De maneira gostosa, agradável e franca.” (A VOZ DO PARANÁ, 1978.)

[...] o que a maioria dos museus faz atualmente: “Dar um papel e tinta para a criança e mandar desenhar”, (...) O Museu Guido Viaro, além disto, também apresentava filmes e desenhos animados que nada tinham a ver com a realidade da criança que o visitava. “Quando nós ou os professores fazíamos a avaliação, descobríamos sempre a mesma coisa, e nem citava o nome do Museu naquele passeio. (Jornal do Brasil, 1979)

Assim, com apoio do grupo de teatro Torre Amarela¹⁶, o projeto Dr. Eureka, seguia o seguinte roteiro: As crianças eram recebidas no auditório do Museu, onde o boneco animador, Dr. Eureka, inicialmente falava sobre o que é um Museu e:

[...] apresenta o boneco que traz a saudosa figura do artista paranaense. Este vai mostrar às crianças como se pinta, ensinando-lhes que pintar e desenhar “está na cabeça” e todos ali podem fazer. Para um aluno que aparece vivido pelo boneco Toninho, o professor Viaro ensina a todos a diferença entre desenho e pintura (paisagem figurativa, natureza morta), através de slides do Museu. A primeira parte fecha-se com o roubo de tintas do professor Viaro, pela Escuridão. Para recuperá-las, Toninho vai precisar da ajuda das crianças que terão de trazer oito respostas, através de uma gincana pelas salas de exposições do Museu, orientadas por monitoras. (ARQUIVO DO CENTRO DE PESQUISA E DICUMENTAÇÃO GUIDO VIARO)

As perguntas eram:

1º andar – Exposição: Desenhos de Guido Viaro

- 1) Na sala você encontrará um vaso com flores. Os desenhos que estão expostos nesta sala mostram paisagens, figuras ou animais?
- 2) Na sala em que você encontra uma vitrine com a paleta de pintar, quantos desenhos estão expostos?
- 3) Em outra sala você encontrará um aquário com um peixinho. Nesta só tem um desenho colorido. O que representa este desenho?
- 4) Pendurado no teto de outra sala existe uma gaiola com um passarinho. Aí você encontrará vários painéis contendo esboços a nanquim, gravuras, cinco gravuras e xilogravuras. Qual é o painel que tem mais obras?

2º andar: Exposição Acervo do Museu

¹⁶ Ficha técnica: Paulo Passos de Paula/Icléa Rodrigues Passos de Paula. Direção: Paulo Passos de Paula. Bonecos e Cenografia: Icléa Rodrigues Passos de Paula. Sonoplastia e iluminação: César Guimarães Rodrigues. Execução e montagem: Paulo/ Icléa/César. Elenco: Icléa Rodrigues Passos de Paula, César Guimarães Rodrigues, Denise de Paula, Jocerge Básilo da Silva.

- 5) Chama-se natureza-morta um quadro que representa flores, frutas, objetos, enfim, coisas que não possuem vida. Quantos quadros desse tipo você encontrou na exposição?
- 6) Em alguns quadros você vai encontrar algumas canoas pintadas. Quantos quadros têm canoas?
- 7) Procure o quadro de um homem que toca violão. Ele tem um chapéu na cabeça?
- 8) Chama-se paisagem um quadro em que o artista pinta a natureza, a praia, as montanhas. Quantas paisagens você encontrou nessa exposição?

De posse das respostas, as crianças eram novamente reunidas no auditório e ajudavam Toninho a recuperar as tintas. Nessa segunda parte aprendiam também algumas noções de luz e cor. Por fim havia uma confraternização com música e dança.



Desenvolvimento do Projeto Dr. Eureka. Fonte: Jornal do Brasil, 1979.

Para Vicente Jair Mendes, [...] “essa é a melhor maneira de se chegar até os pequenos participantes. Usando brincadeiras, histórias e deixando-os completamente à vontade, certamente terão desejo de voltar.” (Correio de Notícias, 1978.)

O projeto acontecia uma vez na semana, sempre às sextas-feiras com a duração de duas horas e sempre com o agendamento de escolas diferentes. O projeto deu tão certo que nos sábados e domingos era comum ver as crianças com seus pais visitando o Museu.

Sempre preocupado com o público infantil, Vicente Jair Mendes declarou ao Jornal Diário do Paraná, em 13 de abril de 1979: “É de pequena que a criança adquire o hábito de ir ao museu, interessar-se pela história da arte paranaense e mundial, e isso repercutirá quando adulta.”

É evidente o empenho e a dedicação da equipe do Museu com o público infantil a partir do desenvolvimento desse projeto, porém nota-se, através das perguntas feitas às crianças, que a questão da mediação era bastante voltada para os aspectos formais das obras e outras vezes, para conhecimentos de outras áreas como a matemática, por exemplo, a arte ficava sendo um recurso para outras aprendizagens. A leitura de imagem não era uma prática efetiva na época. Essa proposta teve início no Brasil, na década de 1980, no Museu de Arte Contemporânea da USP, a partir de uma proposta de Ana Mae Barbosa – Proposta Triangular¹⁷.

Na gestão de Suzana Lobo, outro projeto educativo foi iniciado para atender as crianças a partir da quarta série: Maria das Cores. Esse tinha o objetivo de:

Despertar no público visitante a possibilidade de se expressar através das cores, tendo, como motivação: a interpretação, a projeção de sombras e imediatamente a obra de Guido Viaro. Liberdade de expressão, desenvolvimento da sensibilidade e amadurecimento emocional através do teatro e da leitura das obras do Museu. (ARQUIVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA GUIDO VIARO, 1992.)

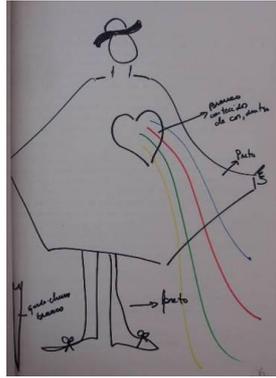
Assim, o Museu colocou em prática o projeto “Maria das Cores” que contava com uma atriz contratada, Olga Romero, do Grupo de Teatro Merengue que interpretava a personagem Maria das Cores e com uma monitora do Museu. Acontecia sempre nas quintas-feiras com a duração de duas horas.

Maria das Cores,

[...] transforma a visitação mais alegre, dinâmica, atrativa e, sobretudo, mais próxima da realidade infantil, despertando a sensibilidade, nos jovens estudantes, para um universo novo e desconhecido – o mundo das cores. Através de seus elementos contidos, como: a tinta, o pincel, o nanquim, o papel, enfim, as cores. (JORNAL O ESTADO DO PARANÁ, 1990)

A história é a de uma menina que viajava de navio e teve suas cores roubadas. Quando as crianças entram no Museu, na sala da Cinemateca, encontram-na dormindo. Logo, Maria acorda e conta para as crianças o ocorrido, dizendo estar muito triste, pois na viagem da Itália para o Brasil sua bolsa de cores havia sido roubada e por isso sua vida se transformou em preto e branco.

¹⁷ Ver capítulo 2, p. 31.



Figurino da Maria das Cores. Fonte: Centro de Documentação e Pesquisa Guido Viaro

Nesse momento Maria das cores abre sua sombrinha e nela se projetam sombras. A monitora que acompanha a performance, conta que a bolsa foi encontrada por um artista chamado Guido Viaro e fala brevemente a sua biografia. Na sequência convida a todos para visitarem o Museu para ver o que o artista havia produzido com as cores encontradas. Durante a visita, juntamente com as crianças, Maria da Cores,

[...] descobre, óleo, guache, grafite, enfim as diversas técnicas utilizadas por Guido Viaro, e experimenta cada uma delas para que os visitantes percebam a diferença. Quando acaba a visita, Maria das Cores diz que sente seu coração bater forte e que está emocionada, não sabia que com uma bolsa de cores se podiam fazer coisas tão lindas: paisagens, auto-retratos, cenas religiosas, pintar a mulher amada, o filho, pinheiros, praias... Fica mais contente e sente seu coração batendo cada vez mais forte, pede para algumas crianças ajuda para segurá-lo... (...) Maria conta que está mais feliz, voltaram as cores ao seu coração – agora pede para que as crianças façam uso delas. (ARQUIVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA GUIDO VIARO, 1990.)

Nesse momento as crianças eram convidadas a desenhar livremente, utilizando sua expressão.



Maria das Cores com as crianças. Fonte: Jornal do Estado, 1990.

Maria das cores acompanhava as produções das crianças até o final e assim encerrava a visita.

Esse projeto demonstra uma mediação que envolvia mais as crianças na leitura das obras. As crianças iam descobrindo a arte de Guido junto com a Maria das Cores e isso significa que elas eram consideradas. No entanto, trazia ainda uma visão de arte na qual a livre expressão era o seu norte. Hoje acredita-se que, para criar, as crianças precisam ser constantemente desafiadas. Disponibilizar papel e lápis para que as crianças desenhem não basta, há a necessidade de propostas bem elaboradas pelos adultos, sejam eles profissionais de espaços formais ou não.

Depois de vinte anos de funcionamento, o Museu Guido Viaro fechou as portas. Os objetivos do Museu já não estavam mais sendo efetivados, as dificuldades eram muitas e de todas as ordens. Diante dessa situação, a família Viaro, representada por Constantino Viaro, decidiu pela retirada das obras do espaço, para que continuassem a existir. Constantino relata que, “O desinteresse era total, não havia manutenção adequada, chovia dentro e algumas obras inclusive foram roubadas” (Revista View, Nov. 2010, p.46).

Fecharam-se assim as portas do Museu Guido Viaro em meados de 1995. As obras pertencentes ao acervo da cidade foram para o acervo do Museu Metropolitano de Arte de Curitiba, o prédio que abrigava o Museu entrou em reforma e, no final do ano de 1996, deu lugar à Casa da Memória.

3.3 O MUSEU HOJE: NOVAS PERSPECTIVAS



Fachada do Museu Guido Viaro. Fonte: www.museuguidoviaro.org

Após um longo período de quinze anos, longe dos olhares do público, as obras do artista Guido Viaro retornam ao cenário da arte curitibana por uma atitude admirável da família Viaro.

Um prédio histórico de 1929, localizado na Rua XV de novembro, é o novo espaço que guarda a obra do artista. Devidamente reformado e adaptado para ser um Museu, foi inaugurado em 10 de novembro de 2009. O desejo foi,

[...] criar um espaço aberto à população curitibana livre de burocracias públicas. Além de expor permanentemente o acervo de Guido Viaro, o museu também abriga exposições de outros artistas. Mais do que um museu, o espaço é um centro de criação de idéias, onde acontecem exposições de filmes, mostra de cinema, palestras, apresentações musicais, teatrais, cursos e oficinas. (Folder do Museu, 2010.)

Essas palavras demonstram o que pretende esse novo Museu. O fato de estar aberto a diferentes experiências artísticas vai ao encontro de uma visão de Museu apontada por Grosmann (2004), na citação que abre o capítulo e ainda procura como que uma espécie de continuidade do Museu da década de 1970, no desenvolvimento de importantes atividades artísticas e culturais. Como primeiro Museu particular do Estado, busca a efetivação do pensamento de Viaro, a liberdade, que sempre buscou o artista.

Apesar de a família ter recebido várias propostas de compra do acervo, inclusive pela cidade de Badia Polesine, terra natal do artista, ou mesmo dos Estados Unidos, o desejo da família não era o de pulverizar o acervo e assim o agora novo Museu Guido Viaro está a serviço do público.

O Museu conta com um espaço interno que contempla dois grandes salões para exposições, um auditório com capacidade para quarenta pessoas e equipamento para projeção de filmes.

O Acervo é formado por aproximadamente 250 óleos, 700 desenhos, mais de 100 gravuras. Com a curadoria de Constantino Viaro, as obras expostas no Museu foram divididas em fases. As obras que não estão expostas, 1.600 trabalhos do artista, podem ser vistos pelo público através de um DVD que é exibido permanentemente.



Sala expositiva 1º piso. Fonte: <[http// www.museuguidoviaro.org](http://www.museuguidoviaro.org)>



Sala expositiva 2º piso. Fonte: <[http//www.museuguidoviaro.org](http://www.museuguidoviaro.org)>



Auditório. 1º piso. Fonte: Própria

A instituição possui um quadro de três profissionais: Guido Viaro, neto do artista, é o Diretor do Museu e mais duas funcionárias, uma delas é responsável pelos assuntos administrativos e em alguns momentos pela mediação e a outra, responsável pela recepção e em alguns momentos também atua na mediação com o público visitante.

Guido Viaro fala em entrevista¹⁸, sobre o primeiro ano de funcionamento do Museu como um ano de experiência e aprendizado a partir das ações (Apêndice C) já desenvolvidas:

Começamos a desenvolver atividades culturais paralelas à exposição do acervo do Guido Viaro. Realizamos uma exposição temporária, a do Jair Mendes e vamos realizar uma segunda exposição de fotografias da artista Alessandra. Vamos realizar mais de trinta concertos de música, sempre gratuitos. Já realizamos três Mostras de Cinema e pretendemos realizar essas mostras de maneira mais ativa. (VIARO, 2010)

O Museu pretende ainda atuar como um incentivador para aqueles artistas que não têm espaço para mostrar seu trabalho. Para tanto conta com o apoio de uma equipe de avaliação, pensando sempre na oferta da qualidade ao seu público. Pretende também investir na descoberta de novos artistas e na criação de público, nesse sentido pretende ainda:

[...] criar um Núcleo de artistas frequentadores do Museu, que estão se voluntariando para formar um grupo gerador de cultura, não apenas um lugar onde haja exposições, apresentação de filmes, mas também se discuta e que isso se reflita em produção cultural. (VIARO, 2010)

¹⁸ Entrevista concedida no dia 14/10/2010.

O Museu tem a Secretaria Municipal da Educação de Curitiba como uma parceira, o que já gerou a realização de dois eventos: O II Seminário Museu na Escola, no qual o Museu cedeu espaço para a exposição de painéis com experiências realizadas nos Centros Municipais de Educação de Curitiba e das Escolas, a partir da obra de Guido Viaro.



Montagem de Painéis no M.G. V. Fonte: <[http: www.cidadedoconhecimento.org.br](http://www.cidadedoconhecimento.org.br)>

E Visitas guiadas a espaços culturais – Museu Guido Viaro, que consistiu em visitas mediadas a todos os profissionais que atuam na Rede Municipal de ensino, seguidas de um espetáculo – Monólogo sobre Bruno Lechovsc. Foram ao todo 14 visitas, nas segundas feiras no período da noite.

Viaro fala sobre o desejo de realizar as Mostras de Cinema que havia na época do auge da cinemateca do antigo Museu, considerada uma das mais importantes do país:

Essas mostras hoje em dia não existem mais, os antigos cinemas acabaram e a cinemateca que existe hoje na cidade, funciona quase como que um cinema normal com a mesma programação. Os filmes antigos, raros, não são mais exibidos.” (VIARO, 2010)

O Museu está ampliando o espaço de atendimento ao público, a família do artista já adquiriu o imóvel ao lado do Museu e em breve funcionará ali uma sala para as atividades educativas, um café cultural, algumas salas de aulas para cursos e uma biblioteca. O Objetivo é também “criar uma vida social em torno do Museu”, diz Guido.

Na procura por formas alternativas de divulgação de seus eventos, e assim baratear custos, tem investido nas novas mídias, como por exemplo, sites de relacionamento, o que tem tido um resultado positivo.

Sobre o atendimento as crianças, Guido (2010) comenta:

Vamos começar com as visitas para crianças pequenas, que é um público pouquíssimo assistido pela cultura e pretendemos fazer disso uma regra. Formar pessoas que possam atender pessoas com quatro, cinco, seis, sete anos e se adaptar às necessidades das crianças.

É importante perceber a preocupação do Diretor com o público infantil, pois quando os gestores se interessam e compreendem o que é a pequena infância, é possível efetivar um trabalho que prime pela qualidade no atendimento às especificidades infantis também no Museu.

4. PERCURSOS DESENVOLVIDOS NA PESQUISA

Configurar um campo de investigação em que o pesquisado tem voz e se apresenta como um agente social e individual transforma essencialmente a prática da pesquisa. Portugal, p. 18

Os caminhos escolhidos e os percursos desenvolvidos durante a pesquisa são evidenciados nesse capítulo com o intuito de esclarecer sobre a metodologia utilizada: pesquisa intervenção.

O que é e como se desenvolveu a pesquisa intervenção no âmbito do Museu Guido Viaro? Quem foram os sujeitos da pesquisa? Como os saberes foram compartilhados? Que contribuições esse método proporcionou a pesquisa na elaboração do projeto educativo para o Museu?

Essas são as principais questões aqui tratadas.

4.1 ESCOLHENDO CAMINHOS

Optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo por ser um meio de produção de conhecimento que não busca mensurar, medir, mas sim compreender e buscar explicações a valores e significados num meio social. Segundo Trivinus (1995), a pesquisa qualitativa busca as causas, as relações, as mudanças e possíveis consequências do fenômeno estudado sobre a vida humana, captando assim a essência.

A preocupação, nesse tipo de pesquisa, centra-se em levantar todos os elementos que possam contribuir para a compreensão e explicação do que se está investigando e, nesse processo, “as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa” (FLICK, 2004, p. 22).

Nesse sentido, a pesquisa-intervenção foi o caminho escolhido para a geração dos conhecimentos sobre a mediação cultural para a pequena infância de modo a contribuir para a elaboração do projeto educativo no Museu Guido Viaro.

Moreira (2008) destaca dois princípios que norteiam a pesquisa intervenção,

são eles:

- a) Consideração das realidades sociais e cotidianas.
- b) Compromisso ético e político da produção de práticas inovadoras.

Tendo como base esses princípios, a autora enfatiza algumas características a serem consideradas e apresento-as, fazendo um paralelo com a pesquisa em questão:

| Características da Pesquisa-intervenção | Aplicação da Intervenção na presente pesquisa |
|---|---|
| 1ª - Deve acontecer dentro do contexto pesquisado. | Museu Guido Viaro |
| 2ª - É desencadeada pela demanda, contribuindo na solução de problemas. | Ausência de um projeto educativo e de profissionais capacitados para atender o público da pequena infância no Museu Guido Viaro. |
| 3ª- O pesquisador atua como mediador que articula, organiza encontros, sistematiza as vozes e os saberes produzidos pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, agindo num processo de escuta ativa. | Entrevista, grupo focal, sistematização dos saberes na dissertação. |
| 4ª - Interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa | Entrevista e grupo focal. |
| 5ª – As experiências cotidianas e práticas do coletivo, sistematizadas, permitem descobertas e elaborações teóricas metodológicas | Elaboração do projeto educativo de mediação cultural para o público da pequena infância e elaboração de um material educativo para o professor. |

Para Besset (2008, p. 12), “[...] a partir do momento em que o pesquisador entra no contexto onde se dá a pesquisa, suas perguntas e propostas já constituem uma intervenção”. Portanto, ao adentrarmos no contexto do Museu Guido Viaro com a proposta de elaborar um projeto educativo que atendesse as particularidades do público da pequena infância, intervimos. Isso evidencia a vocação da pesquisa-intervenção, que segundo Sato (2008, p.171) é de:

[...] estar aberta às particularidades do contexto, em termos econômicos, culturais e psicossociais: a dimensão cultural e a singularidade das trajetórias das instituições e organizações coletivas estão fortemente presentes. A forma de aproximação dos

“pesquisadores profissionais” com o coletivo e o trabalho realizado deixam entrever que o processo de desenvolvimento da “pesquisa-intervenção” é o resultado de um processo de negociação entre os envolvidos e que depende das circunstâncias presentes.

Sato (2008, p.173) afirma que “essa negociação pode acontecer em momentos inesperados ou “através de uma pequena observação ou uma ‘dica’ ou comentário de alguma pessoa da instituição ou do coletivo.” Portanto a inteiração entre os sujeitos da pesquisa é fundamental.

Outra questão de importante relevância é o fato de que, como afirma Moreira (2008, p. 430), “a pesquisa intervenção só acontecerá se houver um problema comum a ser solucionado.”

Nesse caso, o problema da pesquisa girou em torno de que, por um lado, a demanda de visitas da pequena infância dos CMEIs¹⁹, da RME²⁰ da cidade de Curitiba, vem aumentando nos museus de arte e percebe-se que, nos museus de forma geral e particularmente no contexto do Museu Guido Viaro, não há um projeto educativo e nem profissionais capacitados para a efetivação da mediação cultural que atenda as particularidades desse público.

Dessa forma, a necessidade de um projeto educativo que atendesse essa demanda foi o que desencadeou o processo de intervenção no contexto educativo da instituição.

Portanto procurei responder a questão:

- Como desenvolver uma projeto de mediação cultural para a pequena infância de forma compartilhada entre profissionais do museu Guido Viaro e dos CMEIs de Curitiba?

Houve a preocupação e o compromisso ético sobre a participação e envolvimento dos sujeitos da pesquisa, bem como com a produção do documento – projeto educativo.

Sobre o conhecimento gerado pela pesquisa-intervenção, no entendimento de Uziel, (2008, p. 540) é:

[...] uma produção que se faz entre os saberes já acumulados e que servem como referencial norteador das práticas participantes da pesquisa e o fazer enquanto construção contínua que organiza a investigação da problemática em questão.

¹⁹ CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil.

²⁰ RME – Rede Municipal de Educação.

Uziel (2008, p.540) destaca, ainda, dois campos da pesquisa-intervenção que têm como referencial a Análise Institucional: o campo de análise e o campo de intervenção.

O campo de análise se circunscreve como intervenção no campo teórico produzido sobre a área, sobre a problemática que se quer explorar (...). O campo de intervenção nos remete ao espaço de interlocução, ao território de encontros possíveis entre pesquisador e comunidade envolvida no processo de investigação.

Dessa forma é importante ressaltar que os dois eixos são indissociáveis, no sentido de que um não ocorre sem o outro. Ou seja, para tratar da mediação cultural nos museus de artes para a pequena infância foi fundamental o apoio na teoria produzida sobre a temática, aliada às experiências dos profissionais do museu e dos profissionais que atuam diretamente com as crianças e que haviam desenvolvido experiências na área.

4.2. OS SUJEITOS DA PESQUISA

Dentro da pesquisa intervenção caracterizam-se sujeitos, tanto o pesquisador quanto os pesquisados e ambos têm um papel ativo no processo da pesquisa.

Os profissionais do Museu que participaram diretamente na pesquisa foram o Diretor Guido Viaro (neto do artista Guido Viaro) e a mediadora Daiani Fagundes.

Quanto à participação dos profissionais da pequena infância foi realizado primeiramente um convite para professores/pedagogos que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil - CMEIs da Secretaria Municipal de Educação, que já haviam participado de uma formação²¹ sobre a temática “Mediação Cultural” e realizado visitas a museus com as crianças da educação infantil. Também participou a equipe da ação educativa do Solar do Barão²², instituição vinculada à Fundação Cultural de Curitiba, pelo fato de terem realizado uma experiência com o público da educação infantil no ano de 2010, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

²¹ Curso de Formação continuada Ampliando Horizontes.

²² Solar do Barão é um espaço cultural que abriga o Museu da Fotografia, o Museu do Cartaz, o Museu da Gravura, o Centro de Pesquisa Guido Viaro, ateliês de gravura, litogravura e serigrafia, além da Gibiteca.

Foi possível contar com a participação de nove profissionais ao todo: educadores, professores, pedagogos dos CMEIs, equipe da ação educativa do Solar do Barão, Diretor e mediadora do Museu Guido Viaro.

4.3 DESENVOLVENDO O PERCURSO INVESTIGATIVO

Inicialmente a produção de dados ocorreu pela análise documental na busca por um referencial teórico que sustentasse a temática: mediação cultural nos museus de artes para o público da pequena infância.

Os fundamentos teóricos que sustentaram a pesquisa, apontados no capítulo 2, foram diálogos estabelecidos com autores já citados que compartilharam comigo seus saberes e contribuíram para a ampliação dos mesmos, no contexto do Museu Guido Viaro.

Outros documentos foram necessários para o levantamento de dados sobre o artista Guido Viaro, bem como sobre o antigo Museu. Busquei-os na Casa da Memória e no Centro de Documentação e pesquisa Guido Viaro, ambos são órgãos da Fundação Cultural de Curitiba, documentos como: entrevistas em jornais, Boletim informativo da Casa Romário Martins e relatórios das atividades desenvolvidas pelo Museu.

A pesquisa se desenvolveu seguindo as etapas: pesquisa teórica, documental, no contexto do Museu (entrevista com o Diretor do Museu que serviu de base para a elaboração do capítulo 2 e grupo focal, realizado em três encontros no espaço do Museu), elaboração da dissertação e devolutiva dos saberes construídos aos sujeitos da pesquisa. Houve ainda uma conversa com Costantino Viaro, filho do artista, que auxiliou em uma das propostas do material educativo.

4.3.1 Grupo Focal: Diálogos compartilhados

O grupo focal (focus group) é uma técnica qualitativa de coleta de dados originalmente proposta pelo sociólogo estadunidense Robert King Merton (1910 - 2003) com a finalidade de obter respostas de grupos, a textos, filmes e questões.

A finalidade principal dessa modalidade de pesquisa é “extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo, sentimentos, opiniões e reações que resultariam em um novo conhecimento.” (GOMES, 2005, p. 179).

O objetivo de desenvolver o grupo focal com a participação dos profissionais do Museu e da pequena Infância foi o de obter saberes sobre a prática de visitas a museus com crianças pequenas.

Foram planejados e desenvolvidos três encontros no museu Guido Viaro com a seguinte formatação:

| | |
|-------------|--|
| 1º Encontro | <p>Apresentação dos participantes.</p> <p>Apresentação da proposta da pesquisa.</p> <p>Assinatura do termo de autorização de participação na pesquisa (Apêndice E).</p> <p>Diálogo sobre as experiências dos participantes quanto à prática de visitas a museus com as crianças da educação infantil, destacando aspectos como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Recepção das crianças no museu; - A participação das crianças durante a mediação; - Atividades práticas realizadas; - Tempo de duração da visita; <p>Houve a apresentação de um documentário sobre o artista Guido Viaro.</p> <p>Visita monitorada ao Museu.</p> <p>Proposta para discussão no 2º encontro: O que você considera importante para o desenvolvimento da mediação cultural das crianças da educação infantil no contexto do Museu Guido Viaro?</p> |
|-------------|--|

| | |
|-------------|--|
| 2º Encontro | Apresentação das questões trazidas pelo grupo. Discussão do grupo sobre as questões levantadas. |
| 3º Encontro | Apresentação do projeto e do material educativo. Discussão do grupo para a validação e ajustes. |

O primeiro encontro ocorreu no dia 24/11/2010 e contou com a participação dos dez profissionais.



Grupo Focal – 1º Encontro. Museu Guido Viaro. 24/11/2010. Fonte: Própria

Dei início ao encontro explicitando o objetivo da discussão e a importância da participação de todos.

A partir da breve explanação solicitei que todos se apresentassem falando um pouco sobre a experiência que tinham quanto a levar as crianças da educação infantil a Museus.

Guido Viaro (Diretor do Museu) se apresenta e fala brevemente sobre o Museu, os projetos em andamento e da pouca experiência em atender as crianças.

Andréa Borowski Gomes (Pedagoga) fala da sua formação como pedagoga e da sua atuação nos CMEIs até o ano de 2009, quando desenvolveu e orientou os professores das turmas de pré quanto ao trabalho de visitar museus com as crianças.

Como pedagoga de CMEI participou da formação Ampliando Horizontes²³ e a partir de então pode desenvolver uma proposta de trabalho envolvendo a os profissionais do CMEI em uma visita cultural e ainda orientar a professora da turma do pré na preparação da visita das crianças ao Museu Alfredo Andersen.

²³ Ver capítulo 2, página 35.

Andréa aborda a questão da preparação à visita como algo primordial e, a partir desse trabalho, percebeu que as crianças, quando preparadas e motivadas para esse fim, aproveitam muito mais a visita. “Só acho que o que não é legal é que tem poucos museus que atendem a educação infantil. Para o pré, senti que os mediadores não estavam preparados, traziam uma fala muito adulta. Dos quatro Museus que visitei, nenhum estava preparado para atender a educação infantil” (Andréa Borowski Gomes)

A percepção de Andréa evidencia a problemática que envolve a presença da criança pequena no museu de arte, principalmente no que se refere à compreensão e formação dos mediadores desses espaços.

Débora S. M. Gonçalves fala da sua experiência como mediadora/estagiária no Solar do Barão. Comenta que, depois de meses trabalhando no Solar, teve a oportunidade de atuar pela primeira vez com a educação infantil, através de um projeto em parceria com a Secretaria Municipal da Educação²⁴. Acredita que a preparação dos mediadores foi muito importante. “Se não tivéssemos tido os encontros com os professores anteriormente, que primeiro tiraram os nossos medos com relação a crianças (...), teria sido muito difícil. As professoras nos alertaram quanto ao tempo de atenção das crianças. Essas informações repassadas pelas professoras foi um ganho, pois estávamos acostumados com crianças maiores e adolescentes.” (Débora S. M. Gonçalves)

Ao ouvir a mediadora, fica clara a necessidade da aproximação dos estagiários para com o público infantil. Esse contato pode ser até por uma conversa com os educadores nas instituições educativas, como no caso evidenciado por Débora.

Hamilca C. Silva, integrante da equipe educativa do Solar do Barão, conta que esse projeto, citado por Débora, foi baseado em três pilares: acolhimento, afeto e atenção. “Isso foi sentido e respeitado a cada grupo de crianças que recebíamos lá. No mês de outubro tivemos mediação todos os dias, tanto pela manhã quanto à tarde e em todos os momentos estávamos juntos. Às vezes nos revezávamos para manter a qualidade da mediação.” (Hamilca C. Silva)

²⁴ Mostra Museu na Escola é um projeto realizado pela Secretaria Municipal da Educação de Curitiba em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba com o objetivo de expor algumas obras do acervo da FCC, que compõe o material Museu na Escola e levar as crianças ao espaço expositivo. Esse trabalho envolveu a formação de todos os envolvidos.

Acolhimento é a primeira atitude dos mediadores quando as crianças chegam ao museu, portanto, se for afetuosa, sensível refletirá em toda a visita ao espaço. Do contrário, pode gerar uma experiência negativa.

Hamilca C. Silva conta que houve muitos momentos de estudos sobre a criança da educação infantil com a equipe de mediadores. Débora complementa que era complicado saber até onde poderiam ir com relação aos conteúdos da arte com as crianças. E nesse momento o estudo da teoria foi importante e comprovado na prática.

Tão importante como o contato dos mediadores com os educadores da infância, são os momentos de estudos e aí põe-se em questão o próprio entendimento do que vem a ser o estagiário no espaço do museu e qual é a função da equipe do museu que coordena esse trabalho. O estagiário dentro do museu é um agente de passagem e está ali para complementar a sua formação. Sendo assim, quanto mais momentos de estudos, de reflexão e práticas puderem ser desenvolvidas no espaço do museu mais significativa será a sua possibilidade de atuação na área, porém isso só ocorrerá se houver esse entendimento por parte dos profissionais do museu.

Júlio C. M. Vieira, também integrante da equipe educativa do Solar do Barão, observa que as relações humanas são fundamentais na mediação, seja em qualquer Museu. “O mediador precisa ser agente de acolhimento, ter a capacidade de aproveitar o conhecimento que trazem os pequenos, fazer disso seu discurso e desmontar à ideia de discurso autoritário. Percebemos durante as visitas que as relações ocorrem de uma forma natural, quem artificializa e complica somos nós, pois elas (as crianças) estão ali aptas a interagir na sua plenitude. É assim que elas fazem o dia inteiro e no Museu não pode ser diferente. Que casa é essa que tem que ser diferente?” (Júlio C. M. Vieira)

Júlio destaca o tipo de educação que o museu desenvolve, qual é a base teórica que fundamenta a sua prática e, nesse sentido, estão implícitos, na sua fala, os caminhos apontados por Freire e Goodson²⁵.

Júlio fala ainda da preparação e da coragem da equipe de mediadores em aceitar o desafio de trabalhar com a educação infantil. “Tinham pessoas super temerosas em atender as crianças. O grande desafio da equipe era como prender a

²⁵ Ver Capítulo 2, p 29.

atenção das crianças durante uma hora na sala expositiva. Acho que isso é preparação mesmo e entender isso como uma política pública de retirar os pequenos para perceber (...) a idéia da preservação, patrimônio, de cultura, de história (...) e aproveitar essa oportunidade. Se é política pública tem que ser sério, não dá para pegar na mão da criança e simplesmente dizer: Hoje vamos ao Museu Guido Viaro visitar a exposição. A insegurança que pode ocorrer será pela falta de preparação, que não é de um dia apenas” (Júlio C. M. Vieira)

O ato de proporcionar às crianças um momento de aprendizagem que extrapola as paredes da unidade educativa envolve um amplo trabalho que vai desde a possibilidade de se ter o transporte para a locomoção das crianças. Isso tem haver sim com a questão de políticas públicas, como apontou Júlio. Portanto há a necessidade, a responsabilidade e o comprometimento no desenvolvimento desse trabalho, pois ter acesso apenas não basta, é necessário mais: planejamento, envolvimento, estudo, parcerias.

Carla Aparecida C. Alberini, educadora de CMEI, complementa que a preparação precisa acontecer até mesmo simulando o momento em que as crianças entrarão no ônibus. Isso tudo pode acontecer por meio da brincadeira. “Montamos um Museu no CMEI e brincamos de visitá-lo. É importante despertar a curiosidade das crianças. Nesse momento o conceito de Museu, ou questões como o porquê não tocar nas obras vão sendo trabalhados de forma lúdica.” (Carla Aparecida C. Alberini.)

Carla deixa claro na sua fala que a criança precisa ser considerada a partir da sua cultura e nesse sentido o lúdico é o caminho.

Joselita L. Manera, supervisora da Educação Infantil do Núcleo Regional Cajuru – NRE - CJ, comenta que, na sua última experiência de visitar um Museu com pedagogas e diretoras dos CMEIs do NRE – CJ percebeu que o comportamento dos adultos no interior do Museu, principalmente aqueles que não tiveram experiências anteriores, é muito parecido e até mais difícil do que o comportamento das crianças sem preparação. “É interessante como o adulto se torna uma criança e com um potencial bem maior. Portanto é necessária a preparação dos adultos também.” (Joselita L. Manera)

Joselita fala ainda da curiosidade espontânea da criança como um fator positivo na mediação, pois o aproveitamento pode ser maior do que muitas vezes

com os adultos que pouco questionam ou interagem e na maioria das vezes somente ouvem passivamente.

A reflexão de Joselita evidencia a importância de um bom trabalho de visitação ao museu desde a pequena infância. Se o adulto não teve acesso quando criança, essa prática não fará parte do seu contexto. As atitudes dos adultos, apontadas pela pedagoga, nos dizem muito. Muito do trabalho que não lhes foi possibilitado e, se não tiveram essa experiência, como é que vão promovê-la com as crianças com as quais atuam?

Geisyara M. B. de Jesus, pedagoga de CMEI, acredita que os adultos também precisam estar sensibilizados para ir ao Museu, principalmente para levar crianças. Comenta que já teve a experiência de levar crianças e adultos ao Museu e que, antes de participar do Ampliando Horizontes e de ter o entendimento da importância da preparação, tinha a visão de visita ao Museu como um passeio. Depois de participar da formação e realizar o trabalho prévio à visita, como, por exemplo, falar das obras que estavam sendo expostas, falar dos artistas, do próprio espaço do Museu, tratar da questão da cidadania e de perceber o patrimônio cultural como nosso também, o trabalho tornou-se mais significativo.

A questão da formação continuada, é algo imprescindível para construir conhecimento e possibilitar o rompimento com práticas de ensino cristalizadas. É pela formação continuada que o profissional poderá suprir as falhas de sua formação desde a tenra idade.

Quanto aos mediadores dos espaços educativos, Geisyara percebe que alguns são bem mais sensíveis e preparados ao abordar a criança, a fazer perguntas, a criar um cenário imagético para a criança, despertar a curiosidade sobre aquele espaço e principalmente dar espaço para a criança falar. Citou que, em alguns casos de visita, a insegurança do mediador era visível e em outros, os discursos eram muito ensaiados. Portanto acredita que os mediadores precisam de mais sensibilidade para perceber o interesse do grupo, entender a faixa etária, saber aproveitar os conhecimentos que as crianças já trazem.

Débora comenta que o mediador precisa se colocar no mesmo plano que o seu público, principalmente com relação à criança.

Hamilca evidencia o trabalho com os mediadores do Solar do Barão após cada mediação. Toda a equipe senta e faz uma avaliação, uma análise do momento

vivenciado. Acredita que esses momentos são importantíssimos para a construção de uma mediação cada vez melhor.

Avaliar permite construir conhecimento juntos, a partir dos erros e acertos e essa atitude é fundamental, principalmente em se tratando da formação continuada do estagiário mediador.

Outra questão abordada foi sobre o desenvolvimento da mediação e Júlio afirma que a dinâmica na visita ajuda muito, tem que ser acessível à compreensão da criança. “Se tiver atividade, qual será, de que forma, qual será o conteúdo abordado, como será desenvolvido, como trabalhar a idéia de olhar.” (Júlio C. M. Vieira)

Sobre a questão do olhar, na leitura de imagem, Julio acredita que o fator essencial nesse momento é o sentir, o perceber através dos seus olhos.

A leitura de imagem com a criança pequena permeia as questões do imaginário, e o adulto atua como um articulador de idéias a partir do que se está observando. À criança pequena não interessa saber, por exemplo, sobre o movimento artístico do artista, as datas de nascimento e morte, ou ainda sobre as terríveis tragédias da sua vida. Há que se ter clareza de que esse momento, da criança diante da obra no museu, é um dos primeiros contatos da criança com a arte.

Após esse momento de discussão, o grupo assistiu a um breve documentário sobre o artista Guido Viaro e em seguida conheceu o espaço do Museu mediado pelo Diretor da casa.



Visita mediada. Museu Guido Viaro. 24/11/2010. Fonte: Própria

Esse momento foi importante para contextualizar o espaço do Museu e sobre o artista em questão.

Depois da visita ao Museu, combinei com o grupo o segundo encontro e, como tarefa para reflexão, entreguei a questão: O que você considera importante para o desenvolvimento da mediação cultural das crianças da educação infantil no contexto do Museu Guido Viaro?

O segundo encontro aconteceu no dia 14/12/2010 e, apesar de ser um período muito próximo das férias escolares, houve a presença de seis profissionais (Andréa B. Gomes, Guido Viaro, Joselita L. Manera, Júlio C. M. Vieira e Daiani Fagundes).

Iniciei o encontro relembrando a questão para a discussão (O que você considera importante para o desenvolvimento da mediação cultural das crianças da educação infantil no contexto do Museu Guido Viaro?) e a partir da provocação deixei o grupo à vontade para dialogar.

O Diretor do Museu inicia o diálogo reiterando a pouca experiência do Museu com as crianças pequenas e que até o presente momento receberam apenas três grupos de crianças da educação infantil. Disse que o trabalho se desenvolveu de forma ainda instintiva e seguindo algumas orientações do professor Luciano Buchmann²⁶, quando realizou um momento de formação²⁷ com professores da educação infantil no espaço do Museu.

Ele explica que as práticas realizadas foram a partir de algumas obras, houve um momento de contação de história e um trabalho prático com massinha de modelar, considera que foi um grande aprendizado esse trabalho e salienta a questão da carência das crianças.

Daiani Fagundes, a mediadora do Museu, reforça a dificuldade encontrada em trabalhar com o público carente e que esperava mais preparo das crianças ao chegar ao Museu, o que não tem ocorrido.

Guido (Diretor) relembra uma situação em que não foi possível a contação de história e Daiane teve que improvisar: Pegou um pincel e convidou as crianças a cantar uma música. A surpresa foi que, quando uma criança começou a cantar uma determinada música, todos os demais o seguiram em coro. Guido percebeu que, com quatro anos de idade, as crianças já são “massa” e que o trabalho no Museu

²⁶ Luciano Buchmann – Professor da Faculdade de Artes do Paraná.

²⁷ Esse encontro ocorreu no dia 01/09/2010 e fazia parte do projeto Ampliando Horizontes.

com essas crianças precisa agir no sentido contrário e contribuir para não torná-los cidadão críticos.

Outra situação destacada por Guido foi um momento de descontrole das crianças quando uma das educadoras se emocionou, chorou muito e relatou que não consegue ter domínio da turma no CMEI e muito menos ali. Daiane colocou que foi uma situação complicada, pois nem ela havia conseguido esse domínio.

Nesse momento Júlio faz uma intervenção relatando que, no Solar do Barão, atenderam 26 CMEIs no segundo semestre de 2010, também de periferia, e o que percebeu foi que o número de professores que acompanham as crianças foi bastante satisfatório. Em média havia sempre um professor para cada cinco crianças. Percebeu também, durante essas visitas, que quanto mais soltura, quanto mais elementos de “desmontar” a estrutura do saber, melhor ocorre a atividade. “Nessa idade estamos começando a trabalhar com alguns elementos visuais, a questão da cor, da figura, o que está na frente e o que está atrás da figura (...). Então a atividade precisa ser muito bem planejada para não corrermos riscos (...). Precisamos ter uma estrutura bem montada. Tivemos alguns casos de turmas mais dispersas e é nesse momento que precisamos dessa estrutura.” (Júlio C. M. Vieira)



Grupo Focal – 2º Encontro. Museu Guido Viaro. 14/12/2010. Fonte: Própria

Daiane relata uma estratégia utilizada durante as visitas - o cordão do respeito. Colou um barbante no chão, próximo das obras e combinou com as crianças que não poderiam passar dali. Avaliou como positiva a dinâmica, pois no geral as crianças “compraram a idéia”.

Júlio acrescenta que o Museu precisa ter dinâmica, pois sem essa dinâmica as crianças se dispersam.

Questionei sobre a participação das professoras durante a mediação no Museu Guido Viaro e Daiane comenta que agiam somente no sentido de auxiliar para alcançar um material ou levar as crianças ao banheiro.

Indaguei ao Júlio se havia percebido alguma diferença na mediação desenvolvida com as turmas da educação infantil que haviam participado da formação anterior com relação àquelas que não participaram. Júlio coloca que sim, “aquelas crianças que chegam ao Museu com o imaginário aguçado, vem novidade boa. Se há uma dispersão, uma total desconexão entre os desejos e a realidade, não se constrói nada”. (Júlio C. M. Vieira) Lembrou de algumas situações e entre elas destacou as crianças que indagavam com entusiasmo: Esse é o Museu? Cadê o Barão? O homem rico! Certamente essas crianças ouviram sobre o Museu anteriormente.

Júlio acrescenta que a preparação a visita é fundamental se quisermos desenvolver um trabalho sério que dê frutos, tem que haver essa amarração, pois do contrário fica uma coisa sem sentido, o passeio pelo passeio. Contou também alguns detalhes do trabalho prévio realizado pelos CMEIs. Júlio comenta que acredita que a situação vivida no Museu Guido Viaro ocorreu pela falta dessa preparação.

Daiane comenta que a visita do CMEI que havia se preparado anteriormente foi muito mais satisfatória do que os demais em que inclusive nem a visita prévia da professora ocorreu.

Julio comenta que é necessário entrarmos no mundo da criança para conseguirmos atingi-las. Dá ainda algumas sugestões de como agir em momentos de muita dispersão. Destaca que algo muito importante a considerar na visita é o laço de afetividade na relação estabelecida.

Joselita L. Manera comenta que isso vai depender da postura do mediador diante das crianças e que o mediador pode deixar marcas positivas ou não.



Grupo Focal – 2º Encontro. Museu Guido Viaro. 14/12/2010. Fonte: Própria

Andréia entra na discussão e comenta que ouviu o grupo que tem a visão do lado de dentro do Museu e concorda que a preparação é primordial, mas a preparação dos dois lados. “o imprevisto na educação infantil é algo muito perigoso. Sempre que planejamos qualquer situação que foge da rotina da criança, temos que prever algumas ações e isso só é possível conhecendo-as. A idéia que os adultos têm de uma criança de quatro anos, seja ela da prefeitura ou de uma escola particular, é muitas vezes rotulada.”

Andréia, que já trabalhou nas duas realidades, percebe que nessa idade a criança ainda não apresenta muita diferença no comportamento. Acredita que no caso de descontrole da educadora durante a visita no Guido Viaro tenha sido um despreparo mais da professora do que das crianças. Considera que o preparo, o número de professores que acompanham as crianças e a afetividade é fundamental.

Andréia acrescenta que as visitas das crianças da educação infantil aos Museus é algo recente, mas que está acontecendo e essa nova realidade exige mudanças. Dentre elas o preparo dos profissionais dos Museus a espaços culturais é fundamental, independente de nível social e econômico das crianças atendidas.

Julio coloca que cada faixa etária necessita de um tipo de mediação, pois os interesses serão diferenciados. Com a criança da educação infantil, por exemplo, não é possível ficar uma hora e meia com a mesma proposta.

Joselita concorda e acrescenta que o tempo de atenção da criança pequena é curto e depende muito do interesse despertado nela.

Daiani lembra um momento de conversa com as crianças sobre a obra intitulada Pobreza. “Nessa obra tem uma árvore meio avermelhada; um menino

disse: _ Sabe por que essa árvore é assim? É porque o sol está batendo ali.” (Daiani Fagundes)

Andréia ressalta que quando conseguimos a atenção das crianças, nem que seja por cinco minutos, é muito interessante perceber o quanto elas conseguem absorver daquilo. “Por isso é importante que a arte faça parte da vida da criança desde a educação infantil. Assim, muito mais chance essa criança vai ter de crescer com a sensibilidade apurada.” (Andréa B.Gomes)

Joselita acrescenta que hoje há um maior investimento das políticas públicas em levar as crianças a espaços culturais, o que a bem pouco tempo atrás não ocorria.

Andréia questiona se os espaços culturais aceitam hoje as crianças, pois a maioria dos espaços aos quais tentou levar as crianças só aceitavam a partir de sete anos de idade.

Júlio complementa dizendo que no Solar do Barão não era diferente desses espaços, não atendiam crianças menores de sete anos de idade. Quando se firmou a parceria com a Secretaria Municipal da Educação, no segundo semestre de 2010, a reação dos mediadores não foi nada positiva e Julio acredita que essa reação foi por falta de experiência, preparo e conhecimento sobre esse público pela equipe do Museu. Havia muita preocupação com a segurança da criança no espaço do Museu.

Joselita vê que essa situação de insegurança ocorre também nos CMEIs, às vezes recebem um convite para visitar um espaço, mas os professores ficam temerosos devido à questão da segurança. Acredita que essa é uma barreira a ser superada e também a questão de não acreditar que as crianças da educação infantil tenham condições de visitar o museu.

Andréia aborda a questão do compromisso e do preparo das professoras que se propõem levar as crianças ao Museu. Joselita concorda e relata algumas situações de visitas que promoveu com o grupo de pedagogas e diretoras dos CMEIs onde atua como supervisora. Conta que quando as profissionais chegam ao Museu é como se voltassem a ser crianças. A partir daquele momento de vivência, voltam para suas unidades de trabalho querendo levar as crianças também. “Acho importante levá-las a esses espaços para que primeiramente conheçam e depois levem as crianças com mais segurança e preparo.” (Andréa B. Gomes)

Nesse momento levantei uma última questão: o que pensavam a respeito da elaboração de um material educativo para apoio ao professor que visita o Museu.

Joselita se coloca totalmente favorável ao desenvolvimento de um material educativo e dá como exemplo o material Museu na Escola: orientações para o trabalho na educação infantil²⁸ que os CMEIs acabaram de receber, pois dá um suporte, um subsídio importante ao professor.

Todo o restante do grupo demonstrou positividade quanto à elaboração do material.

Antes de encerrarmos o encontro surgiu outro assunto: o momento do lanche.

Daiani comenta que as crianças chegam com o ônibus no Museu e lancham ali mesmo antes de iniciar a visita. Andréia comenta que o momento do lanche é muito importante e precisa ser pensado, pois as crianças esperam e necessitam dele.

Júlio comenta que no Solar do Barão há uma regra que não pode lancher no espaço, então a equipe do setor educativo tratou de organizar e adaptar um espaço no próprio setor para que as crianças tivessem esse momento.

Andréia comenta sobre a necessidade de o Museu pensar esse espaço, que não precisa ser um refeitório, mas um espaço acolhedor, como um piquenique, por exemplo. É necessário que Museu e CMEI combinem isso.

Daiani comenta que esse espaço poderia ser na própria entrada lateral do Museu, onde o ônibus estaciona para as crianças descerem com segurança, pois ali tem um jardim e é coberto. Ela diz que é o Jardim do Zezinho, um passarinho que mora no local.

Sem mais questões, o encontro chegou ao fim e o terceiro encontro ficou para o início de 2011.

Ao refletir sobre as questões levantadas no segundo encontro, percebo que a fala inicial do diretor do museu revela dificuldades que podem ser consideradas normais quando se inicia um trabalho com poucos recursos teóricos e práticos. Porém, a possibilidade de poder ouvir a experiência do outro, no caso, do Solar do Barão, evidencia que o trabalho pode evoluir e se transformar.

A questão da dificuldade encontrada em trabalhar com o público carente é algo muito relativo, pois a carência se dá de muitas formas: intelectual, afetiva, financeira entre outras. O que está em jogo não é a carência em si, mas de que

²⁸ Museu na Escola: orientações para o trabalho na educação infantil é um caderno que acompanha a Pasta Museu na Escola – material pedagógico composto de cem reproduções de imagens de obras de arte do acervo da Fundação Cultural de Curitiba. Todos os CMEIs possuem.

forma podemos contribuir com os diferentes públicos, no sentido de ampliar suas experiências, tanto no ambiente formal de ensino, quanto nos ambientes não-formais. Dessa forma, corre-se menos riscos de rotularmos os públicos.

As situações de descontrolé, da turma e da professora, no caso relatado, revelou a falta de preparação, tanto da professora, quanto do Museu. As discussões anteriores já evidenciaram que sem preparação a visita ao museu não funcionará. A mediação poderá ter sucesso se ocorrer de forma compartilhada entre educador de museu e educador de sala de aula. O professor que visita o museu com suas crianças não é um mero acompanhante. Por outro lado, há a necessidade de abertura do museu para a atuação do professor durante a visita.

As discussões geradas nesse segundo encontro afirmaram o desafio do museu quanto ao público da pequena infância. As contribuições do grupo com seus apontamentos serviram para repensar essa prática na elaboração do projeto educativo no Museu Guido Viaro.

O terceiro encontro ocorreu no dia 28 de março de 2011 e contou com a participação de Guido Viaro, Daiani, Andréa, Geysiara, Hamilca, Carla e Júlio.

A intenção do encontro foi o de compartilhar com o grupo o projeto e o material educativo: “A Pequena Infância no Museu Guido Viaro”, para a validação.

A dinâmica do encontro se deu a partir da divisão do grupo em grupos menores para a leitura e parecer sobre o material.



Grupo Focal – 3º Encontro. Museu Guido Viaro. 28/03/2011. Fonte: Própria.

Após a leitura e análise do material, os grupos manifestaram opinião sobre o mesmo. De um modo geral todos os participantes evidenciaram a importância do projeto, bem como do material educativo.

Júlio destaca que primeiramente é importante perceber que o propósito desse trabalho é pensado a partir das políticas públicas voltadas à educação, e, portanto essa qualidade é fundamental e quem sairá ganhando com isso serão as crianças e os professores. Quanto ao material educativo, evidencia que será um documento de consulta para o professor que poderá ficar na biblioteca, por exemplo.

Andréa comenta que o material está muito interessante, porém percebeu que evidencia muito as ações dos CMEIs para o Museu e acredita que seria interessante pensar também nas ações do Museu, na direção dos CMEIs. Acha, por exemplo, que é muito importante para a mediadora que fará o trabalho com as crianças, no museu, conhecer um pouco da realidade das unidades, ou seja, sair do conhecimento teórico e na prática poder ampliar o conhecimento sobre esse público. Outra sugestão poderia ser a realização de uma entrevista com a professora, no primeiro encontro de formação no Museu, para que situações importantes sobre a turma sejam do conhecimento da mediadora, evitando situações inesperadas no ato da visita.

Daiane comenta que está cursando pedagogia e já teve a oportunidade de estagiar em alguns CMEIs. Evidencia que está disponível para realizar visitas a algumas unidades e que tem a autorização do Diretor do Museu.

Júlio complementa a questão apontada por Andréa, afirmando sobre a importância do contato anterior da mediadora, no CMEI, para conhecer a dinâmica da unidade. Isso a ajudará compreender que público é esse.

Outra preocupação apontada por Júlio foi quanto ao número de mediadores e Daiani explica que conta com o auxílio de mais dois mediadores para o atendimento as crianças e assim o trabalho ocorre sem problemas.

Andréia complementa suas colocações e sugere que, no material educativo, seja acrescentado um texto sobre o papel do mediador.

Sobre a avaliação, Julio e Hamilca destacam que, a partir das suas experiências, o ideal seria que os profissionais a realizassem em outro momento e que depois a enviassem ao Museu, porém, na prática, isso não funciona, pois as avaliações não retornam. A sugestão seria que a avaliação proposta para esse projeto fosse repensada no sentido de diminuir o número de questões, para que o profissional responda no próprio Museu no dia da visita.

Júlio ainda destaca que seria importante contemplar, no material para o professor, um breve texto sobre a mediação cultural. O que foi acordado pelo grupo todo.

No encerramento da discussão o grupo se manifestou com aplausos e a verbalização de desejo de sucesso na efetivação do projeto.

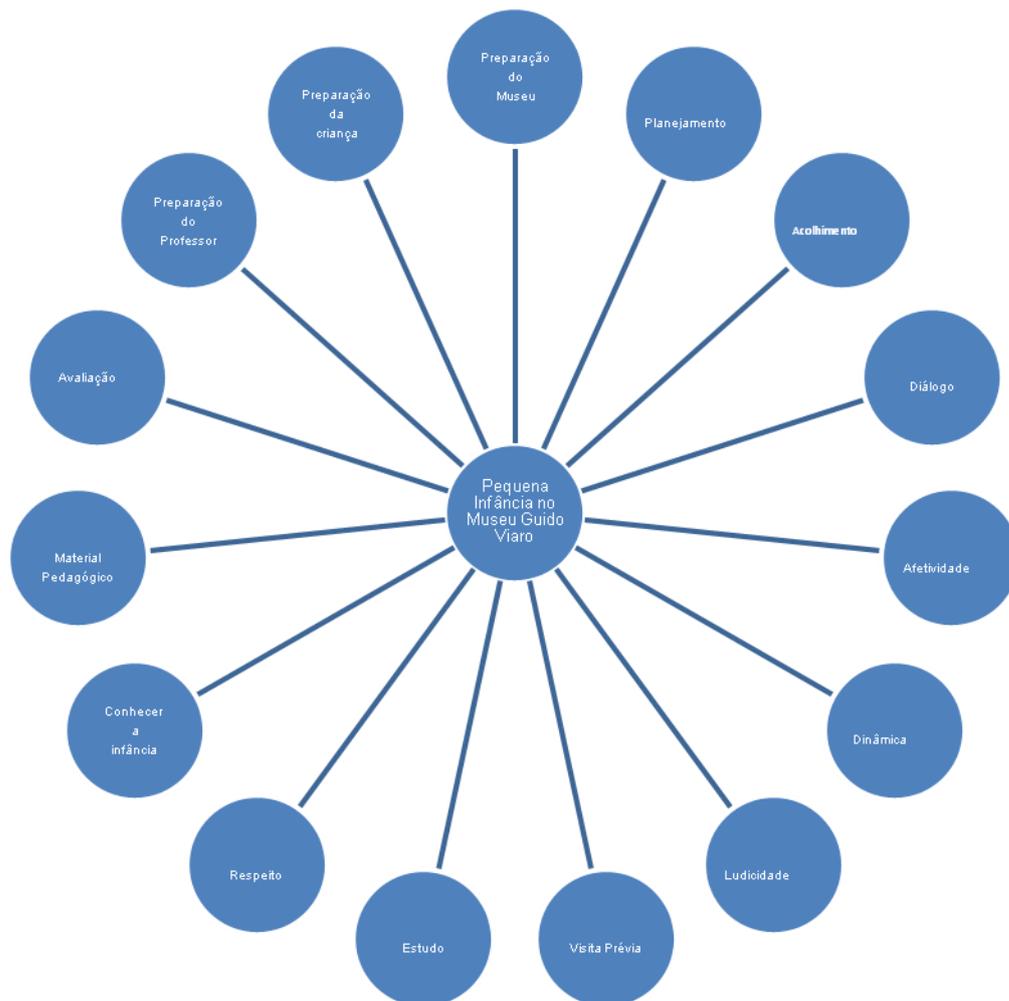
As observações apontadas pelo grupo foram consideradas e os ajustes foram feitos.

4.3.2 Grupo focal: contribuições para a elaboração do projeto educativo

A partir dos diálogos estabelecidos no grupo focal foi possível reafirmar a fundamentação teórica explanada no primeiro capítulo da pesquisa e evidenciar o quanto essa temática é, de fato, carente de discussões e estudos e o quanto essa pesquisa poderá contribuir no preenchimento dessa lacuna.

Confrontar opiniões com quem está dentro e fora do Museu foi fundamental no sentido de se esclarecer alguns pontos de interesse de ambas as partes envolvidas no processo de visitar o Museu com a pequena infância.

Através da análise das discussões, foi possível realizar um levantamento de algumas palavras consideradas como chaves para a elaboração do projeto educativo:



As palavras trazidas no diagrama só fazem sentido pelo fato de representarem o resultado de discussões entre sujeitos interessados pela temática “Mediação Cultural para a Pequena Infância” e que aliados à teoria contribuirão para o desenvolvimento de um projeto educativo no Museu Guido Viaro.

É importante destacar que o desenvolvimento dessa pesquisa, pelo método qualitativo, utilizando-se da intervenção, embora tenha ocorrido no contexto do Museu Guido Viaro, pensando na faixa etária da pequena infância, e com um grupo específico de profissionais, pode servir de referencial para a construção de outras pesquisas em outros contextos e em outras realidades.

Pautado na fundamentação teórica e no aprofundamento das questões trazidas nas discussões do grupo focal, sintetizadas no diagrama, é que se construiu o projeto educativo para atender a pequena infância no Museu Guido Viaro, bem como o material educativo (Apêndice F) e que serão apresentados no próximo capítulo.

5 A PEQUENA INFÂNCIA NO MUSEU GUIDO VIARO: CONSTRUINDO UM PROJETO EDUCATIVO

A opção de utilizar os museus como lugares propiciadores de aprendizagens significativas implica, assim, por parte dos educadores, a construção de estratégias para uma exploração estruturada capaz de conduzir ao desenvolvimento de competências exploratórias efectivas que confirmam uma razão e um sentido ao que se vê e se experimenta.

Silva

O serviço educativo é hoje considerado uma das áreas imprescindíveis dentro dos Museus, no entanto suas ações necessitam de planejamento específico de acordo com o público atendido. Esse planejamento precisa da elaboração de um documento - o projeto educativo.

Esse capítulo busca contribuir para a reflexão para o desenvolvimento do projeto educativo de mediação cultural, no Museu Guido Viaro, para/com o público da pequena infância.

Dessa forma, propõe-se uma discussão sobre a elaboração de um projeto e as suas etapas, bem como o delineamento do projeto: “A pequena infância no Museu Guido Viaro” e, ainda, discute-se a construção de um material educativo como subsídio ao trabalho do professor, justificando as escolhas realizadas.

5.1 REFLEXÃO E ELABORAÇÃO DE UM PROJETO EDUCATIVO

Ao elaborar um projeto educativo, num museu de arte, é necessário considerá-lo como um importante documento,

[...] que esclarece, de forma clara e concisa, as metas, objetivos e estratégias da ação pedagógica, tendo como base a política institucional e a responsabilidade que esta assume perante as comunidades a quem dirige a oferta programática (BARRIGA, 2007, p.43)

O fato de o Museu Guido Viaro ser uma instituição nova, portanto em processo de construção de sua política de trabalho e iniciar a ação educativa pensando um projeto para a mediação cultural do público da pequena infância é um aspecto positivo, responsável, desafiador e inovador. Isso é comprovado pelo fato de muitos museus não acolherem o público infantil. A essa negação podemos atribuir um fator relevante que é o desconhecimento, por parte das equipes dos museus, das especificidades desse público. Portanto, o projeto que se descortinará a seguir se propõe a indicar um caminho possível para o atendimento da pequena infância, nesse caso em particular o foco é o Museu Guido Viaro, mas as reflexões aqui construídas cabem perfeitamente para qualquer museu que pretenda assumir a pequena infância também como público.

Quanto à elaboração do projeto educativo é necessário que envolva toda a equipe da instituição, pois:

A partilha de opiniões e a troca de experiências e de vivências são pontos de partida para encontrar soluções e novas perspectivas de abordagem às coleções e/ou programação, para além de constituírem excelentes oportunidades de avaliação informal de motivação, da disponibilidade e do empenho do grupo. (...). Efetivamente, a identificação com o projeto deve acontecer por parte de todos aqueles que o constroem no seu dia a dia. Só assim é possível garantir um bom trabalho de acolhimento dos públicos e, sobretudo, um processo educativo que articule as valências²⁹ de todos os intervenientes. (BARRIGA, 2007, p.49 - 50)

No caso do Museu Guido Viaro, não só a equipe do Museu foi considerada e ouvida, mas também os profissionais dos CMEIs e do Solar do Barão³⁰. A partir das experiências e vozes compartilhadas por esse “corpo”, através da técnica do grupo focal, foi possível elaborar um diagrama³¹ básico para o desenvolvimento do projeto educativo tendo em vista a pequena infância, mais especificamente as crianças entre quatro e cinco anos de idade que frequentam as turmas de pré nos Centros Municipais de Educação Infantil de Curitiba – CMEIs.

A partir da contribuição dos teóricos que abordam essa temática e das vozes dos profissionais agentes ativos no processo de visitação de crianças no museu   que se definiram os objetivos, as estratégias de a o e a forma de avalia o do projeto.

²⁹ Val cia – palavra do vocabulário português de Portugal.

³⁰ Institui o Cultural que abriga os Museus da Gravura, da Fotografia e do Cartaz, na cidade de Curitiba.

³¹ Ver capítulo 4, página 89.

Um passo importante na elaboração de um projeto educativo se refere às possíveis parcerias, pois elas:

[...] abrem as portas da instituição para a realidade exterior, reforçam o alargamento do trabalho desenvolvido ao mesmo tempo que fomentam o contato com parceiros internos ou externos cujas finalidades, interesses e perspectivas são comuns, apresentando-se, por isso, disponíveis para partilhar recursos e/ou estratégias. (BARRIGA, 2007, p. 53)

A parceria encontrada para o desenvolvimento do projeto educativo que denominou-se “ A Pequena infância no Museu Guido Viaro” será a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, por meio do Departamento de Educação Infantil.

Ao definir as metas, Barriga (2007) afirma que devem enunciar o que o Museu pretende alcançar num período mínimo de três anos e portanto há a necessidade de “(...) ser realistas, adequadas, sustentáveis, e limitadas.” (BARRIGA, 2007, p. 51)

A partir dessas considerações, foram definidas as seguintes metas:

- Atender o público da pequena infância dos CMEIs de Curitiba, permanentemente, respeitando as suas especificidades.
- Desenvolver mediação cultural a partir das obras do acervo.
- Construir um instrumento de avaliação para acompanhar e analisar o processo de mediação a cada visita realizada.

É importante destacar aqui que a primeira meta foi ressaltada pelo diretor do Museu como um compromisso de atender permanentemente as crianças pequenas.

Quanto aos objetivos, Barriga (2007, p. 51) os define como desafios para toda a equipe educativa e que determinam os fins a cumprir em médio prazo, assegurando a efetivação das metas delineadas e ainda devem ser: específicos, mensuráveis, consensuais, sustentáveis, relevantes e limitados no tempo.

A partir desse entendimento foram elencados os seguintes objetivos para o desenvolvimento do projeto, “A pequena infância no Museu Guido Viaro”:

- Acolher o público da pequena infância.
- Desenvolver mediação cultural construtiva³².
- Oportunizar às crianças aprendizagens em artes de maneira lúdica.
- Oferecer formação continuada aos professores dos CMEIs para a visita ao Museu com as crianças.

³² Ver capítulo 2, página 33.

- Oferecer formação continuada aos mediadores do Museu.
- Disponibilizar material educativo aos professores.
- Organizar um encontro para a devolutiva da avaliação e troca de experiências com os professores participantes no projeto.

O objetivo de oferecer a formação continuada aos mediadores do Museu surgiu nas discussões do grupo focal com bastante ênfase, o que revela que é de fato muito importante não só subsidiar os professores que visitam o Museu com suas crianças, mas que os mediadores do Museu também necessitam conhecer um pouco mais sobre a realidade dos seus públicos. Esse objetivo, portanto, é fundamental para que todo o desenvolvimento da mediação ocorra de forma eficaz.

O passo seguinte na elaboração do projeto refere-se às estratégias, que se configuram nas ações que serão desenvolvidas para e com o público escolhido/definido. É nesse momento que se define como ocorrerá a mediação cultural, por exemplo.

Assim, as estratégias de ação foram pensadas tendo como base toda a fundamentação teórica abordada no 2º capítulo e, principalmente, as discussões com o grupo focal.

Como primeira ação, ocorrerá a preparação dos mediadores do Museu para a compreensão do público infantil. Essa preparação se dará na articulação entre momentos de estudos, a partir da leitura de textos que fundamentam a temática, bem como momentos de visita às unidades de educação infantil para uma aproximação e conhecimento desse contexto pelos mediadores. Esse momento será bastante relevante para que os mediadores percebam, na prática, como se dá a aprendizagem infantil, como os professores se relacionam com as crianças no ambiente educativo, como lidam com as inquietações, curiosidades e fantasias presentes na infância.

Posteriormente será realizada a divulgação do projeto por meio de convite aos CMEIs, e a participação se dará em forma de inscrição.

Os professores inscritos participarão de um encontro de formação no espaço do Museu, com duração de quatro horas, para subsidiá-los para a visita posterior com as crianças e será organizado da seguinte forma:

- Acolhida.
- Esclarecimento sobre o objetivo do encontro.

- Documentário sobre o artista.
- Visita ao Museu.
- Apresentação do projeto educativo.
- Diálogo sobre o encaminhamento da visita de crianças ao Museu.
- Entrega e exploração do material educativo³³.
- Cadastro e agendamento da visita.

Esse momento vivido no espaço do Museu, pelos professores, é uma forma de aproximá-los ao contexto do Museu, do artista, dos saberes da arte presentes nas obras expostas. Essa ação amplia o repertório desses profissionais para o desenvolvimento de propostas de trabalho que incluam o Museu, contemplando uma aprendizagem em arte a partir da articulação entre o espaço formal e informal, na valorização e construção da noção de patrimônio e ainda mais para a compreensão de pertença.

Agendada a data da visita, os professores retornam à unidade de trabalho e iniciam a preparação das crianças.

Para que a visita das crianças ao Museu seja significativa e dentro da compreensão do conceito de infância, elaborou-se uma proposta de mediação cultural que segue pelo seguinte caminho:

Acolhida: Esse momento é quando ocorre o primeiro contato das crianças com os mediadores, no espaço externo do Museu, portanto, há a necessidade de se estabelecer um diálogo agradável. Os mediadores receberão as crianças no Jardim do Zezinho³⁴, onde se apresentarão, acomodarão as crianças e iniciarão a contação de uma história³⁵ (anexo1). Essa história objetiva sensibilizar as crianças para o momento da visita propriamente dita e foi elaborada pela mediadora do Museu.

³³ O material educativo pretende subsidiar os professores da educação da pequena infância para a preparação de visitas das crianças ao Museu Guido Viaro. Nesse sentido foi estruturado de modo a compor: informações sobre o artista e seu trabalho como professor; sugestões de propostas de trabalho a serem realizadas no CMEI, antes da visita; uma imagem em tamanho A3 da obra “Menino da abóbora”, com sugestões de encaminhamentos; uma imagem, colorida, do Museu; 6 unidades do jogo: Memória dos retratos; indicação de leitura complementar e sites para pesquisa; um Cd contendo o material educativo, as imagens e o jogo para impressão. Ver apêndice página 126.

³⁴ O Jardim do Zezinho é um espaço na entrada lateral do Museu, local onde as crianças chegarão com o ônibus e descerão em segurança.

³⁵ História elaborada por Daiane Fagundes, mediadora do Museu Guido Viaro a partir de sua vivência no espaço do Museu.

Na sequência as crianças serão convidadas a realizar um piquenique ali mesmo no jardim. Esse momento é imprescindível, principalmente por se tratar da pequena infância. Uma vez que o Museu localiza-se num espaço central da cidade e que os CMEIs estão bastante distantes, a “viagem” do CMEI ao Museu é longa, nesse sentido as crianças precisam ser alimentadas. Após o piquenique, os mediadores relembrarão os combinados para durante a visita, já realizados pela professora no CMEI. As crianças da educação infantil necessitam da repetição, por isso é importante relembrar sempre os combinados já realizados. As crianças serão divididas em três grupos e receberão um crachá (anexo2) com cores diferenciadas por grupos. Os crachás coloridos permitem o início do trabalho com as cores, elemento bastante presente na obra de Guido Viaro, portanto é também uma maneira de chamar a atenção das crianças para esse conhecimento.

Por dentro do Museu: As crianças serão convidadas a entrar no espaço expositivo e cada grupo, acompanhado de um profissional do CMEI, poderá conhecer o lugar. Os mediadores acompanharão os grupos para uma maior interação. Esse momento “livre” no espaço expositivo é muito importante para que as crianças descubram o espaço a partir de seus interesses e façam suas descobertas. Essa atitude permite que a curiosidade infantil seja sanada e a continuidade da visita se dará de forma mais prazerosa.

Criando Narrativas: As crianças serão convidadas a realizar uma grande roda e sentar-se em almofadas, no chão, para uma um diálogo sobre as suas impressões a respeito do que viram. Dar voz a criança é inseri-la no contexto do museu considerando as suas experiências, o seu repertório, as suas vivências. A partir daí, os mediadores fazem a conexão das falas das crianças com a obra do artista e com espaço expositivo, esse momento pode ser considerado como uma antecipação da leitura de imagem que se dará na continuidade da visita.

A Arte de Guido e o imaginário infantil: Esse momento destina-se à aproximação das crianças com algumas obras do artista, por meio de estratégias lúdicas:

- Provocando Diálogos: as crianças escolhem duas ou mais imagens para uma troca de impressões sobre as mesmas. Nesse momento as crianças serão “provocadas” a olhar para as imagens e compartilhar suas leituras, mediadas pelos educadores do Museu e pelos professores do CMEI, que lançarão desafios para as crianças descobrirem nas imagens. Essa proposta permite à criança realizar suas

escolhas, o que reforça a autonomia e o respeito à ela, rompendo com as escolhas pré determinadas feitas geralmente pelo adulto, nesse caso, o mediador do museu. Ao permitir essas escolhas pelas crianças, permite-se também a produção de sentidos.

- Descubra a que obra pertence: esse é o momento em que as crianças serão convidadas a participar de um jogo. Cada grupo de crianças receberá um saco com algumas figuras, as quais fazem parte da composição de algumas obras e terão que encontrar a obra à qual a figura pertence. Os grupos que forem terminando voltam para a grande roda. Depois que todos terminarem, faz-se a verificação dos acertos pela ordem de chegada dos grupos. O objetivo dessa proposta é dinamizar a visita através do lúdico, pois dessa forma as crianças se apropriam e interagem no espaço do Museu como um todo e, nesse brincar, entram em contato com os saberes da arte presentes na obra do artista. Desse modo, constrói conhecimento brincando.

Vivenciando Arte: Esse momento é reservado para que as crianças realizem uma experiência prática que poderá variar, de acordo com o perfil da turma:

- Desenho de imaginação: Propor às crianças que encontrem a pintura de Guido Viaro em que aparece um cavalo. Após a leitura da obra “Violeiro, 1945”, questionar as crianças:

- Se o cavalo resolvesse sair dali, para onde iria? Como seria esse lugar?
- Quem são as pessoas que estão ouvindo a música que o homem está tocando?

A partir dessas duas questões, propor às crianças um desenho de imaginação, do lugar para onde o cavalo foi, ou das pessoas que ouvem a música.

Mão na massa : Propor às crianças que encontrem a pintura de Guido Viaro em que aparece uma cesta de frutas. Após a leitura da obra “ Mildret, 1947 - Óleo sobre tela.”, instigar as crianças a imaginar: Que outras frutas aquela senhora poderia levar na sua cesta? Propor às crianças a criação dessas frutas com massa de modelar.

A escolha dessas duas obras se deu pelo fato de permitirem diferentes leituras, contemplarem elementos familiares à criança e ainda por permitir a imaginação criadora. O desenho de imaginação foi pensado por ser uma proposta que possibilita o desenvolvimento da fantasia e do faz de conta e assim a criança desenha a partir do seu imaginário. A modelagem foi pensada para que a criança tenha a possibilidade de entrar em contato com a expressão tridimensional, a partir

das relações que estabelece com o bidimensional presente na obra de Guido. Essas relações ampliam as percepções infantis do mundo que existe ao seu redor.

De volta ao CMEI: Antes de se despedir, os mediadores entregarão ao professor uma tarefa³⁶ para ser realizada no CMEI e combinam com as crianças a sua efetivação, então, as acompanham até o Jardim do Zezinho onde se despedem, as crianças entrarão no ônibus e seguirão para o CMEI.

No CMEI as professoras darão continuidade ao trabalho, realizando a tarefa, sugerida pelo Museu, que será encaminhada ao mesmo para a organização de uma Mostra à comunidade em geral.

O objetivo dessa proposta é fazer com que o trabalho não se encerre após a visita, mas que tenha continuidade no CMEI na efetivação de muitas práticas em arte e que as famílias também sejam provocadas a visitar o Museu, com as crianças. Esse pode ser o início de um trabalho de ampliação cultural, partindo da pequena infância.

Como continuidade ao projeto será realizado um encontro final, com os professores participantes no projeto educativo. Será organizado no final do ano letivo, como um momento de devolutiva das avaliações realizadas pelos visitantes no intuito de rever as práticas realizadas, trocar as experiências e os saberes construídos. Será realizado no auditório do Museu Guido Viaro e terá a duração de 4 horas com a seguinte programação:

- Mesa redonda com a participação do Diretor do Museu, dos mediadores e um representante da SME parceiro no projeto.
- Comunicações de alguns trabalhos realizados nos CMEIs a partir da participação no projeto: A pequena infância no Museu Guido Viaro.
- Visita ao Museu para a apreciação da exposição de trabalhos realizados com as crianças no Museu e nos CMEIs.

Por fim, a avaliação é uma etapa que não pode faltar num projeto educativo, pois toda ação educativa necessita ser revisada e avaliada regularmente. A avaliação é importante,

[...] na medida que gera informação em torno dos resultados do trabalho, sustenta a reflexão sobre a prática, melhora a qualidade dos projetos e apresenta resultados concretos (e até mensuráveis) que

³⁶ Ver apêndice página 159.

servirão para aferir o valor e a eficácia do plano e dos projetos. (BARRIGA, 2007, p. 54)

Portanto, é necessário que a avaliação seja pensada no momento da elaboração do projeto, para não correr riscos de não acontecer, pois é um importante instrumento que dará subsídios da efetividade do projeto educativo. Será realizada por meio de um questionário que o profissional visitante responderá no próprio Museu, após a visita com as crianças:

**Questionário de avaliação da mediação Cultural do Projeto -
“A Pequena Infância no Museu Guido Viaro”³⁷**

Unidade de Trabalho

Nome do CMEI/Escola:
Endereço:
Telefone:
Email:

NRE:
Bairro:

Professor(a)/Educador(a) responsável pelo grupo

Nome:
Formação:
Turma:
Adultos acompanhantes:

Função:
Faixa etária:

Nº de Crianças:

Sobre a visita/mediação

1. Como você avalia o espaço expositivo do Museu, levando em consideração as especificidades do público da pequena infância?
2. Como você percebeu a reação e a participação das crianças durante os diferentes momentos da visita?
3. Qual foi o momento da visita que você considerou de maior interesse para as crianças?
4. Em qual momento da visita que você considerou de maior dispersão para as crianças?

³⁷ Questionário baseado na avaliação realizada pela pesquisadora Amanda Tojal na sua pesquisa de Mestrado: Museu de Arte e Público Especial e a partir de sugestões realizadas pelo grupo focal.

5. Cite comentários feitos pelas crianças que tenham chamado sua atenção:
6. Como você avalia a atuação da mediadora durante a visita? Faça críticas e dê sugestões que possam contribuir para o aperfeiçoamento da mediação.

5.2 MATERIAL EDUCATIVO – CONSTRUINDO UM CAMINHO

Ao se pensar num material educativo que apresente contribuições para o trabalho dos professores da pequena infância, quanto a visitação das crianças ao Museu, envolve escolhas. Essas escolhas certamente revelam o conceito e o entendimento de infância que temos e a transposição desses conceitos em aprendizagens significativas. Nesse sentido o material educativo pode contribuir para o a formação continuada do professor e para que a conexão entre CMEI e Museu aconteça de forma eficaz.

Dessa forma o material educativo elaborado para o professor que visitará o Museu Guido Viaro com a pequena infância foi estruturado de modo a compor:

- Informações sobre o artista e seu trabalho como professor.
- Informações sobre o Museu.
- Uma linha do tempo sobre Guido Viaro
- Textos sobre a pequena infância e a arte/educação.
- Sugestões de propostas de trabalho a serem realizadas no CMEI, antes, durante e depois da visita ao Museu.
- Uma imagem colorida da obra “Menino da Abóbora”.
- Uma imagem colorida do Museu.
- Seis Kits do jogo: Memória dos retratos.
- Indicação de leitura complementar e de sites para pesquisa.
- 1 CD contendo o material educativo, as imagens e o jogo para impressão.

Os textos sobre o artista Guido Viaro, sobre o espaço do Museu e a linha do tempo foram contemplados no material no sentido de que o professor conheça a

vida e principalmente a obra do artista e seu contexto também como professor de arte. É uma forma de aproximar o professor dessa temática e ainda de possibilitar outras escolhas.

A fundamentação sobre a pequena infância, a arte na pequena infância e sobre a mediação cultural foi considerada como elemento fundamental no intuito de ampliar o conhecimento teórico do professor para a compreensão da prática de visitar museus com as crianças.

As sugestões de encaminhamentos presentes no material foram construídas no sentido de apontar um caminho possível na efetivação do trabalho de visita ao Museu de Arte com as crianças pequenas, porém, é necessário o entendimento de infância, das aprendizagens em Arte, dos processos de mediação cultural e do papel do professor como fundamental na articulação dessa prática.

Por esse caminho, no material educativo, no item **“Preparando a visita das crianças ao Museu”** sugerem-se as seguintes etapas para a efetivação desse trabalho: Minha coleção; Um Museu no CMEI; O Museu Guido Viaro; As obras de Guido – pensando em aprendizagens: Pinceladas que viram retratos, Diferentes olhares, Um pouco de prática, Outras práticas, Brincar e descobrir retratos..., No Museu Guido Viaro, O trabalho que continua no CMEI..., Memórias da visita... Eu fui ao Museu! Além de Guido... Crianças expõem no Museu!.

No item **“Minha coleção”** evidencia-se a importância do trabalho começar a partir do mundo da criança, da relação que ela estabelece com as suas coleções, valorizando seu contexto e seus interesses. Essa ação é fundamental para inserir no universo infantil uma relação lúdica, com o conceito de coleção, de acervo, de Museu, de cuidado, de respeito.

A partir de então, a proposta: **“Um Museu no CMEI”** possibilita à criança, através da brincadeira, se envolver na organização de um Museu no CMEI. E, nessa brincadeira, de organizar as exposições das coleções, vivenciam uma situação imaginária, que as coloca diante de uma situação que será vivenciada num futuro breve. Quando esse momento chegar, já estarão preparadas para enfrentá-lo. A partir de então, parte-se para o trabalho com a coleção do artista Guido Viaro, numa sequência de propostas.

Essas propostas são importantes porque partem dos elementos que compõem a cultura da infância, como a ludicidade, a reiteração, o faz de conta.

Assim, a criança é considerada como participante ativa no processo de ensino e aprendizagem.

A proposta de uma roda de conversa tendo a imagem do Museu como um disparador, no item **“O Museu Guido Viaro”**, instiga a curiosidade infantil, a partir da leitura da imagem. O diálogo e o faz de conta vão construindo o imaginário infantil e criando expectativa e desejo de conhecer a coleção do Guido Viaro.



Fachada do Museu Guido Viaro. Fonte: www.museuguidoviaro.org

O item **“As obras de Guido – pensando em aprendizagens - Pinceladas que viram retratos”** foram elaboradas diferentes propostas práticas, para aproximar as crianças da obra de Guido Viaro, mais especificamente, a pintura e o retrato. A primeira delas, parte da obra **“Menino da Abóbora”**. A escolha da obra se deu justamente por abordar um gênero bastante presente na pintura de Guido Viaro, o retrato, e, ainda, pelo fato do mesmo ser de uma criança e, também, por essa criança ser o filho do artista, o que contribui para revelar os meandros que envolvem o trabalho de realizar retratos, como, por exemplo, a escolha dos modelos. Também por permitir múltiplas leituras, trazer elementos comuns ao repertório infantil e por possibilitar que o imaginário infantil percorra a obra.

A partir da imagem, foi elaborado um percurso para a leitura da mesma com as crianças, presentes no item: **“Diferentes olhares...”**, são sugestões de perguntas para que se inicie o diálogo com as crianças e, a partir das diferentes vozes, com a escuta ativa do professor, promovam-se diferentes leituras.

Dessa forma, as crianças entram em contato com arte de maneira divertida e envolvente e assim vão construindo seu repertório cultural.



Menino da Abóbora”, 1947. Óleo sobre Tela. Coleção Constantino Viaro

A prática sugerida após a leitura de imagem, no item, **“Um pouco de prática”**, a brincadeira de se retratar, em duplas, através da pintura, se faz necessária para que as crianças experimentem, na prática, um pouco do que seria o trabalho do artista, no que se refere ao fazer retratos. Nesse momento a criança entra em contato com a tinta, com o pincel, com o elemento cor e com muitas escolhas e nesse fazer vai construindo aprendizagens em arte.

Depois dessa prática, muitas outras podem se dar, portanto, uma lista de sugestões foi incluída no material para que o professor faça suas escolhas ou, ainda, sinta-se inspirado em criar outras possibilidades de contato das crianças com a arte de Guido:

- Propor às crianças que tragam um retrato seu e brinquem de adivinhar quem é o seu dono. Organizar um painel para a apreciação, essa é outra forma de leitura de imagem.
- Organizar uma exposição dos retratos das crianças e retratos de artistas, a partir do acervo de imagens do CMEI.
- Realizar a brincadeira dos retratos com a câmera fotográfica.
- Realizar retratos a partir de uma interferência. Exemplo: Pesquisar e recortar somente cabelos de pessoas e aí propor: Como é o rosto do dono desse cabelo? As crianças podem pintar ou desenhar.

No sentido de ampliar a aprendizagem das crianças sobre retratos, o item, **“Brincar e descobrir retratos...”** foi elaborado para que as mesmas tivessem a oportunidade de conhecer outros retratos feitos por Guido Viaro, presentes na sua coleção, guardada no Museu, os quais terão a oportunidade de conhecer, durante a visita.

As obras que compõe o jogo seguiram o mesmo critério de escolhas da obra

anterior. Apresentam temáticas comuns ao cotidiano infantil, possibilitam diferentes leituras, apresentam elementos que fazem parte do contexto infantil, possibilitam a efetivação do faz de conta, são todas pinturas e retratos. Através do jogo, essas questões podem surgir e gerar novas aprendizagens. As imagens são:



Polaca, 1935
50x40cm
Óleo sobre tela



Esposa do artista, 1940
36x31cm
Óleo sobre tela



Esperando, 1943
53x48,5cm
Óleo sobre tela



Violeiro, 1945
90x74,5
Óleo sobre tela



Huck, 1947
64x48cm
Óleo sobre tela



Menino da abóbora,
65x48,4cm
Óleo sobre tela



Meninas, 1946
76,5x90,5
Óleo sobre tela



Tipos curitibanos, 1960
52,5x54,5
Óleo sobre tela

Após o desenvolvimento de todas essas práticas, considera-se que as crianças já estejam preparadas, o suficiente, para a realização da visita ao Museu Guido Viaro. Portanto é o momento de relembrar os combinados quanto ao objetivo da visita, as atitudes dentro do Museu, toda a sequência de fatos que ocorrerão no espaço, desde o momento de entrar no ônibus.

Após a visita, o item **“O trabalho que continua no CMEI...”**, procura evidenciar a importância do trabalho continuar após a visita. Neste sentido, sugere-se realizar uma roda de conversa com as crianças, sobre o momento vivenciado no Museu.

Em, **“Memórias da visita... Eu fui ao Museu!”**, propõe-se a realização de uma exposição das fotografias realizadas durante a visita, essa ação possibilita a todo o CMEI e a comunidade conhecer o trabalho realizado e ainda pode despertar o interesse em visitar o Museu.

Outra importante sugestão é desenvolver a tarefa proposta pelo Museu, um encaminhamento semelhante ao realizado no **“Pinceladas que viram retratos”**, porém, agora, é o momento de conhecer outro gênero, a paisagem e nesse sentido o encaminhamento, **“Pinceladas que viram paisagens”**, podem gerar novas aprendizagens. Os trabalhos práticos gerados por esse encaminhamento serão selecionados pelas crianças, para compor a exposição que se realizará no espaço do Museu, para evidenciar as aprendizagens das crianças, através da obra do artista Guido Viaro.

Para finalizar, é o momento de rever o trabalho das crianças na exposição **“Além de Guido... Crianças expõem no Museu!”**. Esse momento mostra-se relevante para que o trabalho seja evidenciado, valorizado e para o entendimento de que a pequena infância tem lugar no museu.

A partir do contato com a obra do artista Guido Viaro, no espaço do Museu, a criança enriquece seus processos de aprendizagem acerca da arte a partir da

experiência direta com o objeto artístico. É dada a ela a possibilidade de ir além do seu contexto diário, no CMEI. É nesse momento que seu repertório imagético é ampliado, seus sentidos são aguçados, sua curiosidade sobre o mundo é despertada. É também nesse momento que a criança desenvolve o respeito, o cuidado e o sentimento de pertença pelo patrimônio cultural, aprende a viver em grupo e compartilhar suas idéias.

Assim, é também possível despertar na criança o desejo de retorno ao espaço do Museu, bem como o interesse em visitar outros espaços de arte e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – E O CAMINHO CONTINUA...

*As indagações
A resposta certa, não importa nada: o essencial
é que as perguntas estejam certas.
Mário Quintana*

No percurso trilhado durante este estudo, com o objetivo de elaborar um projeto de mediação cultural para a pequena infância de forma compartilhada entre profissionais do museu Guido Viaro e dos CMEIs de Curitiba, muitas aprendizagens foram construídas e acredito que poderão contribuir para sanar algumas lacunas sobre a temática: mediação cultural para e com a pequena infância nos Museus de Artes.

É importante destacar, nesse momento, o quanto as vozes dos diferentes autores que fundamentaram a pesquisa, explicitado no segundo capítulo, contribuíram para afirmar a sua relevância, no sentido de pensar a educação da pequena infância no espaço também do Museu, com a importância que merece.

Desse modo, foi importante conhecer os conceitos de criança e infância, para entender a forma com que se compreende essa criança hoje. Assim, para pensar na mediação cultural, no espaço do Museu Guido Viaro, para o público da pequena infância, a leitura de Sarmiento foi fundamental, pois ao abordar as culturas da infância, enfatizando a questão da ludicidade como o eixo central, contribuiu na elaboração do projeto educativo de acordo com essa especificidade.

Aliadas aos conhecimentos sobre a infância foram imprescindíveis as leituras sobre a arte/educação no contexto infantil. Percebi que, apesar dos descompassos dessa área do conhecimento, no contexto da pequena infância, muitos avanços vêm ocorrendo, como por exemplo: a) a importância de compreender como as crianças aprendem, b) o investimento na não linearidade do ensino e aprendizagem da arte, c) no diálogo, d) no entendimento da liberdade na expressão infantil, sem confundir com atividade livre, e) na compreensão de que os estereótipos não trazem contribuições no desenvolvimento de aprendizagem significativa às crianças, f) na importância do planejamento do professor e g) na reflexão sobre as escolhas das imagens que o professor faz.

A contribuição de Leite foi essencial, ao destacar o papel dos museus frente

ao público infantil e a forma como a mediação cultural deve ser compreendida pelos envolvidos nessa ação. Nesse sentido as leituras de Freire e Goodson foram importantes para pensar a proposta de mediação, dentro do Museu, considerando a aprendizagem narrativa.

A compreensão da Mediação Cultural em sua essência foi possível principalmente pelas leituras de Martins e Darras, pois enfatizaram os tipos de mediações, e suas principais características.

Adentrar no mundo do artista Guido Viaro, evidenciado no segundo capítulo, trouxe significativas contribuições. Viaro, além de um grande artista, que se dedicou principalmente à representação da vida humana, foi o primeiro a desenvolver, no Brasil, um trabalho de arte/educação, voltado para as crianças e para professores, antes mesmo de Augusto Rodrigues, disseminador das escolinhas de arte pelo Brasil, fato este muitas vezes ignorado na literatura.

Em 1937, Viaro já ministrava aulas a partir de uma metodologia própria, procurando, na liberdade de expressão, ensinar arte a seus aprendizes. Foi precursor do seu tempo ao evidenciar que a arte das crianças é algo sério e que, se tiverem a oportunidade de experimentá-la através da mediação de pessoas conscientes do seu papel, seguirão pelo caminho da criatividade e chegarão longe.

Essas descobertas contribuíram para reforçar a importância do investimento na educação em arte na pequena infância, de forma a valorizar a expressão infantil, na qual o professor assume o papel de mediador e auxilia as crianças no desenvolvimento de um percurso individual. No entanto, para que o professor tenha esse entendimento, é necessário investir também na sua formação. Essas questões trazidas do contexto de Viaro ressoam ainda hoje nos ambientes educativos formais e não formais.

Ao descortinar o contexto do Museu Guido Viaro, compreendi a importância da instituição no cenário Curitibano. Homenagem mais do que justa, o Museu Guido Viaro, ao ser inaugurado no ano de 1975, fez jus ao seu homenageado. A instituição foi um polo disseminador de arte e cultura, entre as décadas de 1970 a 1990.

Além da exposição permanente do artista, o museu trouxe várias exposições importantes para a época, assim como valorizou a arte infantil que também veio ao Museu. Essa constatação evidenciou a questão central da pesquisa: a criança tem sim, lugar no Museu. Contudo, ações efetivas para esse público precisam ser planejadas e aplicadas como ocorria no Museu Guido Viaro, através dos projetos:

Dr. Eureka e Maria das Cores, ambos planejados especificamente para atender ao público infantil. Esses projetos foram precursores quanto as ações educativas nos Museus.

Os eventos e as ações desenvolvidas pelo Museu Guido Viaro fizeram com que Curitiba “respirasse” arte, durante quase três décadas. Portanto, foi uma perda muito grande para a cidade quando teve suas portas fechadas no ano de 1995.

Ao presenciar o retorno do Museu Guido Viaro ao cenário Curitibano, no final do ano de 2009, agora como uma instituição particular, considerei como um presente para a cidade. Constatar que o Museu quer inovar no campo da arte e da cultura, sendo um centro de criação de idéias e que pretende também assistir as crianças e os idosos, desafiou-me no desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao abrir as portas para o desenvolvimento desta pesquisa, o Museu Guido Viaro possibilitou a criação de um importante espaço de discussão sobre a pequena infância no Museu, contribuindo no sentido de sanar essa lacuna no contexto educacional atual, tanto formal, quanto não-formal. Acredito que se iniciou um movimento novo no contexto da arte/educação nos Museus de Artes na cidade de Curitiba.

Esse espaço de discussão foi possível por meio da pesquisa intervenção, destacada no terceiro capítulo, porque um projeto educativo não poderia ser construído por um olhar apenas, do pesquisador, ou do Museu, ou do professor, mas sim por esses vários olhares compartilhados.

A pesquisa intervenção contribuiu na abertura de espaço para que o diálogo entre os profissionais que atuam no Museu e os profissionais que atuam com as crianças nos CMEIs, mediados por mim, enquanto pesquisadora pudesse acontecer. Essa aproximação entre os profissionais foi fundamental e extremamente necessária, uma vez que o tema da discussão envolvia a todos. Assim ampliaram-se os conhecimentos sobre a visita das crianças da pequena infância ao Museu, estreitando os laços entre educação formal e educação não formal e ainda, colocou-se a pequena infância como pauta principal da discussão.

Por meio dos encontros com esses profissionais e da técnica do grupo focal, questões importantes sobre a visita das crianças pequenas ao Museu foram levantadas e discutidas num movimento de interação entre os participantes, em que todos tiveram vez e voz. Questões como o tempo de atenção das crianças durante a visita, o momento do lanche, a preparação dos professores antes da visita, a

preparação das crianças, a preparação do mediador quanto às especificidades da pequena infância e a importância de formação e material de apoio ao professor. Essas questões revelam a possibilidade da pequena infância adentrar o Museu.

Os momentos vivenciados durante os três encontros foram de fundamental importância para a elaboração do projeto e do material educativo. No entanto, ressalto que poderia ter havido um número maior de encontros, principalmente para a validação do projeto e do material educativo, pois o grupo demonstrou bastante interesse pelo material produzido.

Percebi, naquele momento, maior interação entre os profissionais e a discussão foi produtiva, acrescentando contribuições para repensar algumas questões, como por exemplo, diminuir o número de questões da avaliação que o professor responderá após a visita com as crianças e diminuir o texto do material educativo.

Quanto ao desafio de pensar o projeto educativo para a atuação do Museu Guido Viaro com o público da pequena infância, a leitura de Barriga foi significativa para a compreensão e elaboração em sua estrutura básica.

Mesmo com alguns descompassos, vivenciamos hoje um grande avanço nas questões educacionais que envolvem a pequena infância. Pode-se dizer que hoje há um olhar mais atencioso para/com as crianças e que as culturas da infância aos poucos estão sendo consideradas, o que contribui para que ações consistentes sejam pensadas. Mudanças estão ocorrendo principalmente nas instituições formais de atendimento à infância e o objetivo, focado neste estudo, é ampliar a discussão para os espaços não formais.

Desse modo, espero que o material elaborado, a partir desse estudo, pensado para o contexto particular do Museu Guido Viaro, seja referência em outros contextos na disseminação do trabalho que envolve a mediação cultural para a pequena infância no Museu.

Quintana indica que a resposta certa não importa se as perguntas não estiverem certas, então, espero que não só as indagações evidenciadas nesta pesquisa, que agora se conclui, estejam certas, mas que também o caminho indicado como uma resposta possível possa ser trilhado, avaliado, revisado, efetivado para que assim possa continuar.

REFERÊNCIAS

A VOZ DO PARANÁ. **Museu sem segredos com um diretor risonho e franco**. Curitiba, julho de 1978.

BARBOSA, A. **Museu é social**. In: BARBOSA, A. e COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.) Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo. Unesp, 2009.

BARRIGA, Sara. Plano de Acção Educativa: alguns contributos para sua elaboração. In: BARRIGA, S. e SILVA, S. G. (Coord.) Serviços educativos na Cultura. Coleção Públicos nº2. Porto. Stepés, 2007.

BESSET, V. L., COUTINHO, L. G e COHEN, R. H. P. Pesquisa-intervenção com adolescentes: contribuições da psicanálise. In: CASTRO, L. R de e BESSET, V. L. (Orgs.) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.

BRANDÃO, Euro. **Guido Viaro: a valorização da figura humana**. Museu Guido Viaro. 1981. (Palestra pronunciada por ocasião do décimo aniversário da morte do pintor Guido Viaro no auditório do Museu Guido Viaro)

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Vol. I, II e III**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei 9394 – LDB – **Lei das Diretrizes e Bases da Educação**, de 20 de dezembro de 1996.

BRUNO, Maria C. O. **Principais campos da ação museológica**. Seminários CCBB: Museus e exposições no século XXI: vetores e desafios contemporâneos. Julho de 2004.

CABRAL, Magaly. **A palavra e o objeto**. Cadernos Paulo Freire 10. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará/ Museu do Ceará. Fortaleza, 2006.

CERISARA, Ana Beatriz; SARMENTO Manuel Jacinto. **Crianças e miúdos – perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação**. Portugal. ASA, 2004.

CORREIO DE NOTÍCIAS. **Museu não é um lugar sombrio**. Curitiba, 13 de maio de 1978.

_____. **Dr. Eureka está no museu**. Curitiba, junho de 1978.

COSTA, Carina Martins. **Uma casa e seus segredos: a formação de olhares sobre o Museu Mariano Procópio**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2005.

CUNHA, Susana R. V. Pensando sobre o ensino da arte na educação infantil. *In*: CUNHA, Susana R. V. (Org.) **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre. Mediação, 2004.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. Construindo a primeira infância: o que achamos que isto seja? *In*: DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância**: perspectivas pós modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. *In*: BARBOSA, A e COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo. Unesp, 2009.

DASILVA, Orlando. **Viaro** – uma permanente descoberta. Curitiba. Fundação Cultural de Curitiba, 1992.

DIÁRIO DO PARANÁ. **Obra de Guido Viaro reunida no seu museu**. Curitiba, 22 de março de 1975.

DWBOR, F. F.; CARVALHO S.; LUPPI, D. **Quem educa marca o corpo do outro**. São Paulo: Cortez, 2007.

ESTADO DO PARANÁ. **Uma faceta inédita de Guido Viaro**. Curitiba, 02 de fevereiro de 1982.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. A dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo. Paz e Terra. 2005.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GABRE, Solange. **Educação Infantil no museu**: construindo saberes em arte. *In*: SANTOS, Anderson P. (Org.) Diálogos entre arte e público. Educadores de museus e sala de aula: que diálogos são esses? Caderno de textos II. Recife, Fundação de Cultura da Cidade de Recife, V.2, 2009.

GABRE, Solange. **Educação patrimonial no contexto da educação infantil**: uma proposta de formação. *In*: Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUC PR, 2009.

GAZETA DO POVO. **Em Curitiba, museu preserva a obra de um único artista**. Curitiba, 25 de janeiro de 1983.

GOODSON, Ivo. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira de Educação**. V.12, nº 35. Maio/ago.2007.

GROSMANN. Martin. **O museu de arte hoje**. Fórum Permanente.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. São Paulo. Artmed, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução SILVA, T. T. da e LOURO, G. L. Rio de Janeiro, DP&A. 2006.

LEITE, M. I. Crianças, velhos e museus: memória e descoberta. Campinas, **Cad. Cedes**, v. 26, n. 68. 2006. Disponível em <[http:// www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)> Acesso em 11 de maio de 2009.

LEITE, M. I. Museus de arte: espaço de educação e cultura. *In*: LEITE, M. I.; OSTETTO E. L. (Orgs.) **Museu, educação e cultura**. encontro de crianças e professores com a arte. Campinas. Papyrus, 2005.

LEITE, M. I. **O museu como espaço de apropriação e produção artístico-cultural infantil**. Texto baseado no relatório final da pesquisa “Museum`S and Galleries education in London – na outsider view”. Disponível em <www.gedest.unesc.net>

LEITE, M. I.; OSTETTO E. L.. **Arte, infância e formação de professores** – autoria e transgressão. Campinas. Papyrus, 2004.

LIMA, Joana D`Arc de S. Trocando experiências: a aventura moderna revisitada na proposta de mediação da mostra Acácio Gil Borsói e os artistas Vicente do Rego Monteiro e João Câmara. *In*: BARBOSA, A. e COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo. Unesp, 2009.

MAGALHÃES, Fernando. **Museus, patrimônio e identidade**: ritualidade, educação, conservação, pesquisa, exposição. Porto. Profedições, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste. (Org.). **Mediação**: provocações estéticas. Grupo de Pesquisa CNPq UNESP. São Paulo, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. RBB, São Paulo, 2008.

MIR, Carmen L. B. Educação como mediação em centros de arte contemporânea. *In*: BARBOSA, A e COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo. Unesp, 2009.

MOREIRA, M. I. C. Pesquisa-intervenção: especificidades e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. *In*: CASTRO, L. R de e BESSET, V. L. (Orgs.) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.

OSINSKI, Dulce. R. B. **A Modernidade no sótão** – educação e arte em Guido Viaro. Curitiba: UFPR, 2008.

PILLOTTO, S. S. D. As linguagens da arte no contexto educacional. *In*: PILLOTTO, S. S. D; PEPELATO, Carla. (Orgs.) **Linguagens da arte na infância**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2007.

_____. A arte e seu ensino na contemporaneidade. *In*: MAKOWIECKY, Sandra e OLIVEIRA, Sandra Ramalho. (Orgs.) **Ensaio em torno da arte**. Chapecó, Argos. 2008.

PILLOTTO, S. S. D. e MEIRA, Marli. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre, Mediação. 2010.

PLAIASANCE, Erick. **Por uma sociologia da pequena infância**. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 25, n. 86, p. 221-241, abril 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em abril de 2010.

PUIG, Carla Padró. Modos de pensar museologias: educação e estudos de museus. *In*: BARBOSA, A e COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo. Unesp, 2009.

PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia – **Cadernos de Sócio-Museologia**, n. 16, 1999. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewFile/350/259>> Acesso em março de 2005.

SATO, Leny. Pesquisar e Intervir: encontrando o caminho do meio. *In*: CASTRO, L. R de e BESSET, V. L. (Orgs.) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.

SCHMIDT, M. A. M. dos S. **Infância: sol do mundo – A primeira conferência nacional de educação e a construção da infância brasileira**. Curitiba, 1927. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1997.

SILVA, Susana Gomes da. Para além do olhar: a construção e a negociação de significados pela educação museal. *In*: BARBOSA, A e COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo. Unesp, 2009.

TAMANINI, Elisabete. Museu e Educação: reflexões a cerca da experiência do museu arqueológico de sambaqui de Joinville. Pasos. **Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**. V.1, n.1, P. 79 – 84, 2003. Disponível em: <www.pasosonline.org> Acesso em março de 2010.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.

VYGOTSKY, Lev. **A imaginação e a arte na infância**. Lisboa. Relógio D'Água, 2009.

WILDER, Suzana Gabriela. **Inclusão social é cultural: arte contemporânea e educação em museus**. São Paulo, UNESP. 2009.

Catálogo de Exposição:

Guido Viaro, uma lição de arte. Exposição de Pintura. Museu de Arte do Paraná.
1997

APENDICE A - PARTICIPAÇÃO DE GUIDO VIARO NA REVISTA JOAQUIM

A revista que circulou entre 1946 a 1948, era o meio de comunicação dos artistas da época:

“Joaquim” teve grande influência na vida cultural da cidade de Curitiba por suas idéias mais modernas, especialmente em literatura, não deixando de apoiar as artes plásticas de vanguarda, favorecendo a arte e a cultura da década de 40. (DASILVA, 1992, p. 17)

Na revista Joaquim, Guido pode expressar além de sua arte, também suas idéias.



Capa da Revista Joaquim nº 18 e ilustração de Guido na mesma revista. Fonte <http://www.museuguidoviaro.org>.

APENDICE B - ESPAÇO DO MUSEU GUIDO VIARO

No primeiro e segundo andares estavam expostos os trabalhos em óleos e no terceiro os desenhos e documentos.

Posteriormente o espaço do Museu ficou distribuído da seguinte forma:

- a) Subsolo – Cinemateca que ficou pronta em pouco mais de trinta dias de funcionamento do Museu. Um espaço destinado à pesquisa, recuperação e exibição de filmes e vídeos. Foi considerada uma das principais de todo o Brasil, responsável pela formação de vários cineastas.
- b) Térreo – entrada do Museu, sala de projeção da cinemateca, com 90 lugares e atelier livre onde eram ministradas aulas de desenho e pintura sob a orientação de Suzana Lobo e Violeta Franco.
- c) 1º andar – secretaria, sala de direção, galeria para exposições diversas. Nesse espaço foram realizadas muitas exposições temporárias importantes.
- d) 2º andar – galeria do acervo permanente de Guido Viaro. Com aproximadamente 140 obras do artista entre óleos, aquarelas, desenhos, gravuras e esculturas.
- e) 3º andar – centro de pesquisas e documentação, que foi criado em 1976 e desenvolveu um trabalho de pesquisa para além da obra de Guido Viaro, mas também dos artistas paranaenses de modo geral. A biblioteca especializada em artes plásticas e cinema e o atelier de restauro, o único do sul do Brasil na época, devidamente equipado.

APENDICE C - ENCONTRO NACIONAL DE CRÍTICOS DE ARTE

Houve, no ano de 1980, o “Encontro Nacional de críticos de Arte” evento importantíssimo para o contexto da época que teve como objetivo:

Atrair para Curitiba as atenções das artes plásticas brasileiras, acelerar o intercâmbio com outros Estados, incluir definitivamente Curitiba no roteiro artístico cultural brasileiro e promover as artes plásticas paranaenses em dimensão nacional. (ARQUIVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA GUIDO VIARO, 1980.)

O evento contou com a participação de aproximadamente cinquenta especialistas no assunto, entre eles: Auberto Beuttenmuller, Aracy Amaral, Frederico Moraes, Lisbeth Rebolo Gonçalves, Olney Kruse, Mário Barata.



Abertura do evento. Fonte: Centro de Pesquisa e Documentação Guido Viaro

As temáticas que nortearam o evento foram:

- a) A arte brasileira na década de 70.
- b) Perspectivas para a arte brasileira.
- c) A arte brasileira no contexto latino americano.

Como resultado dos debates, houve a assinatura do documento denominado “Carta Curitiba” a qual, assinalou o Jornal Estado do Paraná, de 1980:

Diz o documento: “sem a existência de uma democracia plena, não é viável o exercício da crítica”, (...) acrescentando que “não há convivência possível entre bombas e críticas uma vez que esta é o exercício da contestação no terreno das idéias” (...) “somente em clima de livre discussão tem a crítica a possibilidade de atuação, em escala que corresponda a responsabilidade ética de suas funções,

sem cujos exercícios as especulações teóricas e culturais não poderão obter o empenho correspondente ao interesse do povo e ao aperfeiçoamento sua cultura.

O documento devidamente assinado foi encaminhado aos órgãos competentes para análise, bem como a efetivação do mesmo.

APENDICE D - ATIVIDADES CULTURAIS DESENVOLVIDAS PELO MUSEU GUIDO VIARO:

- Exposição temporária: *Uma retrospectiva de Jair Mendes*
- Mostra de vídeos: Ocorreu durante o Festival de Cultura do Paraná em novembro de 2009. Entre as exposições destacam-se: Domingo na Urbe, A vida dos Limões, Bandeira do Divino: fé que move a tradição; Arte Emergencial.
- Três semanas Culturais:

A primeira ocorreu no período entre 05 e 12 de março de 2010 e teve como destaques: Monólogo “Cinetom”, peça baseada na vida do pintor polonês Bruno Lechowski, apresentada pelo ator Paulo Alves; As Palestras “O Cinema Americano Contemporâneo” com o professor Fábio Francener Pinheiro”; “Música e Filosofia, Vislumbrando Potenciais Infinitos” com o músico Andrey Luna Giron; “A cinematografia pictórica, as relações da pintura com o cinema”; o concerto “Da Renascença ao Modernismo” com o Trio Karvansaray; e ainda a exibição do filme “Mistérios”, baseado na obra do escritor Valêncio Xavier.

A segunda semana aconteceu entre 10 e 15 de maio de 2010 com a seguinte programação: Palestras – “Por que a Música Fala – relação do homem com a música”, com Guilherme Romanelli; “Arte e Engajamento na Curitiba dos anos 60”, com Hélio Puglielli de Freitas; “A História da ópera”, com Hélio Germiniani. Exibição do filme “O sal da Terra” e debate com professor Elói Pires Ferreira. Apresentações de Músicas – “Da Renascença ao Modernismo”, com Kervansaray Trio e “Jazz/Arte Sonora”, com o grupo Aftand.

A poesia foi Curitiba foi o que norteou a 3ª semana cultural. Ocorreu entre os dias 02 a 07 de agosto de 2010 e teve na sua programação o lançamento do livro “A floresta Simbólica” do autor Guido Viaro; Apresentações poético musicais “Língua Madura” com Thadeu Wojciechwski, Otávio Camargo e Bárbara Kirchner, “O som de

Brinquedo” com Marcelo Brum-Lemos e ainda o Sarau livre “Embriagante”, com poetas do evento.

- Copa sem Bola: na época da copa do Mundo, com o objetivo de oferecer outra opção para pessoas que não gostam de futebol, o Museu realizou a exibição de filmes raros de grandes cineastas e pouco conhecidos pelo público. “Foi uma oportunidade rara de ver filmes de vários países. Inclusive um filme que é considerado um dos melhores filmes de todos os tempos, brasileiro, que pouca gente viu - O Limite - um filme raríssimo, e que foi oferecida a oportunidade. (GUIDO VIARO, 2010).
- Mostra de Cinema. A mostra que aconteceu entre 01 e 04 de setembro de 2010 apresentou filmes como: Os cavalos de Fogo, A lenda da Fortaleza Suram, O Trovador Kerib e A Cor da Romã.

APÊNDICE E – MODELO DE CONSENTIMENTO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

**UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE - MPSC
LINHA DE PESQUISA – PATRIMÔNIO E MEMÓRIA SOCIAL - IDENTIDADE**

TERMO DE CONSENTIMENTO E RESPONSABILIDADE PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

O Museu Guido Viaro autoriza a realização da pesquisa “MEDIACÃO CULTURAL PARA A PEQUENA INFÂNCIA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA PARA O MUSEU GUIDO VIARO:”, a ser realizada pela Mestranda Solange de Fátima Gabre portadora do RG _____ e CPF _____, aluna do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, sob a orientação da Profª Dra Silvia Sell Duarte Pillotto. A pesquisadora está autorizada a realizar visitas de estudos no Museu se comprometendo a cumprir horários e datas, bem como, fornecerá sempre que necessário informações sobre a pesquisa. Podendo nós como Instituição a qualquer fase de sua pesquisa nos recusar ou retirar o consentimento de vossa pesquisa.

Curitiba, ____ de _____ de 2010.

Nome do representante legal: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE F – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Conforme Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 (Conselho Nacional de Saúde)

Eu, _____,

Aceito livremente participar da pesquisa intitulada: “MEDIACÃO CULTURAL PARA A PEQUENA INFÂNCIA: UM PROJETO EDUCATIVO NO MUSEU GUIDO VIARO” a ser realizada sob responsabilidade da pesquisadora Solange de Fátima Gabre, aluna do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Esta pesquisa tem como objetivo, elaborar uma proposta de mediação cultural que priorize o trabalho compartilhado entre educadores do museu e educadores das instituições que atendem a pequena infância.

Minha contribuição neste estudo se refere a participar em encontros de estudos sobre a mediação cultural para o público da pequena infância, organizados pela pesquisadora.

Estou ciente de que a pesquisadora responsável pelo estudo prestará esclarecimentos sobre todos os procedimentos a serem utilizados e que esta pesquisa não trará nenhum risco à minha integridade física ou moral. As informações obtidas neste estudo serão úteis cientificamente, especialmente para os processos de mediação cultural para o público da pequena infância e poderão ser divulgadas em publicações e congressos. Em qualquer momento do estudo poderei solicitar maiores esclarecimentos sobre o seu desenvolvimento e serei prontamente atendido pela pesquisadora responsável. Minha participação é, portanto, voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem qualquer ônus ou consequência para mim.

Para outras informações, esclarecimentos ou reclamações, entrar em contato com Solange de Fátima Gabre, através do telefone _____ ou pelo e-mail _____.

ATENÇÃO: Sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária, em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para: COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVILLE.
Endereço: Campus Universitário - Bom Retiro – Caixa Postal 246 – CEP 89.201-972 – Joinville - SC.

Data: ____/____/2010.

Participante ou responsável

Pesquisador responsável

APÊNDICE G – MODELO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM**Autorização Para Uso da Imagem**

Eu, _____ abaixo assinado (a), cadastrado (a) sob o número de RG _____, autorizo a utilização da minha imagem em qualquer mídia eletrônica e/ou impressa, para fins relacionados a pesquisa: “MEDIÇÃO CULTURAL PARA A PEQUENA INFÂNCIA: UM PROJETO EDUCATIVO NO MUSEU GUIDO VIARO” realizada sob a responsabilidade da pesquisadora Solange de Fátima Gabre, acadêmica do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Declaro estar ciente de que não há pagamento de cachê.

Telefone(s): _____

E-mail: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE H – CRACHÁS



APÊNDICE I – MATERIAL EDUCATIVO

A PEQUENA INFÂNCIA NO MUSEU GUIDO VIARO



Material Educativo
para o professor

A opção de utilizar os museus como lugares propiciadores de aprendizagens significativas implica, assim, por parte dos educadores, a construção de estratégias para uma exploração estruturada capaz de conduzir ao desenvolvimento de competências exploratórias efectivas que confirmam uma razão e um sentido ao que se vê e se experimenta.

Silva

SUMÁRIO

1 Sobre o Material Educativo

2 Guido Viaro – o artista educador

2.1 O artista e sua relação com o ensino da Arte para crianças

3 Viaro – tempo e espaços

4 Museu Guido Viaro

5 Quem é a pequena infância hoje?

5.1 Um pouco sobre a arte/educação na pequena infância

5.2 A arte/educação na relação entre espaços formais e não formais

5.3 Mediação Cultural – pensando a pequena infância

6 Preparando a visita de crianças ao Museu

6.1 A obra de Guido - pensando em aprendizagens

7 Para além... Sugestões de leituras e pesquisas

Referências

Anexos

1 Sobre o material educativo

Este material educativo tem como objetivo auxiliar professores da pequena infância na preparação de visitas das crianças ao Museu Guido Viaro, bem como na articulação curricular após as visitas, ou seja, na continuação das ações pedagógicas no espaço dos CMEIs. É direcionado, principalmente, àqueles professores que desenvolvem trabalhos em arte. No entanto, pode ser utilizado em diferentes contextos, idades e ambientes de aprendizagem que, de alguma forma, dialoguem com a obra do artista Guido Viaro.

O material é estruturado de modo a compor:

- Informações sobre o artista e seu trabalho como professor.
- Informações sobre o Museu.
- Uma linha do tempo sobre Guido Viaro
- Textos sobre a pequena infância e a arte/educação.
- Sugestões de propostas de trabalho a serem realizadas no CMEI, antes, durante e depois da visita ao Museu.
- Uma imagem colorida da obra “Menino da Abóbora”.
- Uma imagem colorida do Museu.
- Seis Kits do jogo: Memória dos retratos.
- Indicação de leitura complementar e de sites para pesquisa.
- 1 CD contendo o material educativo, as imagens e o jogo para impressão.

A partir da imagem “Menino da Abóbora”, elaboramos sugestões de propostas de trabalho que podem ser desenvolvidas nos Centros Municipais de Educação de Curitiba – CMEIs. Salientamos, porém, que as propostas são apenas idéias que podem ser ampliadas de acordo com o contexto e a realidade de cada unidade.

Desejamos que esse material seja um referencial para os professores da pequena infância, no desenvolvimento de um trabalho em Arte, considerando o Museu como uma possibilidade para que as crianças tenham a oportunidade de realizar muitas experiências prazerosas dentro e fora dele.

2 Guido Viaro – o artista educador

*Eu não sou um pintor nato,
mas um artista em caminho.
Viaro*

Italiano nascido na pequena cidade de Badia Polesina, no ano de 1897, **Guido Pelegrino Viaro** foi uma criança apaixonada por banhos de rio, passeios de bicicleta e, principalmente, pelo desenho.

Guido tinha o desejo de se tornar um **artista** e para isso muito se dedicou. Com apenas dez anos de idade, frequentava aulas de desenho, no período da noite, tendo seu tio Antônio, pintor e professor de desenho, como orientador e incentivador.

Ainda muito jovem realizou viagens pela Itália onde conheceu vários artistas, frequentou ateliês e participou de exposições. Passou um período em Paris que foi de muita dificuldade e decidiu, então, seguir viagem rumo ao Brasil.

Desembarcou do navio em 1927 na cidade do Rio de Janeiro. Nesse momento seus olhos se encheram de encantamento com as cores, com o povo, com a luminosidade. Porém, logo se transferiu para a cidade de São Paulo onde atuou como ilustrador e também em outras tarefas como pintura de paredes, murais e serviços gráficos. Realizou ali sua primeira exposição no Brasil.

Após dois anos de estada em São Paulo, veio para Curitiba, porém com a intenção de apenas conhecer e representar a cidade em suas pinturas e seguir viagem, mas ao conhecer a jovem Yolanda, em 1932, desistiu da idéia. Fixou residência em Curitiba, uma residência ateliê, onde realizava suas pinturas. Casou-se com Yolanda em 1935 com quem teve um único filho, Constantino Viaro, após dois anos de união.



Guido Viaro, Iolanda e Constantino. Fonte: Viaro. Catálogo de exposição, 1977.

Guido Viaro teve uma vida artística intensa, dedicou-se principalmente à **pintura**, participou de várias exposições e foi bastante premiado.

Nas suas pinturas, representou paisagens, cenas de gênero, retratos, natureza morta e em todas elas sua principal temática era a vida.

Aprecie algumas de suas pinturas:



Paisagem, óleo s/tela, 1948



Violeiro, óleo s/tela 1945

Além da pintura dedicou-se também ao desenho, à escultura e à gravura. Quanto à gravura, deixou um acervo riquíssimo de obras com as mais variadas temáticas, entre elas: feira, circo, festas, transportes, família, maternidade, religião, animais, entre outras.

Viver de arte naquela época talvez não fosse diferente dos dias atuais, portanto Guido se dedicou também ao ofício de **professor**, atuando principalmente no ensino de desenho e da pintura.

2.1 O artista e sua relação com o ensino da Arte para crianças

Guido iniciou suas atividades docentes ministrando aulas de desenho em escolas particulares da cidade. Entre elas, destacam-se o Colégio Iguaçu, onde lecionou de 1931 a 1944, o Colégio Belmiro César, onde permaneceu por mais de vinte anos. Foi nessa instituição que, no ano de 1937, deu início a sua escolinha de arte, “ [...] onde se cerca de crianças e começa a descobrir e a ensinar aos educadores que arte era o grande caminho da criatividade para as crianças.” (BRANDÃO, 1981)

Como professor, foi o responsável pelo início de uma metodologia de ensino que valorizava a expressão pessoal, fugindo das regras da academia, o que o levou a criar sua própria escola de desenho e pintura no ano de 1939.

Conciliando as aulas na sua escola, Guido atuou ainda na Escola Profissional República Argentina como docente em pintura e desenho, contratado do Governo, permanecendo ali até 1948, ano em que participou da fundação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP.



Fachada da EMBAP. Fonte: Catalogo de Exposição Viaro – o talento do Mestre.

Na EMBAP foi professor de Composição Decorativa e também ministrou aulas no Curso Livre de Pintura, quando transferiu sua escola particular para lá, assim, em meios às aulas e orientações aos alunos, Guido algumas vezes servia de modelo e, em muitas outras, produzia sua arte.

Foi nesse período que Viaro inicia sua experiência no **ensino da arte para crianças** e com professores, ali mesmo, no sótão da EMBAP.



Guido ministrando aula. Fonte: <<http://www.museuguidoviaro.org>>

Envolvido por um projeto educativo no qual pudesse atender as crianças de escolas públicas, particulares e também professores, Viaro idealizou a criação de uma escola.

Nesse contexto, no ano de 1953, em decorrência dos preparativos para as comemorações do centenário de Emancipação Política do Paraná³⁸, ao ser consultada pelo então governador sobre o que poderia fazer para tais comemorações, a professora Eny Caldeira³⁹ sugeriu uma grande **exposição de desenhos de crianças**. A proposta foi aceita e Guido Viaro foi convidado a coordenar o trabalho.

Numa parceria entre a EMBAP e a Secretaria de Educação e Cultura, organizou-se um concurso nas escolas primárias e secundárias do Paraná, que consistiu em um teste de desenho para as crianças, aplicado por Guido Viaro e professores auxiliares.

Foram selecionados cerca de 1000 trabalhos que atendiam aos critérios de “[...] liberdade nos temas e certa espontaneidade expressionista no tratamento das imagens.” (OSINSKI, 2008, p.194).

Como premiação, as crianças receberam bolsas de estudo para o curso ministrado por Viaro no sótão da EMBAP, onde já realizava atividades com crianças.

A exposição ocorreu “[...] num barracão construído especificamente para aquele fim. A inauguração configurou-se numa grande festa, congregando convidados em geral, as crianças e seus pais.” (OSINSKI, 2008, p.194).

Naquele momento estabeleceu-se uma forte parceria entre Guido Viaro e Eny Caldeira e com a concretização da exposição da arte infantil tornou-se visível o trabalho realizado com as crianças, o que possibilitou a concretização do sonho do artista, a criação do Centro Juvenil de Artes Plásticas – CJAP, ligado ao departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Paraná.

³⁸ O Centenário de emancipação política do Paraná envolveu uma série de ações para a modernização do Estado do Paraná pelo então governador Bento Munhoz da Rocha Neto. Entre elas destacou-se a Construção do Centro Cívico, construção do Teatro Guaíra, da Biblioteca Pública, Praça e Monumento do Centenário entre outras.

³⁹ Professora, então diretora do Instituto de Educação do Paraná, com forte interesse nas artes plásticas, vislumbrava um projeto onde pudesse contemplar a arte com a formação docente.

O CJAP funcionou no sótão da EMBAP, “em caráter experimental (...), por meio do decreto nº 9.628”, e no subsolo da biblioteca pública do Paraná, onde inicialmente eram ministradas aulas de pintura e cerâmica e, mais tarde, foram incorporadas na programação, aulas de xilogravura, desenho, gravura, tecelagem entre outras.

Somente dois anos mais tarde, em 1956, é que ocorreu a sua oficialização, através do decreto nº 6.177, passando a funcionar em uma sede própria na Rua Mateus Leme, nº 56,,onde está até os dias atuais.



Centro Juvenil de Artes Plásticas na atualidade.
Fonte: <[http://: www.cjap.seec.pr.gov.br](http://www.cjap.seec.pr.gov.br).

Tomando como princípio o desenvolvimento estético e o senso artístico desde as crianças bem pequenas, o trabalho realizado no CJAP valorizava o fazer artístico e a expressão individual como uma atividade desenvolvida fora do período escolar.

A criança tinha a oportunidade de ampliar seus saberes sobre Arte a começar pelo ambiente físico, que acolhia reproduções de obras de arte contemporânea misturadas aos próprios trabalhos das crianças e ainda o fato de que o próprio Guido Viaro produzia a sua Arte no espaço, oportunizando às crianças observá-lo em seu processo artístico.

Ao deixar a direção do CJAP, Guido dedicou-se ao ensino da arte em seu ateliê. Durante todo o período de atuação como professor, foi responsável pela formação de vários artistas, como Carlos Eduardo Zimmermann, Domício Pedrozo, Eliane Prolik, Francisco Faria, Jair Mendes, Lina Iara Oto, Pedro Inocente, Suzana Lobo, entre outros.

Guido faleceu no ano de 1971, no seu ateliê, enquanto esperava alunos para mais uma aula de pintura.

3 Museu Guido Viaro

[...] o museu de arte hoje é, simultaneamente, uma tradição,
um espetáculo, um lugar político,
uma promoção social,
uma arena para processos de ação sócio-cultural,
uma especulação, uma corporação,
uma experiência, bem como alegoria ou metáfora
para a explanação, criação e
manutenção de outras dimensões
de conhecimento.
O museu se configura assim
como complexidade,
grandeza modelada
por múltiplas dimensões.
Grosman

Após um longo período de quinze anos longe dos olhares do público, as obras do artista Guido Viaro retornam ao cenário da arte curitibana.



Fachada do Museu Guido Viaro. Fonte: www.museuguidoviaro.org

Um prédio histórico de 1929, localizado na Rua XV de Novembro é o espaço que guarda a obra do artista. Devidamente reformado e adaptado para ser um Museu, foi inaugurado em 10 de novembro de 2009.

O Museu conta com um espaço interno que contempla duas grandes salas expositivas e um auditório com capacidade para quarenta pessoas com equipamento para projeção de filmes.



Sala expositiva 1º piso. Fonte: <[http:// www.museuguidoviaro.org](http://www.museuguidoviaro.org)>



Sala expositiva 2º piso. Fonte: <<http://www.museuguidoviaro.org>>



Auditório. 1º piso. Fonte: Própria

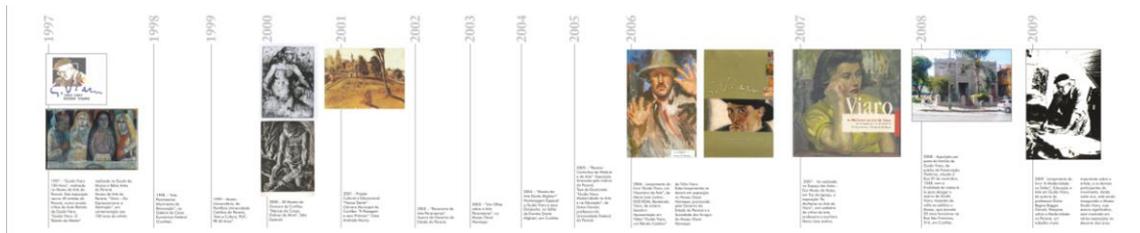
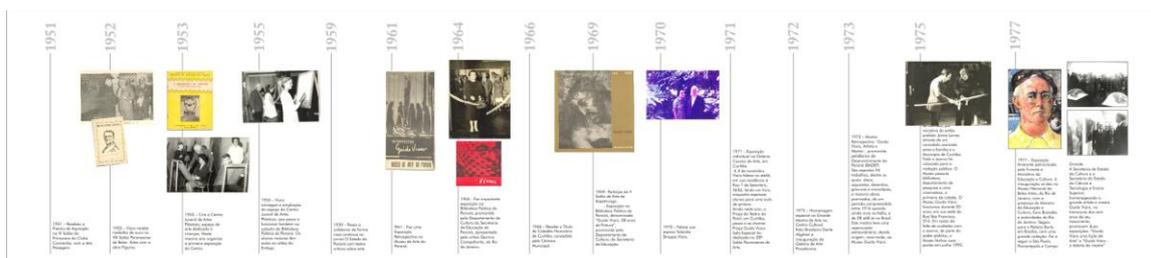
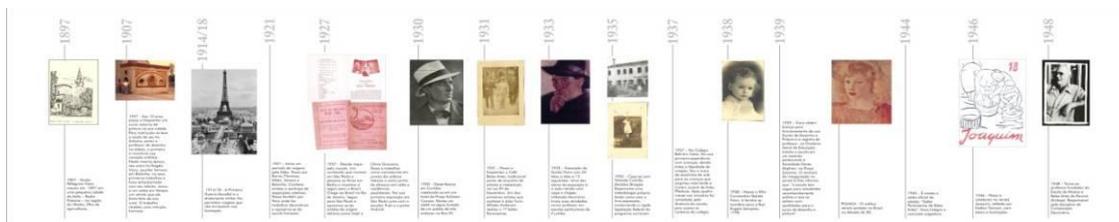
O Acervo é formado por aproximadamente 250 óleos, 700 desenhos, mais de 100 gravuras. Com a curadoria de Constantino Viaro, as obras expostas no Museu foram divididas em fases. As obras que não estão expostas, 1.600 trabalhos do artista, podem ser vistas pelo público através de um DVD que é exibido permanentemente.

Possui um quadro de três profissionais: Guido Viaro, neto do artista, é o Diretor do Museu e mais duas funcionárias responsáveis pelos assuntos administrativos e pela mediação cultural.

Com um pouco mais de um ano aberto ao público, o Museu é hoje um espaço onde muitas experiências com arte e cultura e educação se efetivam.

4 Viaro – tempo e espaço

Viaro - tempo e espaço, se refere à apresentação da biografia do artista, através de uma linha do tempo⁴⁰. O intuito é o de auxiliar o (a) professor (a) quanto aos principais fatos da vida e obra de Guido Viaro, bem como acontecimentos posteriores a sua morte.⁴¹



⁴⁰ Disponível em www.museuguidoviaro.org.

⁴¹ Essa linha do tempo será um encarte anexado a essa página.

5 Quem é a pequena infância hoje?

Crianças são sujeitos sociais e históricos,
 marcados pelas contradições
 das sociedades em que estão inseridas.
 A criança não se resume
 a ser alguém que não é, mas que se tornará
 (adulto, no dia em que deixar de ser criança).
 Kramer

A pequena infância, segundo Plaisance (2004), compreende as crianças em idade que precedem a escolarização obrigatória, ou seja, hoje está entre a faixa etária que vai de zero aos cinco anos de idade.

As crianças dessa idade ganham hoje um olhar de destaque, o que contribui para o entendimento das **culturas de infância** que, de acordo com Sarmento (2004, p. 18),

[...] exprimem a cultura societal em que se inserem, mas fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo.

Assim, entendemos ser imprescindível a reflexão sobre as particularidades da pequena infância que a distinguem dos adultos. Sarmento (2004) nos auxilia nesse processo quando aborda os quatro eixos estruturantes da infância: interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração.

A **interatividade** da criança é vivida nas relações que estabelece com seus pares, na escola, na família, nas suas atividades sociais. Sarmento (2004, p.23) afirma que

[...] O mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai aprendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social.

Nas interações da criança com seus pares e com os adultos é que ela entra em contato com os saberes do mundo e, num processo constante de vivências, vai construindo identidades.

O eixo principal das culturas da infância é a **ludicidade**, “[...] sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério [...] é a condição da aprendizagem e desde logo, da aprendizagem da sociabilidade.” (SARMENTO, 2004, p. 25 e 26). É

na brincadeira que a criança vive suas experiências de construção e desconstrução de mundos.

A **fantasia do real** é outro eixo importante das culturas infantis; no faz-de-conta o imaginário e o real estão muito próximos e é o que constitui a base do mundo infantil. É por essa via que a criança atribui significado às coisas.

Por fim, na **reiteração** a criança inventa novas possibilidades de construção do seu mundo, incorporando e reincorporando situações num processo contínuo, pois, sempre que necessário, inventa e recria tudo outra vez.

Aos profissionais que trabalham com as crianças da pequena infância, é preciso o entendimento de que toda e qualquer ação permeia o lúdico. É por esse caminho que tanto as práticas nas instituições formais de atendimento à infância, quanto as práticas desenvolvidas nos espaços não formais, a exemplo dos museus, precisam ser pensadas.

5.1 Um pouco sobre a arte/educação na pequena infância

Falar de arte/educação hoje é assumir uma postura contemporânea na qual a idéia fundamenta-se na busca do caminho da não linearidade:

[...] os olhares daquele que ensina e daquele que aprende não estão condenados a uma linearidade estanque. [...]. Nesse movimento não há lugar para verdades absolutas, nem para a separação entre as questões relacionadas à arte e ao contexto histórico-cultural. (PILLOTTO, 2008, p.36)

Ressalta-se aí uma relação que põe em igualdade os sujeitos envolvidos no processo de ensinar e aprender Arte. O contexto cultural considera o **diálogo e a aprendizagem narrativa**⁴² e são os fios condutores de um trabalho compartilhado. Nesse caminhar, Pillotto (2008, p. 38) enfatiza a importância de compreender como as crianças aprendem e como nós “professores ensinamos Arte no contexto dos **espaços formais e não formais da educação**, ou seja, não só ensinamos, mas, aprendemos com o outro e no outro.”

⁴² Aprendizagem Narrativa é entendida pela abordagem de Goodson (2007, p. 248) “um tipo de aprendizagem que se desenvolve na elaboração e na manutenção continuada de uma narrativa de vida ou de identidade.”

Assim é preciso uma concepção de Arte que possa:

[...] recuperar a função da arte como meio de expressão pessoal, a partir de uma perspectiva cognitiva integradora dos paradigmas empírico, teórico e interpretativo, capaz de superar os limites de espaço e de tempo que nos são impostos e que tem como centro diretriz a pessoa – suas necessidades, sua realidade social e seu contexto. (MIR, 2009, p.100)

Nessa perspectiva de arte/educação à pequena infância, o olhar de quem ensina depende da sua **concepção** sobre a **criança** e **aprendizagem**. Esse é um dos desafios educativos da atualidade, pois, pensar numa arte/educação que contribua na **construção de sujeitos** é:

[...]sobretudo, reconhecer a importância da experiência criadora para seu desenvolvimento biopsicossocial. O brincar e o jogo encontram continuidade nas artes para redefinir criadoramente o sentido da experiência de ser humano. Manifestar-se por meio da expressão artística significa para a criança o prazer e o aprender sobre as suas capacidades de criar, de produzir e de materializar suas vontades. Ajuda a compreender a si mesma, aos outros, às obras sociais e a própria pedagogia como parte de um ritmo constante em suas construções cognitivas e sensíveis. (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 16, 17)

Meira e Pillotto (2010) trazem também a questão do **lúdico** no contexto da educação infantil como algo fundamental para tratar da **imaginação**, da **fantasia**, elementos que são estruturantes da cultura da infância, já salientadas por Sarmiento. Nas palavras das autoras (2008, p. 44)

[...] compreendemos a atividade pedagógica nas linguagens da arte articuladas ao lúdico, ao jogo e ao brincar, pois possibilitam às crianças a construção do conhecimento no aspecto cognitivo e sensível, essencial ao desenvolvimento humano.

Nessa direção, pensar a Arte para a pequena infância é compreendê-la como uma linguagem e, como tal, é “expressão, comunicação e produção de sentidos, trata da percepção, da emoção, da imaginação, da intuição, da criação, elementos fundamentais para a construção humana.”. (PILLOTTO, 2007, p.19)

5.2 Arte/Educação na relação entre espaços formais e não-formais

As aprendizagens da arte, para/com a pequena infância podem ser desenvolvidas tanto no espaço formal de ensino, quanto nos espaços não formais, como é o caso do Museu, em particular.

O Museu de Arte, como um espaço de educação não formal, contribui na construção de conhecimentos sensíveis ao “potencializar a construção de múltiplas leituras que permitam o alargamento dos conhecimentos iniciais de cada sujeito, criando desafios cognitivos [...]” (SILVA, 2009, p. 125).

O contato da criança com a arte exposta no museu possibilita assim, a ampliação do seu olhar, na medida em que se aproxima do objeto artístico de forma direta. Nesse contato, além do olhar, outros sentidos como a audição, o olfato e o tato são, também, ativados.

Portanto, ao abordar a dimensão educativa dos museus é importante ressaltar que “[...] não se esvazie nas visitas guiadas, um dos papéis sociais do museu, que seria o de apresentar objetos de cultura de forma crítica, estimulando o diálogo destes com o público.” (LEITE, 2005, p. 44). Desse modo, é imprescindível ao museu o conhecimento desse público para definir estratégias de ação consistentes.

Assim, ao tratar de crianças no museu é muito importante destacar que nós profissionais (professores e mediadores), “[...] deveríamos estar mais atentos ao não fechamento em torno de sentimentos e evocações **imagéticas**, [...] não deveríamos nos supor no direito de conduzir seu olhar de forma tão diretiva e monóloga.” (LEITE, 2005, p.44). Pois, os processos gerados pela leitura de imagens no espaço do Museu envolvem “... a percepção dos sentidos que o objeto, o espaço e as sensações podem oferecer, em situações lúdicas, que desafiem a curiosidade infantil” (LEITE e GABRE, 2010, p.13). Nesse sentido, ler imagens, “... significa atribuir significados, estabelecer conexões entre nossa bagagem cultural e os elementos trazidos pela linguagem que apresenta a imagem”. (MARTINS, 2005, p. 127)

Assim sendo, pensar a arte/educação para a pequena infância, na relação estabelecida entre espaço formal e espaço não formal:

[...] é uma tarefa complexa, exigindo muito conhecimento, interesse, empenho e desejo de buscar outros caminhos na construção de

aprendizagens para as crianças e com elas. No entanto, à medida que ações de parceria entre educação infantil e museus vão sendo desenvolvidas, as dificuldades e desafios vão se transformando em possibilidades reais de trabalho, indo além dos muros escolares.. (GABRE, 2009, p.121)

Desse modo, estabelecer uma relação profícua entre escola e Museu é abrir caminhos para a diversidade de experiências, a pluralidade de leituras, a subjetividade e a ludicidade, num movimento de constante busca e aprendizado em Arte.

5.3 Mediação Cultural – pensando a pequena infância

Hoje as ações de mediação cultural destacam-se como um dos vários desafios que os museus enfrentam, principalmente no que se refere ao público infantil.

A mediação cultural pressupõe uma postura diferenciada no encontro entre arte e fruidor, no qual são muitos os mediadores, mas é ainda, “(...) o educador, o profissional que compete fazer a mediação entre o conhecimento, o objeto do conhecimento, a instituição, os sujeitos da aprendizagem...” (ALENCAR, 2008, p.74).

Costa (2005) evidencia a necessidade de abrir diálogos, ao afirmar que o mais importante no contato com os objetos dentro do museu:

[...] é despertar reflexões sobre o que está sendo visto/lido. Ao questionar uma criança, ou ao permitir que ela questione, o desafio cognitivo está lançado e ela se mobiliza para responder a questão, com as ferramentas e os conhecimentos prévios disponíveis naquele momento. As suas hipóteses são muito importantes, pois são rastros evidenciados do seu processo cognitivo. (COSTA, 2005, p.38)

A partir dessas reflexões é preciso pensar os caminhos da mediação cultural, mas não caminhos que se apresentam como uma metodologia cristalizada. Mas, questionar: onde começa a mediação? Existe uma linha norteadora? Essas questões são muito relevantes e alguns autores sinalizam algumas possibilidades que podem se transformar em percursos muito significativos.

Martins (2005, p. 12) fala da visitação a museus como uma viagem: “Visitar um museu ou espaço cultural pode ter o mesmo sabor de uma viagem a um novo

território. Mesmo para quem já o conhece, penetrar em suas obras e histórias cria a oportunidade de novos encontros estéticos [...].”

No entanto, os mediadores do museu precisam de preparação para receber o público. Essa preparação exige o conhecimento que envolve teoria e prática, ou seja, além da bagagem teórica sobre a infância é necessário que o mediador conheça a realidade das crianças em seu contexto diário, nas unidades de ensino. Nesse sentido seria interessante visitar alguns CMEIs, por exemplo.

Quando as crianças chegam ao museu, o primeiro momento vivido é o acolhimento:

O cuidado maior no acolhimento é estabelecer conexões e vínculos entre o repertório pessoal e cultural de cada visitante, a linguagem da arte, as obras que serão vistas, as instituições culturais e a vida cotidiana, entre outros para que seja realmente um desafio estético planejado e para que seja possível a experiência se tornar estética. (MARTINS, 2005, p.124)

Se a visita foi planejada e ainda compartilhada entre professores das escolas e mediadores do museu, o momento da acolhida será efetivado de modo que as crianças sejam de fato desafiadas à experiência estética.

Ao salientar a importância dos elos e das associações que as crianças podem fazer a partir das suas experiências estéticas com representações culturais de outros tempos-espacos e com pessoas de outras gerações, enfatizando a responsabilidade do adulto como mediador da criança, questionamos: O que pensam sobre o museu os educadores que se propõem a visitá-lo com suas turmas? Que experiências tiveram esses profissionais, enquanto crianças, e na sua formação, nos espaços museológicos?

Por outro lado, há outro aspecto bastante relevante: Qual é a concepção de infância que alicerça as práticas dos museus? O que sabem sobre a pequena infância os seus mediadores?

Assim entendemos que a mediação cultural pensada na direção da pequena infância precisa ser compartilhada entre seus agentes.

6 Preparando a visita das crianças ao Museu

Nesse momento salientamos a importância do planejamento que envolve o antes, o durante e o depois da visita ao Museu Guido Viaro.

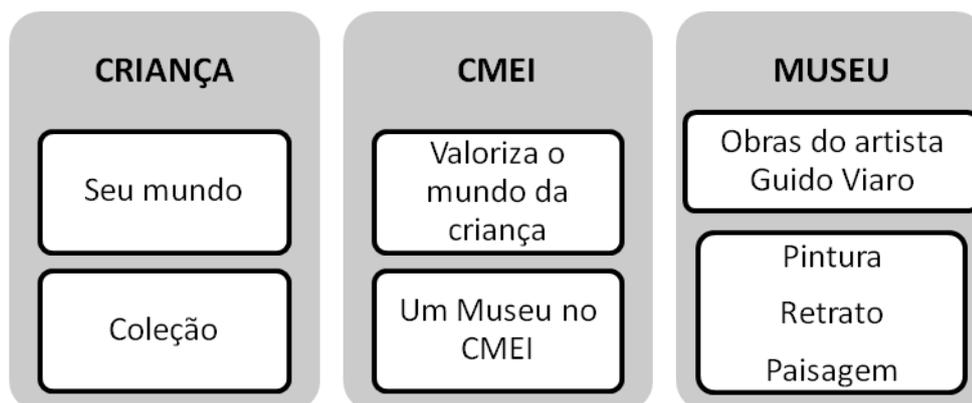
A preparação da visita ao museu começa muito antes daquele dia agendado no Museu. Esse trabalho começa no próprio CMEI.

Nessa perspectiva, ao se propor a visita das crianças ao Museu Guido Viaro, são necessárias algumas escolhas e isso exige um olhar atento do professor na seleção que fará, pois, como enfatizam Picosque e Martins (2003, p. 8)

Seleção é dizer sim e não, sempre é ênfase e exclusão. Combinação é recorte. Todo recorte é comprometido com um ponto de vista que se elege, exercendo a força de uma idéia, de um conteúdo que é desejo explorar ou de uma temática possível de desencadear um trabalho junto aos alunos.

Nesse sentido, questionamos: O que é importante que as crianças saibam sobre a obra de Guido Viaro? Que conteúdo da arte se trabalhará? Como abordar o Museu de maneira lúdica e significativa? Que contribuições a visita ao Museu pode trazer? E depois da visita, como continuar o trabalho?

Com o intuito de auxiliar nesse processo criança - CMEI - Museu - criança - sugerimos algumas estratégias de ação a partir do seguinte perspectiva:



Acreditamos que iniciar o trabalho a partir do contexto da criança, seja a porta de entrada para o desenvolvimento desse trabalho, pois, é por meio dos seus saberes que a aprendizagem se ampliará gradativamente num fazer lúdico:

Minha coleção

Entrar no mundo da **fantasia** da criança, a partir de uma história, pode ser um caminho muito interessante. A sugestão é que você professor, que conhece bem o contexto das crianças da sua turma, crie uma história⁴³ na qual um personagem gosta de **brincar** de **coleccionar** algo. Então o trabalho se inicia. Após a história pode-se promover um **diálogo** para que as crianças contem se também coleccionam algo. Se coleccionarem, onde guardam? Como cuidam da coleção? Quem pode ver a coleção?

Nesse trabalho inicial com as crianças, Martins (2008, p. 58 e 59) destaca:

As perguntas iniciais lançadas em relação as nossas próprias coleções e aos modos de expô-las, nos convocam a olhar a instituição cultural por outro ângulo. Esse já é um modo de preparar a visita. [...] o relato sobre como iniciaram as coleções, sobre os critérios e desejos que fizeram surgir, sobre como expõe e as guardam, abre espaço para novas problematizações em relação à museologia, a curadoria, à preservação do patrimônio cultural.

Propor às crianças que tragam as suas coleções para que todos conheçam e se você professor também já fez ou ainda faz coleção, compartilhe com as crianças!

Aprendizagens construídas:

- A história das coleções.
- O lugar onde se guardam as coleções.
- Que tipo de coleções existem.

Um Museu no CMEI

A partir das coleções das crianças, propor um trabalho coletivo para a organização de uma grande **exposição** e num **faz de conta** que o CMEI é um **Museu**, brincar de visitá-lo. Questioná-las: O que precisamos para começar a brincadeira? Como será nosso Museu? Nesse momento, trabalhar com as crianças a organização do espaço, a montagem das exposições pelas próprias crianças, a seleção do que querem expor e por que, a delimitação do espaço entre as produções e o acesso do público, a “construção” de um ônibus com as próprias cadeirinhas da sala, que os

⁴³ Outra sugestão é a leitura da história: VIANA, Vivina de Assis. **O rei dos cacós**. São Paulo: Brasiliense. 2009.

levará até o Museu, combinar quem será o motorista, os visitantes, a professora entre outras funções que forem necessárias. Sugerimos que o papel de mediador seja assumido por você professor. É importante, também, escolher um nome para o Museu. Depois de tudo organizado, a brincadeira começa já no momento de saída do CMEI com o ônibus e só termina depois que as crianças chegam novamente ao CMEI.

Encerrada a brincadeira, propor às crianças irem a um Museu de verdade. Você professor se compromete a pesquisar um Museu que receba a turma.

Aprendizagens construídas:

- O que é um Museu.
- Como as coleções são organizadas e expostas no Museu.
- Como agir num Museu durante a visita.

O Museu Guido Viaro

Numa roda de conversa, você professor pode levar, como disparador, a imagem do Museu Guido Viaro (anexo 1) e expô-la no centro da roda para que o diálogo aconteça: Quem sabe que lugar é esse? Alguém já foi lá? Onde fica? O que ele guarda? Quem pode ir lá? E assim as vozes compartilhadas entre as crianças e mediadas por você professor(a) vão se construindo na direção desejada.

Nesse momento é importante falar um pouco do **artista**, que tipo de obra ele fazia, sobre a atuação de Guido como professor de crianças e de adultos, falar do espaço do Museu e assim por diante. Para finalizar a conversa, propor às crianças uma **visita** ao Museu Guido Viaro. Combinar o dia (você, professor, já sabe qual será), e marcar no calendário da sala, como um compromisso da turma. Se na sua unidade for possível acessar o site do Museu, as crianças podem conhecer algumas obras do artista, virtualmente, é só acessar o site: www.museuguidoviaro.org.

Aprendizagens construídas:

- Quem é o artista Guido Viaro.
- Como é o Museu Guido Viaro.
- Que tipo de coleção o Museu Guido Viaro guarda.

6.1 As obras de Guido – pensando em aprendizagens

Para conhecer algumas das pinturas de Guido, antes de visitar o Museu, sugerimos o desenvolvimento do encaminhamento: **Pinceladas que viram retratos**, a partir da imagem “Menino da Abóbora” (anexo 2), bem como, a aplicação do jogo que acompanha o material.

Pinceladas que viram retratos...



“Menino da Abóbora”, 1947. Óleo sobre Tela. Coleção Constantino Viaro

Um pouquinho da obra, pelo olhar do menino...

A obra “Menino da Abóbora”, realizada no ano de 1947, tempo difícil para o artista Guido Viaro que se dedicava intensamente ao seu trabalho como professor e lhe sobrava somente o período da noite para se dedicar a sua pintura. Nesse contexto, as pessoas que serviam de modelo para os seus retratos eram, na maioria das vezes, da sua própria família. “Menino da Abóbora” retrata Constantino Viaro, filho do artista, com nove anos de idade.

Constantino revela que essa obra foi realizada em dois momentos distintos. Em uma noite Guido pintou o filho com a abóbora, que aliás foi colhida no quintal de um terreno que ficava próximo à casa do artista. Foi escolhida para fazer parte da obra por ser muito grande. Num segundo momento Guido pintou o fundo da obra, uma paisagem da vista de uma das janelas da sua casa, que se localizava no final da Rua Sete de Setembro e que, naquela época, ainda era campo. Constantino comenta que naquele tempo ele não tinha a noção da sua atuação como modelo para os retratos de Guido, simplesmente ficava ali a pedido do pai e pronto.

Diferentes olhares...

Sugerimos a você, professor, que coloque a imagem num local onde todas as crianças consigam enxergá-la. A partir de então deixá-las observar por um tempo e, na sequência, iniciar um diálogo:

- O que você vê na imagem?
- Quem você acha que é o menino do **retrato**?
- Ele está feliz ou triste? Por quê?
- O que é isso ao lado dele?
- Em que lugar esta o Menino?

- Você acha que faz muito tempo que Guido **pintou** esse retrato?
- Quais são as **cores** que Guido utilizou nesse **retrato**?
- Quem já foi retratado?
- Foi assim como o Guido fez. Uma pintura?
- Como são feitos os retratos hoje?

É importante lembrar que, na leitura da imagem, não existe uma verdade absoluta, a criança é dona da sua interpretação, portanto, por meio das perguntas lançadas por você, professor, a criança vai desenvolvendo a autonomia do olhar. É importante lembrar que, com as crianças pequenas, as metodologias de leitura de imagem, que seguem uma ordem sequencial, não se aplicam, pois, a relação se estabelece pelo imaginário infantil. Ao observarem a imagem, uma história logo surge. Muitas vezes essa história é associada a um elemento da composição que traz alguma lembrança ou algo familiar para a criança. Parsons acredita que as crianças pequenas apresentam um gosto intuitivo pela maioria dos quadros e ainda:

[...] uma forte atração pela cor, e uma reação ao tema do quadro consistindo numa série de associações livres. As crianças pequenas raramente encontram defeitos nos quadros, seja qual for seu tema ou seu estilo. Adoram a cor, quanto mais, melhor. (...) Do ponto de vista estético, ao quadros constituem um estímulo para uma experiência agradável. (...) Gostar de um quadro é o mesmo que julgá-lo, e é difícil imaginar um quadro mau... (PARSONS, 1992, p.39)

Nessa perspectiva você, professor, tem o papel de alimentar o imaginário infantil, para que muitas leituras aconteçam a partir da obra “Menino da Abóbora”, pois o importante é contribuir na ampliação dos conhecimentos que a criança já possui.

Um pouco de prática:

Propor às crianças o seguinte desafio:

Se fosse você que estivesse no lugar do menino, como gostaria de ser retratado? O que colocaria ao seu lado? Uma abóbora? Outra coisa? Que lugar escolheria?

Como tarefa, as crianças precisam encontrar um objeto, um brinquedo, ou outro elemento que gostariam que estivesse ao seu lado no retrato, bem como, um

espaço, um lugar que acreditem ser interessante.

Em duplas, as crianças brincam de se retratar por meio da **pintura**. Uma criança será o artista e a outra será o modelo.

Antes, porém, é importante que se caracterizem como desejarem. Uma caixa de acessórios pode ser utilizada.

Se as crianças nunca realizaram experiências com pincel e tinta, é importante um momento só de experimentação do material para depois realizar a proposta.

Terminados os retratos, organizar uma roda de leitura a partir dos trabalhos das crianças.

Pode se organizar uma exposição dos retratos na sala de atividades.

Outras práticas:

- Propor às crianças que tragam um retrato seu e brinquem de adivinhar quem é o seu dono. Organizar um painel para a apreciação, essa é outra forma de leitura de imagem.
- Organizar uma exposição dos retratos das crianças e retratos de artistas, a partir do acervo de imagens do CMEI.
- Realizar a brincadeira dos retratos com a câmera fotográfica.
- Realizar retratos a partir de uma interferência. Exemplo: Pesquisar e recortar somente cabelos de pessoas e aí propor: Como é o rosto do dono desse cabelo? As crianças podem pintar ou desenhar.

Brincar e descobrir retratos...

Esse momento é destinado à aplicação do jogo: Memória dos retratos (anexo 3), elaborados a partir de 8 retratos feitos pelo artista. É importante que as crianças brinquem em pequenos grupos.

No Museu Guido Viaro

Chegou o momento de conhecer o Museu. É importante relembrar todos combinados e então seguir viagem.

Quais são mesmo os combinados?

No final da visita as crianças receberão uma tarefa para desenvolverem no CMEI. (anexo 4)

O trabalho que continua no CMEI...

Após a visita é imprescindível sentar com as crianças e **dialogar** sobre o momento vivido. É importante registrar as suas falas como memórias da visita. Outra sugestão para esse momento de diálogo é a apreciação das fotografias realizadas durante a visita, pois elas podem auxiliar na reativação das lembranças.

Após a conversa e apreciação, as crianças podem realizar o trabalho prático que veio como tarefa.

Memórias da visita... Eu fui ao Museu!

Pode se organizar uma exposição com as fotografias realizadas em todas as etapas do trabalho, articuladas com as falas das crianças, juntamente com os trabalhos realizados.

Além de Guido... Crianças expõem no Museu!

Como uma espécie de continuidade do trabalho, propomos que a turma escolha um trabalho, daqueles da tarefa, e enviem ao Museu. Será organizada uma exposição dos trabalhos das crianças que visitaram o Museu e ficará aberta ao público, inclusive é uma excelente oportunidade para os pais das crianças visitarem o Museu.

7 Para além... Sugestões de leituras e pesquisas

Aqui estão algumas sugestões de fontes de estudo e pesquisas para ampliar os conhecimentos das crianças e dos professores(as) sobre Arte.

Livros

HOLM, Anna Marie. **Fazer e pensar arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.

HOLM, Anna Marie. **Baby- Art** – os primeiros passos com a arte. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

Literatura

Coleção Minhas Primeiras Descobertas da Arte

DELAFOSSÉ, C. e JEUNESSE, G. **As paisagens**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

DELAFOSSÉ, C. e JEUNESSE, G. **Os animais**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

DELAFOSSÉ, C. e JEUNESSE, G. **Os Quadros**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

DELAFOSSÉ, C. e JEUNESSE, G. **Os retratos**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

Coleção Preparação

BUCHMANN, Luciano. **Entendendo Museus**. Preparando a visita de criança a museus. Curitiba.

BUCHMANN, Luciano. **Guido Viaro** – Guido vendo longe. Curitiba.

BUCHMANN, Luciano. **Andersen** – escola de ver. Curitiba.

BUCHMANN, Luciano. **Miguel Bakun** – aquele azul, amarelo, verde. Curitiba.

Coleção Olhar e Ver

VERGER, Pierre. **A vida em sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

VERGER, Pierre. **Crianças**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

VERGER, Pierre. **Influências**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

VERGER, Pierre. **O mundo do trabalho**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CANTON, Katia. **Bicho de artista**. São Paulo: Cosac & Naify. 2004.

CANTON, Katia. **Mesa de artista**. São Paulo: Cosac & Naify. 2004.

CANTON, Katia. **Pintura aventura**. São Paulo: DCL. 2006.

CANTON, Katia. **Espelho de artista**. São Paulo: Cosac & Naify. 2009.

FONTANEL, B. e HARCOURT, C. **A criação da pintura**. São Paulo: Melhoramentos. 1994

VIANA, Vivina de Assis. **O rei dos cacos**. São Paulo: Brasiliense. 2009.

Sites

Avisa-lá. www.avisala.org.br

Museu Guido Viaro – www.guidoviaro.org.br

Museu da Infância – www.museudainfancia.unesc.net

Museu dos Brinquedos - www.museudosbrinquedos.org.br

Blogs

Diálogos entre arte e Público: <http://dialogosentrearteepublico.blogspot.com/>

Repensando Museus: <http://repensandomuseus.blogspot.com/>

Referências

- ALENCAR, V. P. **O Mediador Cultural**: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de artes. Dissertação. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Júlio Mesquita; 2008.
- BRANDÃO, Euro. **Guido Viaro**: a valorização da figura humana. Museu Guido Viaro. 1981. (Palestra pronunciada por ocasião do décimo aniversário da morte do pintor Guido Viaro no auditório do Museu Guido Viaro)
- CERISARA, Ana Beatriz; SARMENTO Manuel Jacinto. **Crianças e miúdos** – perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação. Portugal. ASA, 2004.
- COSTA, Carina Martins. **Uma casa e seus segredos**: a formação de olhares sobre o Museu Mariano Procópio. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2005.
- GABRE, Solange. **Educação Infantil no museu**: construindo saberes em arte. *In*: SANTOS, Anderson P. (Org.) Diálogos entre arte e público. Educadores de museus e sala de aula: que diálogos são esses? Caderno de textos II. Recife, Fundação de Cultura da Cidade de Recife, V.2, 2009.
- GROSMANN, Martin. **O museu de arte hoje**. Fórum Permanente.
- LEITE, E. C. P. e GABRE, S. **Museu na Escola** – orientações para o trabalho na educação infantil. Secretaria Municipal da Educação de Curitiba. Curitiba, 2010.
- LEITE, M. I. Museus de arte: espaço de educação e cultura. *In*: LEITE, M. I.; OSTETTO E. L. (Orgs.) **Museu, educação e cultura**. encontro de crianças e professores com a arte. Campinas. Papirus, 2005.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Material educativo da 4a Bienal do Mercosul**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2003.
- MARTINS, Mirian Celeste. (Org.). **Mediação**: provocações estéticas. Grupo de Pesquisa CNPq UNESP. São Paulo, 2005.
- MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. RBB, São Paulo, 2008.
- MIR, Carmen L. B. Educação como mediação em centros de arte contemporânea. *In*: BARBOSA, A e COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo. Unesp, 2009.
- OSINSKI, Dulce. R. B. **A Modernidade no sótão** – educação e arte em Guido Viaro. Curitiba: UFPR, 2008.
- PARSONS, Michael J. **Compreender a arte**. Lisboa: Presença, 1992.

PILLOTTO, S. S. D. As linguagens da arte no contexto educacional. *In*: PILLOTTO, S. S. D; PEPELATO, Carla. (Orgs.) **Linguagens da arte na infância**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2007.

PILLOTTO, S. S. D. e MEIRA, Marli. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre, Mediação. 2010.

PLAIASANCE, Erick. **Por uma sociologia da pequena infância**. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 25, n. 86, p. 221-241, abril 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br> > Acesso em abril de 2010.

SILVA, Susana Gomes da. Para além do olhar: a construção e a negociação de significados pela educação museal. *In*: BARBOSA, A e COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo. Unesp, 2009.

Anexo 1 – Imagem do Museu



Fachada do Museu Guido Viaro. Fonte: www.museuguidoviaro.org

Anexo 2 – Menino da abóbora



Menino da abóbora,
64x48cm
Óleo sobre tela

Anexo 3 – Jogo da memória dos retratos



Polaca, 1935
50x40cm
Óleo sobre tela



Esposa do artista, 1940
36x31cm
Óleo sobre tela



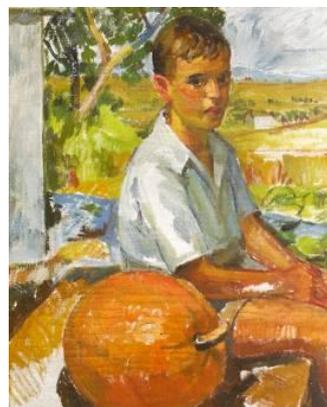
Esperando, 1943
53x48,5cm
Óleo sobre tela



Violeiro, 1945
90x74,5
Óleo sobre tela



Huck, 1947
64x48cm
Óleo sobre tela



Menino da abóbora,
65x48,4cm
Óleo sobre tela



Meninas, 1946
76,5x90,5
Óleo sobre tela



Tipos curitibanos, 1960
52,5x54,5
Óleo sobre tela

Anexo 4 – Tarefa

Propomos como tarefa a ser desenvolvida no CMEI, como continuidade do trabalho com a obra de Guido Viaro, o encaminhamento: **Pinceladas que viram paisagens...**, a partir da imagem:



Paisagem, óleo sobre tela, 1948.

Diferentes olhares...

Sugerimos a você, professor, que coloque a imagem num local onde todas as crianças consigam enxergá-la. A partir de então deixá-las observar por um tempo e, na sequência, iniciar um diálogo:

- O que você vê na imagem?
- Que lugar é esse?
- Quem são essas pessoas?
- Como são as casas?
- Porque os animais estão ali?
- Quais são as **cores** que o artista utilizou?
- Essa **paisagem** tem alguma semelhança com algum lugar que você conhece?
- Você já observou a paisagem ao redor do CMEI?

Um pouco de prática:

Propor às crianças um breve passeio ao redor do CMEI para observar a paisagem. Instigar o olhar das crianças para a paisagem como um todo: o tipo de moradias, as cores, a vegetação, o céu, entre outros elementos. Questionar as crianças quanto às semelhanças e diferenças da paisagem ao redor do CMEI e a paisagem pintada por Guido Viaro.

Após o passeio, propor às crianças: Se você fosse um pintor de paisagens e pudesse escolher um detalhe, um pedacinho da paisagem ao redor do CMEI para pintar, o que escolheria? Por quê? O que precisaria para realizar essa pintura? Vamos tentar realizar essa pintura?

Depois da prática...

Professor, após o término da proposta, é importante um momento de exposição das pinturas na unidade e a escolha daquelas a serem encaminhadas ao Museu.. Essa atividade fará parte da exposição que será realizada no Museu.

Bom trabalho!

ANEXO 1 – HISTÓRIA DO ZÉZINHO

ZEZINHO, O PASSARINHO COLORIDO

Em uma floresta bem longe, viviam três irmãozinhos passarinhos. Sua casa era no alto de uma grande árvore, onde eles brincavam alegres todos os dias.

Mas um dia uma novidade aconteceu com um dos passarinhos, uma peninha colorida nasceu no passarinho mais velho.

Com os passar dos dias as peninhas coloridas cresciam cada vez mais, seus irmãozinhos mais novos achavam as peninhas lindas, e foram pedir à mamãe passarinho, peninhas iguaizinhas a do irmão.

A mamãe escutou os passarinhos, eles falavam todos juntos batendo as asinhas, e tentando explicar o quando desejavam ter ao menos uma peninha colorida.

A mamãe pensou e pensou e então decidiu ir falar com seu filho passarinho, dono das belas peninhas coloridas.

“Meu filhinho” falou a mamãe passarinho com uma voz muito suave.

“Fico muito feliz que você possua peninhas diferentes e tão bonitas, vejo que sente muito orgulho em poder voar mostrando o colorido das suas asas pelo céu.

Mas gostaria de lhe fazer um pedido, meu querido filho.

Vejo que tem mais do que uma peninha colorida, você poderia dar aos seus irmãozinhos umas peninhas?”

O passarinho ficou muito bravo e em silêncio. A mamãe passarinho respeitou e não falou mais nada, saiu e logo em seguida o passarinho voou para a árvore mais alta que conhecia.

Ele pensou, olhando as peninhas...

“Se eu dou todas as minhas peninhas, não terei mais o colorido...”

O Sol quando nasce, bate seus raios em mim, logo estou cheio de cores, parecendo um arco-íris.”

Resolveu então sair da floresta e procurar um lugar onde fosse longe o bastante para não precisar dividir suas peninhas.

Voou , voou e voou, até que chegou perto de uma casa grande onde atrás havia uma grande árvore.... O lugar era silencioso, o jardim era bonito, com flores todas coloridas e janelas de madeira.

Voou em cima da casa, e percebeu que uma parte do telhado era de vidro, então sentou sobre ele, e começou a observar o que tinha lá dentro.

Quando era pequeno, seu avô passarinho, sempre lhe contava sobre cores, lhe ensinou sobre o vermelho, o azul, o amarelo, o laranja, ele sabia que existiam pessoas que pintavam grandes telas, e faziam quadros, seu avô lhe contava tudo, mas ele jamais poderia imaginar que aquela casa fosse tão cheia de quadros.

Chegou mais perto do telhado e de lá pode ver uma grande tela, com o desenho de umas casinhas pequenas, e tinham também pessoas que estavam em frente às casas, que quadro bonito e colorido, pensou... Amanhã quero voltar aqui, para ver se consigo ver esse quadro de perto.

Resolveu dormir na árvore que tinha atrás da casa, ficou um dia, dois, três, e a cada dia que olhava o quadro, conseguia ver mais cores de desenhos diferentes.

Um dia Zezinho conseguiu entrar por uma janela, voou numa enorme sala

branca e conseguiu chegar até o quadro que ele tanto observara.

Nossa que lindo, foi o que ele disse quando parou no chão, bem pertinho do quadro.

Suas peninhas eram tão coloridas quanto aquele quadro, pensou.

Voou um pouquinho em volta do quadro, e quando ia voar um pouquinho mais, escutou pessoas entrando e saiu rapidamente pela janela.

No dia seguinte, durante a tarde escutou barulho de crianças, tinham muitas delas dentro da grande sala, estavam olhando para o quadro colorido e fazendo desenhos lindos. Zezinho ficou observando tudo do telhado de vidro.

Foi então que uma frase lhe chamou a atenção:

“ O colorido da vida está em fazer alguém feliz, compartilhando sempre o que temos de melhor..”

Uma moça de cabelos pretos falava com as crianças que discutiam por um lápis colorido, explicando o quanto é gratificante compartilhar.

Zezinho rapidamente lembrou dos seus irmãozinhos, de sua mamãe passarinho, e uma grande tristeza invadiu seu coração.

Ele fugiu justamente para não dar nenhuma peninha colorida para seus irmãozinhos.

Olhou rapidamente para as peninhas, e pensou no quanto seria maravilhoso poder repartir com seus irmãos, não somente as peninhas, mas também as brincadeiras e as risadas.

Saiu do telhado e voou o mais alto que pode, a grande casa cinza ficou pequenina aos seus olhos, e partiu em direção da floresta.

Depois de muito tempo reconheceu a árvore que sua família morava, pousou bem devagarzinho para não fazer barulho no tronco mais alto.

Estava um silêncio, olhou por entre as folhas e viu seus irmãozinhos dormindo.

Não encontrou sua mamãezinha pássaro, apenas seus dois irmãos.

Esperou que o dia amanhecesse, e quando percebeu que eles estavam acordados, entrou rapidamente e disse:

“Oi, que saudades de vocês”.

Os irmãozinhos ficaram quietos enquanto olhavam para ele.

“Onde está a mamãe?”

Então um deles disse:

“Ela foi para o céu”.

O coração de Zezinho ficou muito triste, porque descobriu que sua mãe tinha ido embora para sempre.

“Ainda bem que você voltou, estávamos sozinhos e com medo.”

Zezinho contou para seus irmãozinhos do lindo lugar que ele descobriu, que lá tinham flores, uma árvore bem grande, um quadro colorido que ele adorava muito, e crianças que iam até lá para visitar os quadros.

Então convidou seus irmãozinhos para voltarem com ele à grande casa cinza.

Os três viajaram muito até que chegaram até lá, o dia já estava claro quando pousaram na árvore grande.

Zezinho mostrou a eles toda a casa, inclusive o seu quadro preferido e também as crianças que iam até lá vê-lo.

Hoje Zezinho mora atrás da grande casa cinza com seus irmãozinhos, cada um ganhou uma peninha colorida, e Zezinho descobriu o quanto é bom compartilhar e ajudar quem precisa.

Toda vez que as crianças chegam à casa cinza, Zezinho e seus irmãozinhos

saem da árvore e ficam no telhado de vidro, muitas vezes cantam uma bela canção para alegrar o coração das crianças.

Zeinho descobriu que a grande casa cinza tinha um nome, se chama Museu Guido Viaro, lugar onde ele e seus irmãozinhos vivem contentes e felizes.

Autora: Daiani Fagundes